



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

SIMÃO JOSÉ FERNANDES PEDROSA

**A reforma do Altar cristão segundo o Concílio Vaticano II e
a sua importância na disciplina de Educação Moral e
Religiosa Católica**

**Contributo para a unidade letiva “A Partilha do Pão” do 6º ano
do programa de Educação Moral e Religiosa Católica**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga
2020**

Aos meus Pais e Irmã

“A seguir à floração a amendoeira desenvolve as folhas e um casulo de casca verde e dentro deste, um outro casulo de cor castanha mais duro, em cujo interior surgirá o grão de amêndoa.”

José Manuel Cordeiro

Agradecimentos

Algumas breves palavras de agradecimento!

Se me é possível desvelar um pouco de afeto e agradecimento, antes de mais, aos meus familiares pelo apoio em tudo o que é a vida em família na rotina diária.

À Professora Doutora Isabel Varanda que, para além de aceitar a orientação deste trabalho de investigação e relatório de estágio, sempre nos incentivou a avançar e progredir no conhecimento. Pela generosidade, trabalho e paciência demonstrada ao longo deste tempo de estágio!

À Professora Maria José do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches que orientou o estágio. A competência, o acompanhamento e a simpatia que demonstrou ao longo do ano escolar foram notáveis!

Ainda, um agradecimento a todos os Professores que nos fizeram crescer ao longo da vida, não só no conhecimento, mas como pessoas e seres em relação com o mundo!

Aos colegas de estágio pela partilha, pela amizade e pelas conversas ao longo deste percurso efetuado e a todos os Amigos que dão verdadeiramente um pouco de si mesmos.

Para todos eles vai o meu “Muito grato!”

A reforma do Altar cristão segundo o Concílio Vaticano II e a sua importância na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica

RESUMO

O Altar cristão é para os crentes o local central para a expressão pessoal e comunitária da sua fé, nomeadamente, na Eucaristia. Ao mesmo tempo, permite uma aproximação entre o humano e o divino. É preciosa a percepção da importância do Altar por parte dos alunos e do seu real significado como local sagrado, de encontro com a alteridade, de partilha e de dádiva total de cada um. No contexto atual, a linguagem simbólica tem um papel fundamental na transmissão de uma mensagem e, por isso, o ensino de Educação Moral e Religiosa Católica não pode perder a oportunidade de dar a conhecer os símbolos da fé cristã. Sabemos que a cultura, a história e a identidade do mundo Ocidental tem as suas raízes na cultura cristã que não devemos esquecer. Por isso, conhecer o Altar e o que ele significa é mergulhar na nossa origem e identidade.

Palavras-chave: Altar, Eucaristia, Valores, Cristo, Comunhão.

ABSTRACT

The reform of the Christian Altar according to the Second Vatican Council and its importance in the discipline of Catholic Moral and Religious Education

The Cristian Altar is the focal point for personal and community expression of their faith for believers, namely, in the Eucharist. At the same time, it allows an approximation between the human and the divine. Students' perception of the importance of the Altar and of its real meaning as a sacred place, where they can meet with otherness, share and give themselves away totally is paramount. In the current context, symbolic language plays a fundamental role in the transmission of a message and, therefore, the teaching of Catholic Moral and Religious Education should not miss out the opportunity to allow students know the Christian faith symbols. We know that Western world culture, history and identity have its roots in Christian culture, so we must not forget it. This is why knowing the Altar and what it means is to dive into our origin and identity.

Keywords: Altar, Eucharist; Values, Christ, Communion.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DO ALTAR	10
1. Pré-cristianismo	10
<i>1.1 Ara e Altar</i>	10
<i>1.2 Altar: dos dos Patriarcas à libertação do Egipto</i>	11
<i>1.3 Altares do templo de Salomão</i>	14
2. O Altar cristão ao longo da história	15
CAPÍTULO II - O ALTAR E O CONCÍLIO VATICANO II	30
1. O Altar e a reforma do Concílio Vaticano II	30
2. Movimento Litúrgico e Vaticano II	31
3. Documentos litúrgicos extraídos do Concílio Vaticano II	38
<i>3.1. O Altar segundo o Pontifical Romano - Dedicção da Igreja e do Altar e a Instrução Geral do Missal Romano</i>	39
<i>3.2. Sacrossanctum Concilium e Concílio Vaticano II</i>	46
<i>3.3. O ritual de 1977</i>	48
<i>3.4. Código de direito canónico e o Altar</i>	50
<i>3.5. Catecismo da Igreja Católica e o Altar</i>	51
<i>3.6. O “motu proprio” Summorum Pontificum</i>	53
4. O Altar e a assembleia	54
5. Espaço e funcionalidade do Altar	56
6. Altar: mesa/pedra do sacrifício	57
7. Cristo o verdadeiro Altar, sacerdote e cordeiro	59
8. Unção, incensação, revestimento e iluminação do Altar	61
9. Teologia do Altar	62
CAPÍTULO III - REFERENCIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DA UNIDADE	
LETIVA 3 - 6º ANO - "A PARTILHA DO PÃO", DO PROGRAMA DE EMRC	66
1. Finalidade da Educação	66
2. A Dimensão artística e cultural do Altar – educar para o património	72
3. O Altar no ensino escolar da religião	75
4. "A Partilha do Pão" – Uma proposta de currículo adaptado	77
5. Da vertende teórica à prática	79
<i>5.1. Caraterização do Agrupamento e da Escola Dr. Francisco Sanches</i>	79
<i>5.2. Caraterização da Turma do 6º segundo de escolaridade</i>	

<i>da Prática de Ensino Supervisionada</i>	81
6. Em tempos de pandemia	81
7. Aulas planificadas e lecionadas	85
7.1. <i>Aula 1 – Introdução à unidade letiva "A Partilha do Pão"</i>	85
7.2. <i>Aula 2 – A dimensão simbólica da refeição</i>	88
7.3. <i>Aula 3 – Produção, comércio e distribuição injusta dos alimentos</i>	90
7.4. <i>Aula 4 – Instituições que lutam contra a fome</i>	93
7.5. <i>Aula 5 – Visualização de um filme sobre a Última Ceia</i>	96
7.6. <i>Aula 6 – Ser para os outros como doação de si mesmo</i>	98
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA	103

INTRODUÇÃO

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada que nos propomos a desenvolver é um exercício comparável com a construção de uma casa ou edifício.

O tema, que coincide com o nosso projeto versa sobre a história e teologia do Altar. A partir de uma vivência cristã, reconhece-se que o Altar desempenha um papel central no culto litúrgico cristão, pois trata-se de um símbolo do próprio Cristo que é considerado ao mesmo tempo “sacerdote, Altar e vítima.”¹

A Última Ceia de Cristo, celebrada pela Igreja na Quinta-Feira Santa, perpetua a memória da paixão de Cristo.

O nosso trabalho pretende aprofundar a compreensão dos alunos sobre “A Partilha do Pão” da unidade letiva três do sexto ano. Deste modo, não basta ver o alimento como algo da rotina do dia-a-dia ou um ato meramente fisiológico. É preciso ir mais além. É necessário perceber a importância do agradecimento e da partilha como dons. Valores importantíssimos nos dias atuais. Relembrar a Última Ceia significa estar diante do outro (alteridade) no amor, na partilha e no dom de si mesmo total e incondicional à semelhança de Jesus Cristo. Aí, o ato de se alimentar ganha uma expressão maior, de fé e de espiritualidade, que nos implica numa missão que consiste em estar diante da vida como diante da mesa e do Altar cristão. No que respeita aos primórdios da era cristã, reconhece-se que pouco ou quase nada se sabe sobre a construção dos primeiros Altares. Para os alunos é fundamental perceber a importância do Altar na fraternidade humana e na fé que nos leva para além de um fator de fé pessoal, mas nos introduz na vida comunitária à luz do evangelho de Cristo. O estudo do Altar permite enriquecer os conhecimentos dos alunos e, certamente, ajudará a saber mais sobre como eram designados esses Altares pelos primeiros cristãos? Como eram esses Altares? De que material eram feitos? Eram fixos ou móveis? Logo, se pouco ou nada se sabe sobre esta temática, procuraremos centrar a nossa atenção nos vários documentos escritos, estudos e dados científicos concretos que chegaram até nós. Estes serão os pilares da construção de base do nosso edifício. Só a partir deles, poderemos construir a nossa obra justificada pelo rigor científico e histórico não em relação a uma verdade absoluta, mas a uma aproximação mais concludente dessa mesma verdade.

O nosso percurso assente numa linha histórica e diacrónica permitir-nos-á compreender que o Altar moderno é o resultado de uma busca sempre incompleta do Homem. Procura-se que

¹“Sentido Teológico-Litúrgico do Altar Cristão”, acessido 11 de janeiro de 2020, <https://afeexplicada.wordpress.com/2015/04/30/sentido-teologico-liturgico-do-Altar-cristao>.

o Altar seja uma alfaia ou um meio de culto que dê uma resposta pragmática, objetiva e eficiente do culto cristão a Deus. Como resposta à nossa procura, registamos inúmeras variações de género e de estética que foram surgindo ao longo da história até aos dias de hoje. Ainda nos tempos atuais procuramos essa aproximação da perfeição nas constantes reformas litúrgicas (Concílio Vaticano II) e com elas acontece um “pressing” sobre as próprias construções físicas. É certo que a evolução não será apenas fruto da ciência litúrgica e teológica, mas da evolução humana em outras áreas, como por exemplo no aparecimento de novos e variados materiais de construção que influenciaram a arquitetura o que, por sua vez, alterou a estrutura das igrejas e a maneira de conceber internamente os espaços reservados ao culto.

De qualquer maneira, tudo isto revela ser uma tentativa insatisfeita do ser humano em responder a Deus e, em simultâneo, aproximar-se do lugar eterno prometido pela Ressurreição de Jesus Cristo. Nessa perspetiva, acreditamos que somos guiados por essa fé em Cristo e pela beleza da luz que dela emana, a fim de tornar a Igreja terrena mais próxima da celeste.

Assim sendo, veremos ao longo deste percurso trans-histórico como era concebido o Altar para os cristãos, mártires e Padres da Igreja nos primórdios da religião cristã, não descurando o que eles pensavam acerca deste tema. Em sentido figurativo, estes serão os primeiros pedreiros e trabalhadores do edifício que procuraram o material de construção e as formas mais adequadas de o edificar.

CAPÍTULO I - A HISTÓRIA DO ALTAR

O Altar é um lugar de excelência, dentro de um templo cristão, sendo nesse espaço gracioso que o divino e o humano se encontram. Por isso, o Altar irrompe no tempo cronológico e no espaço do mundo para ser o centro da celebração litúrgica, nomeadamente da Eucaristia. Assim, conhecer um pouco da história e da importância litúrgica do Altar é fundamental, até para que se apreenda o seu significado, simbologia e sentido.

1. Pré-Cristianismo

Neste ponto inicial, aborda-se a distinção de termos, entre *Ara* e *Altar* de forma genérica. Ainda, os Altares no tempo dos Patriarcas até à libertação do Egito e, por fim, o tempo do rei Salomão.

1.1 *Ara e Altar*

A “*ara*” é um conceito latino que designava o lugar destinado aos sacrifícios a deuses menores. Consistiria numa pedra de tamanhos e feitios variáveis, muito ou pouco trabalhada, onde se consagravam as oferendas aos deuses e eram colocadas ao ar livre, em templos ou casas particulares.² Em geral, uma “*ara*” seria um instrumento usado para pequenos suplícios e libações, muitas vezes reservados ao culto dos mortos, enquanto o “*Altar*” servia aos sacrifícios. Mais tarde veremos como a “*ara*”, sendo um objeto de culto aos mortos, será absorvida pelo “*Altar*.”³

A noção de “*Altar*” resulta da aglutinação das palavras de origem latina “*alta*” e “*ara*” e designa um Altar mais elevado e consagrado a deuses superiores.⁴ Em sentido lato refere-se ao “*lugar sobre o qual se oferece o sacrifício à divindade.*”⁵ O Altar pagão, em geral, servia para queimar a vítima sobre ele, enquanto o Altar cristão é dotado de toalha que serve de mesa para tomar a refeição.⁶ A definição de Altar pagão surge de forma simplista para designar a

² Manuel Alves De Oliveira, “Ara”, in *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, vol.2, (Lisboa: Verbo, 1964), 871.

³ Henri Leclercq, “Autel”, in *Dictionnaire d’Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, vol.1, (Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1907), 3155.

⁴ Manuel Alves De Oliveira, “Ara”, in *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, Verbo, vol. 2, 871.

⁵ José Da Costa Ferreira, “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*, vol. 1, (Lisboa: Verbo, 1963), 1469.

⁶ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, (Magnano: Edizioni Qiqajon, 2005), 57.

necessidade humana de oferecer sacrifícios aos deuses, nos quais acreditavam, e de possuir, para tal efeito, um local adequado, concreto e intemporal, para que o agradecimento e louvor aos deuses acontecesse.

A relação entre divindades e povos ou tribos (sedentárias ou nómadas) conduziu à improvisação ou fixação de locais onde as oferendas sacrificiais pudessem ser efetuadas.

Outras culturas e civilizações claramente politeístas erigiam Altares, segundo o seu grau de desenvolvimento e concepções religiosas, com variadas formas, tamanhos e feitios para obterem eficácia no culto ao respetivo “*deus*” ou “*deuses*”:

[...] Vêm mais tarde os A. de pedra dos Egípcios e Assírios, mais ou menos ornamentados, conforme as épocas. A configuração e o tamanho variavam notavelmente. Para os sacrifícios cruentos tomavam a forma de recipiente, com amplos canais por onde corria o sangue das vítimas e onde eram lançadas as cinzas dos holocaustos. No Egito, com o culto dos mortos, tinham significado especial os A. funerários. Na Arábia, entre os Sabeus, sobretudo, eram típicos os A. de incenso e perfumes. Na Pérsia encontramos as piras, que se consumiam também com a vítima. Não era raro escolher-se o cimo de um monte como base do A., p. ex., o de Apolo na Arcádia. Tal facto encarna profundamente o significado íntimo do A.⁷

A religiosidade de diversas culturas é claramente de carácter politeísta.

1.2 Altar: dos Patriarcas à libertação do Egito

O termo *mizbêah* significa em hebraico “*imolar*” ou “*sacrificar*”, mas alargou-se em sentido semântico até ao significado de “*Altar*.”

A arqueologia e os estudos efetuados confirmam a existência real de Altares pré-israelitas numa variedade semelhante às descritas inicialmente nas Escrituras.⁸

A pré-história israelita, neste contexto de adoração e religiosidade, inicia-se com Abraão e as tribos semitas que desenvolveram um processo de fé e Aliança (“*berît*”) com Deus que lhes prometeu descendência e uma terra para habitar. O início da formação do que viria a ser Israel foi um complexo processo, provavelmente, de mistura e ao mesmo tempo procura e purificação de um sentido religioso e na busca de um Deus pessoal. Tribos nómadas provenientes da Suméria e Península Arábica terão chegado ao atual Israel nos primórdios do II século A.C., como terá sido o caso de Abraão que deixou a cidade de Ur. Tomou a sua família e partiu para a terra que Deus lhe indicou. Chegando a Siquém: “Iahweh apareceu a Abrão e

⁷ Pedro Rocha, “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*, vol. 1, (Lisboa: Verbo, 1963), 1470/1471.

⁸ Raimundo de Oliveira, «Altar», in *Enciclopédia Verbo*, Vol. 1, (Lisboa: Verbo, 1963), 1471.

disse: 'É à tua posteridade que eu darei esta terra.' Abraão construiu aí um altar a Iahweh e invocou seu nome" (Gn 12,7).

Mais tarde, depois de estar no Egito, no regresso. Abraão voltou a parar no local onde tinha feito o Altar e invocou o nome de Deus (Gn 13,3-4).

No universo semítico tudo pode ser um sinal do divino e não existe uma leitura clara e uniforme. A Israel cabe perceber os sinais da presença de Javé e n'Ele acreditar e confiar. De pouco em pouco e em virtude desses sinais e acontecimentos vão-se estabelecendo locais próprios de adoração.⁹

Na sequência, temos o episódio do pseudo sacrifício de Isaac, filho de Abraão, numa montanha indicada por Deus (Gn 22,9-10). Tal como Isaac que, também erigiu um Altar (Gn 26,25), ou Jacob que dormiu com a cabeça reclinada numa pedra e depois do diálogo com Deus, fez um voto de erguer aquela pedra como uma estela (Gn 28,22).¹⁰

Ainda antes deste chamamento de Abrão temos o episódio de Abel e Caim (Gn 4,1-5) onde são oferecidos produtos da agricultura e as primícias do rebanho e sua gordura. Não se fala em Altares. Apenas um pouco mais adiante, depois do dilúvio e da saída da arca, encontramos um Altar feito por Noé: "Noé construiu um altar a Iahweh e, tomando de animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos sobre o altar" (Gn 8,20).

Resumindo, os Patriarcas, como nos são apresentados no Livro do Génesis, são figuras que vivem num contexto pouco claro das diferentes tribos, por falta de dados históricos e concretos. Até porque o verdadeiro interesse será chegar a Moisés.

Do mundo patriarcal passamos a uma das potências da altura: o Egito. Os povos semitas instalados no que é atualmente Israel, recorriam em caso de necessidade extrema à ajuda externa, quando não estivessem mesmo sob domínio exterior, neste caso egípcio. Parece transparecer que dos hebreus presentes no Egito, uns terão ido para lá voluntariamente enquanto outros terão sido vítimas de incursões do reino do Nilo em latitudes superiores como foi o caso de Amenófis II.¹¹ Certo é que grande número de hebreus foram forçados a trabalhar na construção de Piton e Ramsés (Ex 1,11).

Estas referências pretendem apenas localizar-nos um pouco na história de Israel. Importa agora perceber que, por volta de 1.200 A. C.¹², Moisés dá cumprimento à promessa de Deus de libertar o Seu povo da escravidão do Egito no episódio da sarça-ardente (Ex 3,1-17).

⁹ Albert Gelin, "O altar no Antigo Testamento", in *La Maison-Dieu* 29, (1952), 9-17.

¹⁰ Em alguns pontos o livro do *Génesis* refere Altares erigidos a Deus por Jacob, por ex: Cf. Gn 33,20 e 35,1.

¹¹ John Bright, *História de Israel*, (S. Paulo: Edições Paulinas, 1985), 178.

¹² O êxodo não será muito consensual na data em que ocorreu, nem sequer na forma como decorreu, de qualquer maneira terá ocorrido por volta do século XIII A.C. Cf. John Bright, *História de Israel*, 178.

Apesar de podermos fazer inúmeras considerações sobre a história de Israel o que nos importa é voltar a centrar a nossa atenção no “*Altar*”.

Quando chegam a Canaã, Deus identifica-se claramente como o único Deus, que quer a celebração do que será a Páscoa (passagem que libertou o povo israelita do Egito, (Ex 23,15) e explicita como deve ser o Seu Altar:

Iahweh disse a Moisés: «Assim dirás aos israelitas: Vistes como vos falei do céu. Não fareis deuses de prata ao lado de mim, nem fareis deuses de ouro para vós. Far-me-ás um altar de terra, e sobre ele sacrificarás os teus holocaustos e os teus sacrifícios de comunhão, as tuas ovelhas e os teus bois. Em todo lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome, virei a ti e te abençoarei. Se me edificares um altar de pedra não o farás de pedras lavradas, porque, se levatares sobre ele o cinzel, profaná-lo-ás. Nem subirás o degrau do meu altar, para que não se descubra a tua nudez» (Ex 20,22-26).

Deus instrui ainda acerca da mesa dos pães da oblação (Ex 25,23 s.) e do Altar dos holocaustos:

Farás o altar de madeira de acácia; com cinco côvados de comprimento e cinco côvados de largura, o altar será quadrado; a sua altura será de três côvados. Dos quatro lados farás levantar chifres, que formarão uma só peça com o altar; e o cobrirás de bronze. Far-lhe-ás também recipientes para recolher a gordura incinerada; e pás, bacias para a aspensão, garfos e braseiros; farás todos esses acessórios de bronze. (...)” (Ex 27,1-3).

A entrada do povo israelita na Palestina teria sido uma missão complexa e a fixação no território uma tarefa não menos árdua. Os cananeus, os amoritas, entre outras tribos e povos, possuíam certamente áreas que a pouco e pouco ou de forma mais ou menos violenta foram sendo tomadas de modo que o chamado Javismo se ia fortalecendo cada vez mais.¹³

Apesar deste fato, ainda existem infidelidades, que são constantes e reincidentes:

Ao lado dos inúmeros altares de outros deuses – sempre proibidos e, até ao exílio sempre reimplantados –, a história do A. apresenta em Israel uma trajetória idêntica à dos santuários dedicados a Iavé. A multiplicidade original tornou-se suspeita pelas ameaças que encerrava contra o monoteísmo e recto culto; daí que tenha sido abolida em favor do único templo já privilegiado por abrigar a Arca da Aliança: o Templo de Salomão.¹⁴

Veremos de seguida como Salomão teve um papel importante para normalizar o culto em torno de um só templo.

¹³ John Bright, *História de Israel*, 179-183.

¹⁴ Raimundo de Oliveira, “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*, Vol. 1, (Lisboa: Verbo, 1963), 1472.

1.3 Altares do Templo de Salomão

No templo mandado erigir pelo Rei Salomão existiam dois Altares: o Altar dos holocaustos e o Altar do incenso ou dos perfumes.

O primeiro seria um Altar em bronze:

No mesmo dia o rei consagrou o interior do pátio que está diante do Templo de Iahweh; pois foi lá que ofereceu o holocausto, a oblação e as gorduras dos sacrifícios de comunhão, uma vez que o altar de bronze, que estava diante de Iahweh, era pequeno demais para conter o holocausto, a oblação e as gorduras dos sacrifícios de comunhão (I Re 8,64).

Este Altar ocupava o centro, frente ao edifício, e era reservado ao clero. Seria uma grelha enorme onde as vítimas eram queimadas e onde se depunham as primícias da colheita.

No reinado de Acáz (segunda metade do século VIII A.C.), este ordenou que o Altar fosse substituído ou remodelado, segundo um modelo originário de Damasco:

O rei Acáz foi a Damasco para encontrar-se com Teglat-Falasar, rei da Assíria, e viu o altar que havia em Damasco. Então, o rei Acáz mandou ao sacerdote Urias o modelo do altar e o desenho de toda a sua construção. O sacerdote Urias construiu o altar, executando todas as instruções que o rei Acáz havia mandado de Damasco, antes que voltasse de Damasco. Quando o rei Acáz chegou de Damasco, viu o altar, aproximou-se e subiu a ele. Fez queimar sobre o altar seu holocausto e suas oblações; derramou a sua libação e aspergiu o sangue dos seus sacrifícios de comunhão. Quanto ao altar de bronze que estava diante de Iahweh, mandou tirá-lo de diante do Templo, onde ele estava entre o novo altar e o Templo de Iahweh, e mandou colocá-lo junto ao novo altar, no lado norte. O rei Acáz deu esta ordem ao sacerdote Urias: «É sobre o altar grande que queimarás o holocausto da manhã e a oblação da tarde, o holocausto e a oblação do rei, o holocausto, a oblação e as libações de todo o povo; derramarás sobre ele todo o sangue dos holocaustos e dos sacrifícios. Quanto ao altar de bronze, competirá a mim determinar.» O sacerdote Urias fez tudo o que lhe ordenara o rei Acáz (2 Re 16,10-16).

O Altar do incenso ou dos perfumes era um pilar de madeira preciosa, com 1 metro de altura, com uma base quadrada de 50 centímetros de lado, feito de acácia e com muito ouro na parte superior e nas paredes:

Farás também um altar para queimares nele o incenso, de madeira de acácia o farás. Terá um côvado de comprimento e um de largura, será quadrado, e terá a altura de dois côvados; os chifres formarão uma só peça com ele. Cobrirás de ouro puro a sua parte superior, as paredes ao redor e os chifres; e lhe farás uma moldura de ouro ao redor. Far-lhe-ás duas argolas de ouro debaixo da moldura, de ambos os lados as farás;

nelas se enfiarão os varais para se levar o altar. Farás os varais de madeira de acácia e os cobrirás de ouro (Ex 30,1-5).

Sobressai a preciosidade do Altar, em ouro, onde se queimavam os perfumes, incensos e aromas. Este Altar, localizado na parte média do templo, tal como todo o edifício seguiu a sorte do resto do templo e da sua destruição em 587 A.C., quando da queda do Reino de Judá.¹⁵

O templo foi reconstruído, mas os cultos idolátricos estiveram sempre presentes, tal como uma helenização do mundo judeu, aquando de Alexandre o Grande e, mais tarde, sob o domínio selêucida. Isto exigiu uma revolta na escrita em género apocalítico (livro de Daniel), frente à profanação do templo, provavelmente em 166/5 A.C.¹⁶ Mas, também, efetiva no terreno com os Macabeus que culminou em vitória e na reconsagração do templo.¹⁷

Neste período dá-se uma maior restrição e exigência por parte das instituições religiosas: “Todavia, quem quer que compare a comunidade judaica como ela era no século quinto com o que se pode ver na literatura do período Macabeu, sente que se processou uma certa solidificação da fé: o fenómeno conhecido como judaísmo havia começado.”¹⁸

As leis ganham força e nascem as sinagogas como locais de referência e de participação no culto religioso a par do templo: “Esta instituição nova era a sinagoga, um meio de adoração pública ao lado do templo e seu culto é destinado a sobreviver a ele.”¹⁹

O culto fica assim definido, sobretudo, no templo e diante dos seus Altares mas ampliado nas sinagogas até ao tempo de Jesus Cristo.

2. O Altar cristão ao longo da história

O surgimento do cristianismo alterou a noção tradicional, até então, do Altar que passou a ser a mesa da celebração eucarística. Por isso, o Altar deixa de ser um local dedicado a um sacrifício animal ou de qualquer outra espécie e passa a ser mesa que faz a “anamnese” da Última Ceia (Mt 26,28) e o ato de fazer memória perene do próprio sacrifício de Cristo já que

¹⁵ Da história sabemos da queda da Samaria no norte, em 721 A.C., devido à recusa de Oseias em pagar tributo a Sargão II, monarca assírio da época. Subsistiu o sul até 587 A.C., sob governo de Sedecias, altura em que Jerusalém é destruída, juntamente com o Templo de Salomão e seus Altares. O rei da Assíria, Nabucodonosor II, implementou a política da deportação em massa e os israelitas foram exilados na Babilónia. Esta era uma característica dos assírios que destruíam culturas e povos com deportações massivas. Contrariamente, os persas sob comando de Ciro venceram os assírios e restauraram Israel por volta de 538 A.C, com ordens para reconstruir o templo. A política de Ciro era surpreendente para a época pois respeitava os nacionalismos e culturas próprias de cada povo dominado, sem algum intuito de esmagamento absoluto. Acerca de tudo isto Cf. J. Bright, *História de Israel*, (S. Paulo: Edições Paulinas, 1985), 463-505.

¹⁶ John Bright, *História de Israel*, 577-578.

¹⁷ John Bright, *História de Israel*, 581-582.

¹⁸ John Bright, *História de Israel*, 588.

¹⁹ John Bright, *História de Israel*, 595.

o ato de entrega era assim visto como oblação.²⁰ Tudo o que nasce ligado ao Altar está também unido ao ato de tomar o pão, dar graças e conseqüente distribuição do pão, tal como Cristo fez e disse aos seus discípulos.²¹ O Altar como objeto sagrado não é autónomo da Eucaristia.

A Última Ceia é o momento fundador da Eucaristia e, por sua vez, esta é o elemento que dá importância e relevo ao Altar e “na origem do altar da liturgia cristã está a mesa do cenáculo. Trata-se de um dado tanto histórico como teológico, em consequência, não pode ser descurado quando se examina o problema do altar cristão, qualquer que seja a época ou a situação cultural que pertença.”²²

A tradição de celebrar a Páscoa judaica tornou-se a base formal da Eucaristia cristã. Essencialmente, o evangelho de João acentua a visão sacrificial de Cristo, ao situar a Sua entrega antes da Ceia Pascal, na véspera em que se matavam os cordeiros.²³ É uma Nova Aliança estabelecida pelo sangue do cordeiro (Jo 19,14). O Altar entendido como Aliança deve ser entendido, em Cristo, como de ordem divina e não terrestre.²⁴

Jesus Cristo institui o Mistério Eucarístico como sacramento quando ordena: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

O pão e o vinho são o corpo e sangue de Cristo, depois de consagrados, significando para nós recordar a entrega total e livre de Jesus Cristo a toda a humanidade. O convite à memória e à partilha é certamente o verdadeiro significado do pronome demonstrativo “isto”.

Inicialmente, a celebração da Eucaristia estava inteiramente ligada ao ato de alimentação que é o chamado “ágape”. E desde cedo começam a surgir problemas de ordem e autoridade logo visados por S. Paulo (1 Cor 11,20-26). Esta carta escrita por volta do ano 56, em Éfeso, parece admoestar os cristãos de Corinto de cometerem exageros no banquete e abusos na bebida. Quando chegava a hora da Eucaristia já muitos não estariam em condições de participar em tão digno ato. O autor da carta não reprova o “ágape”, mas exorta a que chegada a altura da “anamnese” eucarística se tenha o devido respeito e reverência, próprios de tal celebração memorial. Ainda nesta carta, S. Paulo não fala em Altar, porque seria a mesa do “ágape”, mas condena aqueles que participam ao mesmo tempo na “*mesa do Senhor e na mesa dos demónios*” (1 Cor 10,21). Seriam cristãos que também participavam em sacrifícios pagãos.

²⁰ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 57.

²¹ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 57.

²² Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 58.

²³ Johan Konings, *Evangelho segundo João amor e fidelidade*, (S. Paulo: Loyola, 2005), 333.

²⁴ Neste aspeto é possível ver a diferença estabelecida pelo autor, quando confrontamos Hb 9,1 com Hb 8,6 e 9,15. O termo “diatheke” designa em grego a palavra hebraica correspondente a “Berit” que significa “Aliança”. Por isso, pela morte de Cristo assegura-se uma Nova Aliança com Deus.

Deduzimos que, nos primórdios do cristianismo, aconteciam encontros ou reuniões em casa de cristãos, sem Altares ou templos, mas simples mesas. As perseguições aos cristãos começam desde cedo e torna-se evidente a impossibilidade de manifestar a sua fé de forma notória ou pública. Mas também desde cedo a associação entre o modo como a celebração eucarística é feita e a mesa sobre a qual esta é celebrada, influenciou a forma de conceber a mesa.²⁵

A real evolução começa a dar-se já no século II em dois momentos. Por um lado, o aparecimento dos termos “*mesa*” e “*Altar*” na literatura para designar a Eucaristia, mas também a unidade da Igreja; por outro lado, a separação da Eucaristia do “*ágape*”.²⁶

Torna-se óbvio que se exigia uma separação da mesa celebrativa, como objeto litúrgico, dos restantes móveis domésticos e que foi acontecendo até finais do século II.²⁷

O Altar cristão²⁸ teve a sua origem nos primórdios do cristianismo como já foi dito. É verdade que, apesar de o cristianismo fazer uso da terminologia de Altar²⁹, a sua proveniência não pode ser atribuída aos Altares sacrificiais das religiões antigas. Antes pelo contrário, a “sua procedência está diretamente ligada à mesa utilizada pelos judeus para a celebração da páscoa e por Jesus em sua Última Ceia³⁰ com os Apóstolos.”³¹ Observe-se o que é dito em (Lc 22,14-15) a propósito desta ideia: “Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus Apóstolos e disse-lhes: ‘Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco (...) Fazei isto em minha memória.’”

A compreensão simples e clara que a Igreja primitiva tinha da celebração eucarística (considerada, primordialmente, como uma refeição) encontra-se plasmada na primeira carta de S. Paulo aos Coríntios, quando o Apóstolo afirma: “Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demónios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demónios.”³² No

²⁵ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 58.

²⁶ Uma evolução necessária quer pela dignidade que o Altar exigia, quer pelo rápido crescimento dos cristãos.

²⁷ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol.1, (Navarra: Ed. Universidade de Navarra, 1978), 19.

²⁸ Para obter uma perspetiva mais detalhada sobre o Altar cristão e a sua história, ver Pietro Sorci, “Per una Teologia dell’Altare”, In: VV-AA., *Gli Spazi della Celebrazione Rituale*, (Milano: OR, 1984), 63-87.

²⁹ Klemens Richter, *Spazio Sacro e Immagini di Chiesa*, (Bologna: EDB, 2002), 72: “Parece portanto necessário aclarar o que significa a palavra Altar. Apenas partindo do vocábulo, essa definição da sua natureza não se afigura óbvia, uma vez que o termo latino ‘*Altare*’ provém de *adolere*, que significa queimar. Logo, está diretamente associado ao culto sacrificial não cristão (que prevê a queima da oferenda).”

³⁰ Partilhando da opinião de José Ferreira, *A Celebração Eucarística como Lugar Privilegiado da Comunicação de Deus*, (Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2015), 52, convém realçar que: “Os relatos da Última Ceia de Jesus que chegaram até nós, através dos escritos do Novo Testamento, têm um carácter litúrgico [...] Um acontecimento que é simultaneamente recebido como dom e como mandado de Jesus, esta é a convicção que Paulo expressa á comunidade dos coríntios ‘Eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti’” (1 Cor 11,23).

³¹ Gabriel Frade, *A Influência do Movimento Litúrgico na Arquitetura das Igrejas Paulistanas da Época Pré-Vaticano II: Igreja N. Sra. Da Paz, Capela do Cristo Operário e Igreja de S. Domingos*, (São Paulo: 2005), 180.

³² Cf. 1 Cor 10,21.

seguimento destas palavras, S. Paulo destaca a ceia de Cristo como um banquete preparado para a comunidade:

Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado [...] Eis porque todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor.³³

Estes elementos sobre os primórdios do Altar permitiram a visão do Altar como local de refeição e como sendo o próprio Cristo. Na realidade e a propósito do Altar, a doutrina católica refere que, na Missa, estão presentes ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor.

A este respeito, José Ferreira salienta que o Altar, em torno do qual a Igreja se reúne aquando da celebração da Eucaristia, representa esses dois aspetos aludidos anteriormente, ou seja, o Altar do sacrifício é a mesa do Senhor³⁴ e por isso, é real, porque o Altar cristão é o símbolo do próprio Cristo que se faz presente entre os seus fiéis como vítima oferecida pela nossa reconciliação e como banquete celeste que se dá a nós: “Com efeito, o que é o altar de Cristo se não a imagem do Corpo de Cristo?”³⁵ Também Santo Ambrósio num outro momento destaca que “O altar representa o Corpo [de Cristo], e o Corpo de Cristo está sobre o Altar.”³⁶

É de realçar que o Altar é o local sagrado onde se realiza o sacrifício e onde se torna presente o corpo de Cristo, daí o facto de este ser reverenciado e receber a primazia no interior do espaço sagrado – templo cristão. Todavia, existe uma questão que precisamos colocar: por que razão é possível estabelecer uma associação entre o Altar e Cristo?

Para respondermos a esta pergunta é necessário recuar no tempo até à instituição da Eucaristia. Sabemos que ela foi programada não num Altar, mas numa mesa comum, logo, o sacrifício de Jesus foi antecipado e feito presente sob a forma de um banquete. Da mesma maneira e durante vários anos, a Eucaristia foi celebrada seguindo esse mesmo ritual.

Recorde-se que, para as religiões pagãs, o Altar tinha uma elevada importância. Isso significava que o Altar era “santo” e tornava “santa” a vítima e o sacrifício que sobre ele era

³³ Cf. 1 Cor 11,17-34.

³⁴ José Ferreira, *A Celebração Eucarística como Lugar Privilegiado da Comunicação de Deus*, (Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 2015), 50-51 “Em redor da mesa destinada à comensalidade realizam-se ou comemoram-se os acontecimentos fundadores do indivíduo e da sociedade. Ao longo da história, à volta da mesa, os homens celebraram nascimentos e ritos de passagem, comemoram toda a espécie de vitórias, e recordaram lutas, triunfos, crises e momentos de prova. [Nesse sentido] Querendo evidenciar a relação entre a importância antropológica da mesa, estabelecida para uma refeição, e a Eucaristia, é fundamental enquadrar a refeição do Novo Testamento no seu contexto.” Também a importância da dimensão comunicativa associada às refeições apresenta fortes reminiscências na Bíblia, inclusivamente desde o Antigo Testamento. Logo, a mesa desempenhará um papel extremamente relevante no ministério de Jesus Cristo.

³⁵ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1382.

³⁶ Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1383.

realizado. Porém, para os cristãos isso não acontecia, dado que o Altar é santificado por ação da oferenda que é o próprio Jesus Cristo.³⁷

Se é verdade que o Altar representa Cristo, ele não pode ficar completo sem os seus membros (mártires):

O sacrifício [dos mártires], de certa forma, completa o sacrifício do Senhor, não porque este não seja sobreabundante, mas porque os mártires o prolongam. Daí que as sepulturas gloriosas dos mártires passarão a considerar-se com o suporte mais idóneo para a mesa sacrificial. Celebrar a Eucaristia sobre um altar que contém relíquias de mártires sublinha o carácter exigente da comunhão com Cristo, ao mesmo tempo que propõe uma visão do altar como figura de Cristo.³⁸

S. Inácio de Antioquia na sua carta aos cristãos de Trale, torna clara esta separação ao dizer: “Aquele que está à sombra do altar, é puro; aquele que está fora não é puro, quer dizer, aquele que age sem o bispo, sem o colégio dos presbíteros e dos diáconos, não está puro na sua consciência.”³⁹

Mais tarde, na mesma carta, fala do Altar mas em sentido figurado, como unidade cristã: “Frequentai a Eucaristia que é símbolo de unidade; uma só, com efeito, é a carne do Senhor Jesus Cristo, um só o Cálice, símbolo da unidade do seu sangue, um só o altar, um só o bispo, com o colégio dos presbíteros e com os diáconos, meus irmãos, para que tudo o que fazeis, seja feito segundo Deus.”⁴⁰

S. Justino na sua *I Apologia* (por volta do ano 150) descreve o rito eucarístico, mas sem referência a Altares. Um documento siríaco de fins do século II descreve uma liturgia eucarística, onde fala do Altar: “O apóstolo mandou o seu diácono preparar uma mesa, preparou um tamborete que estava ali perto, estendeu uma toalha e colocou o pão.”⁴¹ Este relato permite deduzir que o objeto utilizado como mesa era provavelmente profano e que pouco ou nada nos fala da forma ou de algo específico e próprio que o diferenciase como objeto sagrado.⁴²

³⁷ “A assunção do nome “ceia do Senhor” para designar a Eucaristia por parte da crítica protestante tem um profundo significado, ou melhor, vários significados e implicações (...) para a doutrina católica, a Missa, cuja origem remonta ao acontecimento da Última Ceia de Jesus, constitui um verdadeiro e próprio sacrifício, porque, precisamente nesta ceia, como atestam as palavras da instituição, se antecipava a oferta sacrificial que Jesus iria fazer de Si próprio no dia seguinte sobre a cruz.” Paulo Pires, *Dimensão Sacrificial da Eucaristia: Do Concílio de Trento ao Magistério contemporâneo*, (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2013), 1-2.

³⁸ Felix Arocena, *El Altar Cristiano*, (Barcelona: 2006), 32; Instrução Geral do Missal Romano, n.º 302.

³⁹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos fiéis de Trale*, in *As cartas*, Jerónimo Contini (tradução), Coleção “Patrística”, (Lisboa: Edições Paulistas, 1960), Vol. 4, 167.

⁴⁰ INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos fiéis de Trale*, 193.

⁴¹ JUSTINO, *I Apologia*, *Atti di Tommaso* 49, in A. Hanggi, I. Pahl, *Prex eucharistica. Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti*, (Friburgo: Éditions universitaires, 1968), 76.

⁴² Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 59.

Já no livro do *Apocalipse* (escrito por volta do ano 96/98 e atribuído a S. João, exilado em Patmos), vemos uma descrição imensa do que parece um templo posterior que é a basílica. A questão coloca-se: será um lugar real numa idade tão precoce do cristianismo ou antes uma descrição de outro âmbito?⁴³ Nenhuma certeza se evidencia no horizonte para dar algum tipo de resposta clara.

A diferenciação entre “*ágape*” e Eucaristia verifica-se nos escritos de Tertuliano e de S. Hipólito em finais do século II e princípios do século III. O primeiro faz uma apologia descritiva do “*ágape*” sem referir, em algum momento, o sacramento da Eucaristia, enquanto S. Hipólito nos fala da separação do *ágape* do sacramento. Esta separação abre caminho para o aparecimento do Altar eucarístico, local próprio para celebrar a memória de Cristo, seja a ele móvel ou fixo.

Das poucas representações existentes nos primórdios da era cristã, possuímos uma representação de um trípede (aparentemente metálico), encontrada no cemitério de S. Calixto, na Capela dos Sacramentos, dos primeiros anos do século III.

Nesta representação vemos à esquerda uma figura masculina que estende a mão direita sobre o trípede e à direita uma figura que sugere orar com os olhos voltados para o céu.

A existência de Altares ou, pelo menos, móveis disponíveis para celebrar os sagrados mistérios é evidente nos escritos de S. Dionísio (258) ao Papa Sixto II. S. Cipriano de Cartago e Novaciano declaram ser costume dos fiéis levar o corpo do Senhor para casa.⁴⁴

O Altar (ou pelo menos o seu protótipo) adquire novo relevo, quando se começa a questionar o valor e a dignidade que deve possuir. Por volta do ano 222 escreve Tertuliano “Não será mais solene a tua oração se estás de pé junto do altar de Deus.”⁴⁵

Isto demonstra de forma plausível que a evolução do Altar móvel necessita de evoluir para fixo. A literatura da época assim o parece transparecer e a inexistência de vestígios arqueológicos também abonam a favor desta teoria. Apenas se fala de um caso peculiar que é a tumba de S. Pedro que dá origem à basílica do Vaticano.

Surge daí um dado relativo à veneração aos santos, quando se coloca um Altar de pedra sobre uma tumba: “(...) já no século II, e sobre uma tumba tida como do Apóstolo [Pedro], constrói-se uma mesa de pedra, um altar fixo.”⁴⁶

⁴³ Geralmente, surgem referências ao Altar associadas aos mártires e a pedirem justiça para o sangue derramado inocentemente em Ap 6,9-11; Ap 8,2-5; Ap 9,13; Ap 11,1-2.

⁴⁴ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 34-35.

⁴⁵ TERTULIANO, *De oratione*, 9, 2 in Fuentes Patrísticas, Juan Calvo (diretor da coleção), (Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2006), 321.

⁴⁶ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 46.

Em resumo, sobre a questão do Altar nos inícios do cristianismo pouco ou quase nada é possível concluir com clareza ou de forma definitiva, no entanto, ali se oferecia a Deus o louvor e as orações como Igreja reunida e “corpo de Cristo” e, por tudo isto, o Altar é sinal de alfaia sagrada.⁴⁷

Na época Patrística (II-VIII) valoriza-se a interpretação simbólica da Escritura e do Mistério Pascal, com o realismo dos ritos, relevando a mistagogia para um primeiro plano, também na Eucaristia⁴⁸ e diz Tertuliano: “Do pão que tinha tomado e distribuído aos discípulos fez o seu corpo dizendo ‘Isto é o meu corpo’ isto é ‘figura do meu corpo’; não seria figura se o seu corpo não fosse verdade.”⁴⁹ O realismo do ato sacramental e a importância da Encarnação de Cristo em toda a liturgia teria implicações também na sacralidade dada aos objetos litúrgicos e, evidentemente, ao Altar.

No ano 313, a paz de Constantino chega a todo o Império e com ele o fim das perseguições aos cristãos. E pouco tempo depois, no Concílio de Laodiceia, proibem-se os “*ágapes*” de forma formal. O respeito e valorização da Eucaristia torna-se evidente em tempos de paz, preparando para o tempo em que o Altar será de extrema importância em todo o culto. A exigência da centralidade da Eucaristia, em torno da igreja e do Altar, vai acentuando-se.

A igreja vai-se sobrepondo como local de culto central e primordial, em relação ao culto das outrora catacumbas ou, então, ao das “*domus ecclesiae*” que foi propício em tempos de perseguições.

S. Gregório foi o primeiro a referir-se a um Altar em pedra e consagrado, na sua “*Homilia para o dia das luzes, no qual foi batizado nosso Senhor Jesus Cristo*” e diz: “Também este altar santo, a que assistimos, é em pedra comum segundo a sua natureza, mas foi consagrado ao culto de Deus e recebeu a bênção, e mesa santa, altar imaculado.”⁵⁰ Deduz-se então que o Altar já existiria como local fixo e consagrado para a celebração da Eucaristia. Pelos escritos do século IV, percebe-se a existência de Altares de pedra e, obviamente, de madeira, mas dos quais nada resta uma vez que é matéria facilmente degradável. Não temos um conhecimento claro das suas formas ou de Altares em metal que seriam facilmente fundíveis. No entanto, S. Jerónimo descreve o que parece ser um Altar metálico (talvez?) porque fala em

⁴⁷ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 67.

⁴⁸ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 65.

⁴⁹ TERTULIANO, *Adversus Marcionem*, IV, 40, 3, in *Sources Chrétiennes*, René Braun (tradução), (Paris: Les Éditions du CERF, 2001), Vol. 4, 499.

⁵⁰ Gregório Magno, *Homilia para o dia das luzes, no qual foi batizado nosso Senhor Jesus Cristo*, 46, 581.

pedras preciosas (incrustadas?): “(...) com pedras preciosas os altares de ouro puro e dourado.”⁵¹

A vida religiosa cristã do século IV realizar-se-ia em torno das igrejas, das memórias dos mártires e, por vezes, coincidiam as duas no mesmo edifício.

Em torno das tumbas martiriológicas, celebrava-se a Eucaristia, mas também se dava o costume pagão de comer – o banquete funerário – proibido de forma clara por S. Ambrósio de Milão. Substitui-se este costume, pela oração dirigida a Deus e pelo mártir, no Altar e sobre os seus restos mortais.⁵² Desse modo, existiriam Altares móveis, capazes de se deslocarem aos restos mortais de um mártir⁵³, quando fosse propício, em contradição com os fixos das igrejas existentes, geralmente em pedra.

O costume de colocar os restos mortais perto do Altar virá a ser mais comum a partir dos finais do século IV. S. Ambrósio de Milão escreve por esta altura uma carta a sua irmã onde manifesta a vontade de que “as vítimas triunfantes sejam postas debaixo do lugar onde está Cristo óstia.”⁵⁴

Desta primitiva “*memoriae*” ou “*mensae ad martyres*” surge um tipo de Altar adossado à parede, semelhante às “*arae maiorum*” romanas e que nos lembram Altares domésticos ou oratórios particulares da época pagã, mas agora nas “*domus ecclesiae*”. Este tipo de Altar perdurará em toda a história do Altar posterior.

Na época do imperador Constantino fazem-se grandes construções de basílicas como a de S. Pedro no Vaticano ou o Santo Sepulcro em Jerusalém, mas sem Altares (com um baldaquino), pois são de um género martiriológico. As restantes construções, não sendo deste género, possuem Altares consagrados ao culto ou porque, sendo martiriológicas, foram remodeladas como por exemplo a igreja de S. Paulo extramuros de Roma e, talvez, a pequena Basílica de Santiago de Compostela.⁵⁵

Nos primeiros séculos da era cristã são usuais os relevos e pinturas, inclusive um uso de cancelas nas basílicas e até cortinas a velar o Altar. Mas mais importante seria que a representação em Altares era já um dado adquirido pois: “O Altar se moveu com toda a liberdade, uma vez perdido o medo de quando foi confundido com as aras pagãs, dentro de um ambiente cheio de colorido, de imagens – pelo menos pinturas – do Senhor, de Nossa Senhora, dos apóstolos e santos, de cenas dos testamentos (...).”⁵⁶

⁵¹ M.L. 22, 527.

⁵² Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 64-65.

⁵³ O Altar podia tornar-se fixo se assim fosse entendido, em casos especiais, como por exemplo o monumento de Gayo, na época de S. Dâmaso (papa entre 366-384).

⁵⁴ M.L. 16, 1023.

⁵⁵ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 71.

⁵⁶ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 77.

O culto latrêutico a Deus não impede que os restos mortais de santos e mártires descansem perto do Altar. Porque se ao primeiro se presta culto, aos segundos se evoca a proteção e intercessão divinas. S. Jerónimo no *Tratado contra Vigilância* defende: “Obra mal o Bispo de Roma que oferece a Deus os sacrifícios sobre os restos mortais de Pedro e Paulo, segundo nós, ossos venerados; segundo tu, povinho vil, e suas tumbas as têm como altares de Cristo?”⁵⁷ Também Sto. Agostinho contra Fausto (maniqueu): “(...) sem embargo não estabelecemos altares a nenhum mártir, mas sim ao mesmo Deus dos mártires.”⁵⁸ Fica clara a defesa do Altar com restos mortais de mártires e santos que também acabam por o dignificar pelo testemunho dado em vida. Fica clara uma tradição e devoção popular a este tipo de Altares por parte do povo cristão, mas sem cair em idolatria. O Altar é o centro de qualquer templo, um utensílio ou alfaia ao serviço de algo maior que é Deus. A ideia pagã de divinizar o objeto material não chegou a acontecer, também pelo tipo de culto israelita, onde a Arca da Aliança ou as Tábuas da Lei, simbolizam a presença do divino e não os Altares como fim em si mesmos.

Dos séculos IV, V, VI e VII não restaram Altares de metal ou madeira, embora tenham existido. Os mais comuns eram Altares de pedra com uma coluna de suporte central ou então quatro pilares, muitos deles com variados elementos decorativos e com relíquias de mártires colocadas na face do Altar, no capitel ou, então, na base ou no chão junto do Altar, com mármore em cima.⁵⁹ Por exemplo, o Altar de Auriol (hoje no museu de Vaisón), Boléry em Marselha e Sta Maria Antiga de Roma.

Existiram Altares inteiros, em forma de paralelepípedo e num só bloco, sem colunas ou pilares de base, como são exemplo: os Altares romanos de S. Nicolas, em Cesarini ou o de Santa Maria “*in Via Lata*”.

Em forma circular existiu o da capela dos mártires Paulo e Jacinto, no cemitério de Basília, em Roma. Todos eles possuem um espaço para as relíquias, situados em cima do sepulcro ou adossados à tumba, como por exemplo o da Basílica dos Mártires, no cemitério romano de Generosa (finais do século IV). Muitos destes Altares eram talhados, de formas mais ou menos finas, nas suas partes frontais. As basílicas podiam ter, ainda, cortinas ou cancelas a velar o acesso dos cristãos ao presbitério ou ao Altar. As cancelas tornaram-se usuais no Oriente. A presença da cruz, do ambão e da cadeira, reservada ao bispo ou presbítero, faziam parte do ambiente e adornos próprios da época.

No século VI, o Altar assume, definitivamente, um lugar de sacralidade, sendo até hoje um elemento diferenciado de todos os outros objetos litúrgicos. A dignidade e sacralidade dada

⁵⁷ JERÓNIMO, *Tratado contra Vigilância*, 23, 346, in *Tratados Apologéticos*, (Manuel Casquero e Mónica Celestino tradução), (Madrid: BAC, 2009), Vol. 8, 417.

⁵⁸ AGOSTINHO, *Tratado contra Fausto*, 42, 384.

⁵⁹ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 113.

ao Altar no século VI, sem estranheza, conduz-nos a uma nova forma de expressão litúrgica, onde a proximidade do Altar por parte dos fiéis, se torna proibida.

No Oriente vão-se fixando as cortinas e cancelas como elementos de separação entre o Altar e a assembleia enquanto no Ocidente apenas se valorizam as cancelas.

Entretanto, o Altar de pedra impõe-se em relação a qualquer outro material e a reforma do “*martirium*” de S. Pedro, no Vaticano, veio a ser um modelo seguido nas basílicas construídas posteriormente. A propósito dessa remodelação, sabemos que o Altar existente ficou unido à tumba: “Ficam assim unidos de forma quase imediata tumba e Altar, não só na ordenação arquitetónica, mas segundo a expressão plástica que esta leva consigo.”⁶⁰ Esta forma de solucionar a arquitetura do edifício com as celebrações eucarísticas e as tumbas dos mártires numa só estrutura foi, multiplamente, imitada.

No tempo do Papa Gregório, século VI, o uso de relíquias de mártires, em Altares, e a consagração de igrejas e Altares é indiscutível. É o início da valorização dos relicários.

Se alguma vez foi possível aos presbíteros a consagração de Altares, esse ato assume-se como da única e exclusiva responsabilidade do bispo.⁶¹

No século VIII, as normas disciplinares e morais formam um corpo único de doutrina jurídica e afirma-se ainda com mais força, a proibição de aproximação do povo ao Altar.

A par de uma intensa legislação eclesiástica e disciplinar, faz-se referência ao Altar portátil. Umas “*tábuas dedicadas*” podiam, muito bem, ser pequenos Altares de pedra, para serem facilmente transportados por comitivas de reis e para serem montados sob tendas, em tempos de guerra ou de grandes viagens.⁶²

A legislação do século VIII era rígida em relação aos locais onde se podia realizar a Eucaristia, pelo valor e sacralidade que a igreja e o Altar tinham adquirido.

Um dos traços deste século, era a associação entre o Altar e o cibório que já vinha de longa data, mas com intensa aplicação e elaboração de metais preciosos como eram o ouro e a prata. Também os elementos à volta do Altar: o presbitério, as paredes, as vigas e as cancelas (depois designadas de balaustradas), tudo era retocado, reconstruído e melhorado. Surgem imagens metálicas valiosas e os adornos de colunas e paredes possuem cada vez mais elementos decorativos. Sobre o Altar podem prefigurar cruces pendentes e, de uma forma geral, o ouro e a prata amontoam-se junto e à volta do Altar.

A coroação de Carlos Magno, em Roma, corria o ano de 800, trouxe reformas e, consigo, novas formas de edificios cultuais centralizados, que serviram de modelo para grande parte da

⁶⁰ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 142.

⁶¹ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 171.

⁶² Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 1, 114.

Europa cristã. Destacam-se o duplo presbitério nos dois extremos do templo, as criptas de relíquias, as três absides adossadas em paralelo na cabeceira e o santuário de planta centrada que remata as naves, atrás do presbitério. Estas alterações terão tido influência no enquadramento, no número e na expressão do Altar. Esta época começava a caracterizar aquilo a que se chamaria um tempo de alegorismo litúrgico⁶³, onde a obra de Amalário de Metz⁶⁴ também terá contribuído.

Apesar disso, o Altar não sofre grandes alterações na sua essência. Existem dois géneros principais de Altares no século IX. Um tipo de Altar que é um monobloco, volumoso de dimensões horizontais, decorados nas suas faces. E outro estilo de Altar, com um pilar central, herdeiros dos Altares visigóticos e merovíngios, também eles bem decorados. Permanecem em pedra como material de eleição, com mármore a embelezar os mais importantes e decorações em metal, possivelmente precioso, como a prata. O Altar permanece autónomo, embora algumas vezes próximo da parede da abside.

A consagração ou dedicação de Altares ou igrejas continua a ser da autoridade do Bispo, tal como o acesso ao presbitério proibido aos cristãos, ou o Altar portátil com a mesma função de acompanhar o rei. Basicamente, mantêm-se as normas do século VIII, e a aplicação de cancelas, cibórios e baldaquinos, tal como de imagens e cruxifixos. Também as relíquias dos santos continuam a ser veneradas, ao ponto de se fazerem capelas dedicadas ou Altares duplos e em paralelo, para honrar um novo santo, junto de outro que já ali teria o seu Altar.⁶⁵

Os Altares do século X tiveram forma de mesa com um suporte central único e com os cantos de pedra decorados e eram cobertos à vista dos fiéis por invólucros metálicos ou têxteis.⁶⁶

No século XI, dá-se a reforma de Cluny e a imposição do rito romano, implementada por Gregório VII. E em Cluny, o monge Uldarico escreve, por volta de 1086, os *Costumes mais antigos do mosteiro clunicense* e, nos capítulos XI e XII, descreve os panos que se colocam como toalha sobre o Altar.

A influência de Cluny nos Altares não será grande, mas sim na arquitetura e na liturgia. O Altar permanece de pequenas dimensões, em pedra ou blocos em forma de paralelepípedo. Continuava a decorar-se com metais valiosos e surgem revestimentos frontais têxteis de três géneros: um só pano (toalha) sobre o Altar; um pano que rodeia o Altar e, por último, duas

⁶³ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 68-73.

⁶⁴ Nascido em Metz entre 770-775 viveu até cerca de 850-853 e foi homem de confiança de Carlos Magno. Também chamado de Amalário de Treviri, teve um papel importante nas reformas e pensamento litúrgico do seu tempo. Este autor via o Altar como representativo da cruz de Cristo.

⁶⁵ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 2, (Navarra: Ed. Universidade de Navarra, 1978), 40-57.

⁶⁶ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 2, 134-136.

peças de tecido que se sobrepõem. Uns sobre o Altar, outros ante o Altar, alguns mais ou menos preciosos, o intuito era sempre o de proteger e velar o Altar sagrado.⁶⁷

Essencialmente, a arquitetura do século XI manteve um Altar principal no centro da abside central, mas relacionado com mais dois Altares, um de cada lado, nas respectivas absides laterais, como se de uma grande cruz arquitetónica se tratasse. Isto, não implicava a inexistência de outras pequenas capelas ou Altares em grandes mosteiros ou igrejas catedrais, pelo contrário.

Nos séculos XI e XII, surgem novas ordens religiosas, entre elas em 1084 a Grande Cartuxa de S. Bruno e Cister com S. Bernardo. Uma das características da sociedade e do monaquismo da altura foi a simplificação da organização monástica e da liturgia.

Este novo espírito convive com Cluny, mas vai-se impondo pouco a pouco. Os monges de Cister recusam a riqueza, até então exposta nos Altares e igrejas, influenciando uma forma austera e simples de viver a fé. Dá-se uma simplificação decorativa e litúrgica. Os monges cistercienses desvalorizam o coro alto, a pintura, a escultura e reduzem a luminosidade dos templos. Torna-se evidente que a riqueza do ouro e da prata junto do Altar tinham sido categoricamente afastadas. Apesar disso, os Altares aumentaram na sua dimensão em relação aos predecessores de estilo Românico, mais pequenos. Também o número de Altares nas abadias e catedrais crescem em quantidade, adossados a paredes ou em pequenas capelas, ou então alinhados: o principal, seguido de outro, estilo relicário, e, um último, no topo da catedral.⁶⁸

O estilo Gótico começa a impor-se aos poucos. Aliás, as pinturas nas paredes e os pequenos relevos, junto dos Altares adossados a paredes, darão origem aos grandes retábulos góticos posteriores que, começam desde cedo a ganhar forma. Sempre sem desvalorizar os elementos decorativos originais, muitos deles de características românicas.

Não pode deixar de se fazer referência à evolução do simbolismo do Altar operada por Santo Anselmo de Cantuária e Hugo de S. Vítor e, ainda, a importância do *Decreto Graciano* que, na sua terceira parte, legisla sobre o Altar.

No século XIII, inicia-se o período Gótico e os Altares, tal como as construções religiosas, assumem maiores dimensões em relação ao estilo românico.

A legislação relativa à consagração de Altares e igrejas vai-se afirmando, sobretudo, em ambiente conciliar.⁶⁹ Um canonista relevante do século XIII, foi Guilherme Durando que, inclusive, colaborou com Gregório X, na redação das Constituições do II Concílio de Lyon, em

⁶⁷ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 2, 186.

⁶⁸ Juan Antonio Iniguez, *El Altar cristiano*, vol. 2, 237-240.

⁶⁹ Uma pequena ressalva, em relação aos panos usados no Altar. Há que diferenciá-los em dois géneros: os que estão ligados ao sacrifício da Missa (toalha de mesa, corporais, manustérgicos); e os que se limitam a proteger e a embelezar o Altar (cortinas e outros adereços). Relativamente a este assunto, surge numerosa legislação, nos vários concílios do século XIII, de forma pormenorizada que não importa tratar aqui aprofundadamente.

1274. Durando escreveu uma obra chamada *Rationale divinunorum officiorum* que é um tratado litúrgico-simbólico e, também, regulatório do culto. Neste tratado, Durando releva o simbolismo do Altar como se fosse o próprio Cristo.

Essencialmente no século XIII, legisla-se mais, mas mantendo as raízes de outros séculos, inclusive cada nova consagração eclesial deve ser no sangue de alguém martirizado, seguindo o exemplo de Roma, consagrada a Pedro e Paulo. Assistimos ao nascer do estilo Gótico e aumento do tamanho dos Altares. Os registos escritos tornam-se mais concisos e também de maior relevância a existência de monumentos que nos chegaram até aos nossos dias.

O surgimento do estilo Gótico e a sua maturação, entre os séculos XII e XV, trouxe consigo a assunção de imponentes retábulos que cobriam a parte posterior do Altar e inúmeras vezes as partes laterais.

Podemos admirar, hoje, alguns Altares com retábulos de estilo Gótico como o chamado *retábulo de ouro* em S. Marcos, Veneza; ou então, os retábulos de prata de Pistoia, Gerona, S. Salvador de Veneza, entre outros. Os Altares góticos ficavam próximos da abside e os retábulos foram-se tornando cada vez mais imponentes, elaborados e grandiosos, na decoração que proporcionavam às igrejas, mas também na admiração e devoção que provocavam nos fiéis.

O Renascimento e o estilo Barroco desenvolveram a arte do retábulo ao seu expoente máximo. Nos séculos XIV e XV, o retábulo assume um quadro único, muitas vezes com sobreposição de planos e figuras em talha. Tal como o caráter de “sala trono” do presbitério “típico do espaço litúrgico Barroco (...) onde devia Cristo ser visível [presente na hóstia]. Deste modo, o espaço litúrgico Barroco reúne a comunidade de maneira compacta; todavia o motivo ordenador do espaço não é a celebração litúrgica, mas o culto sacramental.”⁷⁰ Mas, nos séculos XVI e XVII o retábulo é uma peça única, onde a decoração é imensa: com colunas, cornijas, estátuas, entre outros elementos, geralmente em mármore, estuque ou madeira. Este arrojo artístico fez do retábulo o centro da capela mor, tornando o Altar como que um acessório do mesmo, em vez do inverso. Este modelo está presente também no século XVIII.

Resumindo: o Altar perdeu a sua centralidade e proeminência, dando lugar ao retábulo ou, possivelmente, à relíquia, como centro das atenções e devoção dos fiéis. É evidente que a desvalorização do Altar, em certa medida, significou também uma distração em relação à celebração eucarística. Também a forma ou tipo de Altar se alterou, tornando-se maior nas suas dimensões, sobretudo, retangulares. Igualmente, a participação do povo nas celebrações eucarísticas e litúrgicas foi dificultada, quando se constroem os coros capitulares e os Altares

⁷⁰ Klemens Richter, “Comunità, Spazio Liturgico e Altare”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, (Magnane: Edizioni Qiqajon, 2005), 183-184.

se deslocam do centro da abside para o fundo do coro, sendo aí adossados. Entretanto, o baldaquino e o dossel, viriam a ser suprimidos, sobretudo, fora de Itália.

Como última fase histórica surge o sacrário associado ao Altar.

Mateo Giberti, bispo de Verona entre 1524 e 1543, foi um impulsionador de um novo modelo de Altar maior e com o sacrário colocado ao centro. O sacrário deveria ser de madeira ou de outro material resistente e estar fixo no Altar, com uma fechadura resistente na porta, claro. Também, em Roma, os papas Paulo IV e Paulo V, foram recomendadores do uso do sacrário no Altar.

Os sínodos, do século XVIII, recomendavam o uso do sacrário sobre o Altar, mas só foi universalmente aceite por decreto da Congregação de Ritos, em 21 de Agosto de 1863.⁷¹

Depois do Vaticano II as normas litúrgicas decretam que o sacrário não esteja sobre o Altar, a não ser por motivos maiores de tradição e história.⁷²

A reconstrução de igrejas, após as duas guerras mundiais no século XX, apoiou-se no movimento litúrgico e com retorno às Fontes. A estrutura básica do que é o Altar não é afetada, mas antes um retorno à sobriedade e às origens. Os aspetos que se alteram são, sobretudo, à volta do Altar. A cruz, as velas, a posição do ambão, o sacrário; tudo tem o seu lugar devido. Mas, ao Altar reserva-se a honra de significar Cristo e o dom da dádiva da Sua vida a toda a Humanidade.

O percurso feito ao longo deste capítulo permitiu ver o nascer do Altar, com uma simplicidade enorme e o desenvolvimento em si e à sua volta, cujo pico, foi o Gótico e também mais tarde o Barroco, até regressar a uma simplicidade original.

Como nos diz Mario Righetti na relação Altar e liturgia: “Uma igreja e um Altar organizados assim respondem plenamente às exigências da liturgia, o mesmo que a funcionalidade necessária para os fiéis e a sua participação ativa no culto.”⁷³

Em síntese, se considerarmos a evolução do Altar numa visão ampla e retrospectiva, podemos observá-lo nas alternativas de colocação no interior dos templos a que obedeceu, dado que, sendo um elemento ritual, a sua forma está em íntima conexão com o espaço e o local que ocupa; estabelecendo um processo interativo e conformando-se às exigências do culto.

Constituindo a reprodução simbólica da Última Ceia, o Altar paleocristão foi, na sua origem, uma mesa simples de madeira transportável. Num momento posterior, com a construção das primeiras basílicas, os Altares fixos, de pedra, mármore, ou alvenaria, foram colocados no fundo da nave. Nos antigos cultos pagãos, o Altar era uma simples tábua de

⁷¹ Mario Righetti, *Historia de la liturgia*, (Madrid: BAC, 2013), 885.

⁷² Mario Righetti, *Historia de la liturgia*, 886.

⁷³ Mario Righetti, *Historia de la liturgia*, 889.

madeira ou uma laje de pedra colocada ao nível do pavimento ou apenas elevada, sobre a qual se colocavam as oferendas à divindade e se cumpriam os sacrifícios.

Com os hebreus, o Altar era inicialmente constituído por um bloco de pedra e no templo de Salomão consta terem existido dois Altares: o dos holocaustos, em bronze, onde as vítimas dos sacrifícios eram imoladas e o dos incensos, ornado em ouro.

Por sua vez, na era cristã primitiva tínhamos o Altar fixo, de pedra ou de mármore, composto de uma laje suspensa por um, dois ou quatro suportes, ou seja o Altar de tipo mesa. A partir desse surgiram outros tipos de mesa que receberam a sua designação graças ao tipo de suporte que os sustentava. Por exemplo, o Altar em forma de cofre, que tinha a mesa sustentada por uma caixa de quatro faces planas; o Altar em forma de bloco, cuja mesa se apoiava sobre uma construção mural compacta e que era sobreposta à parede e o Altar-sarcófago, no qual a mesa se apoiava sobre um sarcófago.

Podemos então concluir que a palavra Altar está intimamente relacionada com o sentido místico de celebração e elevação espiritual. Logo, à ideia do sacrifício, o Altar católico introduz o significado simbólico de celebração da Eucaristia.

Vamos ver no capítulo seguinte o modo como o Concílio Vaticano II refletiu e renovou a liturgia e as conceções do Altar. A renovação litúrgica implicou uma alteração profunda na posição do Altar que, daí em diante deixaria a proximidade às paredes, para se afirmar no centro da capela mor e da própria comunidade eclesial.

CAPÍTULO II - O ALTAR E O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II é um acontecimento clerical que marca um tempo de mudança na relação da Igreja com o mundo. Teve sérias implicações litúrgicas na forma de celebrar os mistérios cristãos, nomeadamente a Eucaristia. Também, o Altar sofreu alterações significativas que veremos de seguida.

1. O Altar e a reforma do Concílio Vaticano II

A partir da implementação do Concílio Vaticano II assistimos a um progresso não só prático, mas também doutrinal, uma vez que o dever e o direito dos fiéis participarem ativamente da liturgia, em específico da celebração eucarística, fundamenta-se no batismo que receberam e na própria natureza da Igreja, povo real e sacerdotal, participando na sua condição, unificado pelo Espírito Santo.

Outro elemento que funciona como parte integrante do diálogo é o da língua comumente usada na celebração eucarística. A partir da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, tivemos a adoção da língua vernácula.

Também não podemos deixar de abordar a questão da participação cristã na mesa eucarística – a comunhão. A refeição eucarística desenvolve um simbolismo com diversas nuances, sendo que a Igreja obedece ao Senhor, partindo o pão entre os fiéis, reunindo-se no primeiro dia da semana em memória da Ressurreição. O simbolismo da mesa eucarística tem, basicamente, três vertentes:

Primeiro, o querer viver, pois o comer é assimilar em si o poder sob sua forma mais essencial, que é a vida; a refeição é um símbolo biológico e possibilita viver. Segundo, o estar juntos, pois a refeição é o ato social por excelência e aqui entra a dimensão de partilha do alimento. Terceiro, da conjugação de dois aspetos simbólicos precedentes da refeição, nasce a noção de comunhão, que é o identificar-se com o outro.⁷⁴

A conceção de que o Altar deveria ter a forma de uma mesa e o sacerdote junto dele de frente para o povo, tem a sua origem na reforma protestante do século XVI que, não tendo mais sacerdócio hierárquico, reduziu a Missa a uma ceia comemorativa, negando que nela (quando celebrada por um sacerdote cuja ordenação foi validada) se perpetua o sacrifício de Jesus na Cruz, cujo fruto - o Corpo Sagrado do Senhor - recebemos na Comunhão.

⁷⁴ Reginaldo Marcolino, *O Concílio Vaticano II e a Redescoberta da Participação Ativa dos Fiéis na Liturgia*, 2015, acessado em 8 junho 2020, <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/73>.

A Instrução Geral do Missal Romano apresenta orientações precisas a respeito do Altar. Este documento religioso adota a simbologia Altar = Cristo e, a partir dela, define que, no caso das igrejas novas, o Altar deve ser preferencialmente fixo, ou seja, que não se pode mover e que deverá ser de pedra natural, visto Cristo ser a pedra viva, (1 Pe 2,4 e Ef 2,20).

A Igreja Católica é reconhecida, desde sempre, pela centralidade do seu Altar. O Concílio Vaticano II acabou por resgatar o valor simbólico do Altar e a sua simplicidade original, como mesa. Segundo Milani Eliva, o Altar deve ser unívoco: “O Altar deve ser único porque significa um só Cristo e uma só eucaristia dentro da Igreja, deve estar mais próximo do povo, afastado da parede do fundo de modo que possa ser facilmente circundado e o celebrante ficar de frente para o povo.”⁷⁵

2. Movimento Litúrgico e Vaticano II

O Movimento Litúrgico, nascido com a fundação da abadia de Solesmes, em 1832, com o monge beneditino Guéranger, pretendia inicialmente um estudo e restauro da liturgia romana, segundo ideais e formas da Idade Média.

Este Movimento viu-se, desde cedo, influenciado pelas novas descobertas científicas e suas publicações que foram várias e importantes, tanto no século XIX como XX. Alguns elementos relevantes que influenciaram a visão da liturgia e a sua reforma foram, por exemplo, as publicações da patrologia grega e latina do Migne e a descoberta da Tradição Apostólica, do século III, em 1875 e publicada em 1900.

Certamente, a influência das mudanças e das grandes descobertas científicas, alteraram o rumo do Movimento Litúrgico no bom sentido de se aproximar ao máximo da pureza original do cristianismo. Este estímulo exterior, acabou por ser decisivo no sucesso das reformas litúrgicas que se adivinhavam imprescindíveis.

O Concílio de Trento (1543-1563) estava profundamente assente na visão de um género de Altar com o sacrário a ele associado como se de uma única peça se tratasse, virado para a parede e com o sacerdote de frente para o Altar no louvor a Deus. Ora, este foi um problema do Concílio Vaticano II, por divergência de opiniões, por causa da indivisibilidade de Altar e sacrário e, que obrigou a uma intervenção da autoridade máxima da Igreja.

A intervenção do Papa Pio XII é deveras conciliadora, sem prejudicar a ortodoxia dos que defendem a unidade Altar-sacrário, e não logrando a expectativa dos que defendiam

⁷⁵ Milani Eliva, *Arquitetura, Luz e Liturgia: Um Estudo da Iluminação nas Igrejas Católicas*, (Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006), 34.

reformas litúrgicas profundas, entre os quais se destacam aqueles que pertenciam ao Movimento Litúrgico e que tiveram grande influência nas reformas do Concílio Vaticano II.

O discurso de Pio XII foi determinante na resolução da questão. Pio XII defende a unidade existente entre o Altar e o sacrário, mas a urgência das reformas pastorais e da alteração das formas de relação entre Igreja (Magistério) e povo de Deus, não podendo ser adiadas, conduziram ao convite endereçado aos técnicos e especialistas para resolver a questão e encontrar soluções. Por sua vez, estes especialistas, na execução de projetos, construíram Altares “voltados para o povo”, com o sacrário colocado no centro ou em frente do Altar, assentes sobre uma base.

O Concílio Vaticano II fez uma profunda reflexão em ordem a uma verdadeira reforma litúrgica. Essa reforma já vinha sendo pré-anunciada pelo Movimento Litúrgico e suas influências, também visíveis antes da Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium*, como por exemplo na encíclica *Mediator Dei*, em 1947, de Pio XII.

A Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium* diz que: “justamente porque a liturgia é considerada como o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo (...) a eficácia não é igualada, sob o mesmo título e grau, por nenhuma outra ação da Igreja.” Entende-se Cristo como Único, Sumo e Eterno Sacerdote, Verdadeiro Liturgo: “Mediador entre Deus e os homens” (1 Tim 2,5 e Hb 4,14). Ao mesmo tempo é cabeça do seu Corpo Místico que é a Igreja, pois “onde estão dois ou três reunidos em meu Nome Eu estou no meio deles” (Mt 18,20). Não nos parece que sejam dois interlocutores ativos separados, mas Cristo e a Igreja como um só, unidos pelo sacramento da Eucaristia e, por isso, no Altar, um como “Cabeça” e outro como “Corpo”.

A Igreja dirige-se ao Pai, mas sempre através de Cristo. Isso implica a presença da própria Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) na relação entre Igreja “Corpo Místico” e Deus. De facto, a vivificação e o renovamento da Igreja peregrina na terra, sem a presença do Espírito Santo seria inútil, mas porque Jesus Cristo o enviou como Defensor, Ele exerce o poder de vivificar, recordar, conduzir à verdade do Mistério Trinitário e do Mistério Pascal toda a Igreja, ao longo dos tempos.

S. Tomás afirma: “Ora todo o rito da religião cristã decorre do sacerdócio de Cristo. Por isso, é evidente que o carácter sacramental é especificamente carácter de Cristo, a cujo sacerdócio os fiéis são configurados conforme os caracteres sacramentais, que nada mais são que modos de participação no sacerdócio de Cristo, derivados do próprio Cristo.”⁷⁶

⁷⁶ Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, III q. 63, a 3, (S. Paulo: Edições Loyola, 2006).

Ora se a Igreja é corpo vivo de Cristo, o espaço físico deve traduzir a liturgia que é celebrada de forma visível e encarnada, na percepção dos elementos que a compõem: o espaço arquitetônico, o Altar, o ambão, a luminosidade, etc... sobretudo, no espeto funcional, pois é na celebração da liturgia (destaca-se o ato litúrgico da Eucaristia) que Cristo vivifica e atua no “Seu Corpo Místico” que é a Igreja, de outro modo não existiriam os frutos ou dons do Espírito Santo, nem a própria Igreja na sua essência e gênese (instituída na Última Ceia e no corpo de Cristo do lado aberto no Calvário).

O Altar é o lugar teológico de primazia na união entre o Amor divino e a Humanidade, entre Cristo e o género humano e, por isso, o centro do espaço de celebração litúrgica. Se quisermos, o Altar é o coração de qualquer igreja, porque ali está o Sacerdote Eterno, a Vítima do Amor de Deus, o testemunho verdadeiro desse Amor que Se faz fonte de vida eterna. Deus manifesta aí e, de forma sublime, o Mistério da Trindade, naquele mesmo e único Altar que é Cristo e que une todos os cristãos como um único “Corpo Místico”.

“Proximidade”, “calor”, “vida”, “festa”, “família” e “memória” (Gestalt) são termos utilizados por Frederic Debuyst, porque importa conservar o ato fundacional como Cristo fez – ato memorial. E ao mesmo tempo que faz presente “primo presente” é também atuante no Corpo de Cristo como “primo agente”.⁷⁷ Assim, podemos estabelecer uma relação horizontal com todos e ao mesmo tempo ascética – para Deus – e kenótica em que Deus manifesta a Sua presença, a Sua graça, por e em Cristo.

O pão e o vinho apresentados como corpo e sangue de Cristo estão ritualizados (através de gestos e sinais) idênticos aos de Cristo que partilha e convida para o banquete e para a celebração da Sua paixão, morte e ressurreição.⁷⁸

Na relação entre Humanidade e Deus a mediação é feita por Cristo no Altar que, para além de ser mesa eucarística, nos remete para o alto da cruz. Numa celebração eucarística dá-se um movimento ascendente: de pedido, prece, oração e glorificação a Deus, porque a “Glória de Deus é o homem que vive e a vida do homem consiste na visão de Deus.”⁷⁹ Pedindo, recebemos do Espírito o que mais nos convém, num movimento descendente, como graça divina que quer santificar a nossa existência.⁸⁰

Não esqueçamos dois pontos básicos que ocorrem na adesão à fé em Cristo, sem estabelecer uma ordem sequencial, mas que são fundamentais. São a Palavra, pois adere quem recebe, pelos sentidos, a mensagem de felicidade proposta por Deus e a Encarnação que revela

⁷⁷ Frédéric Debuyst, “L’Altare: opera d’arte o mistero di presenza?”, in *L’Altare*, 30.

⁷⁸ Frédéric Debuyst, “L’Altare: opera d’arte o mistero di presenza?”, in *L’Altare*, 30.

⁷⁹ IRENEU DE LEÃO, *Adversus Haeresis*, 4, 20, 7 in *Patrística*, (S. Paulo: Paulus, 1995).

⁸⁰ S. Paulo aos Romanos 6,22 que nos diz “Mas agora, libertos do pecado e postos a serviço de Deus, tendes vosso fruto para a santificação e, como desfecho, a vida eterna.”

ao mundo a divindade como luz que vem iluminar o género humano. (Cf. Prólogo de S. João). De fato, sem ela não existiria vítima, nem corpo sobre o Altar que abrisse a Eternidade para nossa salvação. A Encarnação traz consigo um novo anúncio de salvação, pois é a plena revelação de Deus em Cristo. A iniciativa é, claramente, divina tal como a ação. Contrariamente, tudo o que parte de uma base existencial materialista e não metafísica, resultou em descalabre como aqueles propostos por grandes ideologias que prometiam a libertação humana, mas que resultaram mal ao longo do século XX e, depois de duas guerras mundiais. Diz a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: “(...) a Igreja deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu Filho encarnado, renovando-se e purificando-se continuamente sob a direcção do Espírito Santo. (...) Finalmente, o que contribui mais que tudo para manifestar a presença de Deus é a caridade fraterna dos fiéis que unanimemente colaboram com a fé do Evangelho e se apresentam como sinal de unidade.”⁸¹

Esta forma divina de não abandono da criação e os valores espirituais ou divinos residem espelhados no olhar de Cristo e testemunhados pela entrega total que seduz e converte do pecado. Cristo salva e não condena. Haverá maior divindade que a do Amor? Joseph Ratzinger diz que “a adoração, que é o modo correto de culto e da relação com Deus, é constituída para a existência certa do Homem no mundo, precisamente porque vai para além do quotidiano, fazendo-nos participar no modo de existir no ‘céu’ do mundo de Deus, deixando assim entrar a luz do mundo divino no nosso (...) O Homem sozinho não consegue mesmo ‘criar’ um culto fácil, porque sem Deus se revelar, ele será sempre insignificante.”⁸²

Assim, as “regras” são estabelecidas por Deus e não por nós ou pelas nossas ideias e construções aparentemente lógicas. A lógica de Deus é sempre a do Amor e assim se expressa no Altar.

O Concílio Vaticano II foi o grande marco histórico das mudanças litúrgicas, desde há muito tempo desejadas e, como consequência, marco das mudanças arquitetónicas e físicas dos templos. É claro que uma reforma litúrgica tem sempre influência no contexto à sua volta, nomeadamente nos espaços, objetos e conceções exteriores e físicas existentes.

Essencialmente, as mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II foram na relação com o povo de Deus. Sabemos que o vernáculo se tornou usual nas celebrações, em detrimento do latim, e que a “societas perfeta” deu lugar à “societas communio”.

Esta tentativa de aproximação exigia, pois, uma alteração de um estilo de igrejas de nave longitudinal enorme, onde o fiel era reduzido na sua dimensão de relação com Deus, com os outros e com o Altar. Para uma maior eficácia litúrgica as naves mais reduzidas ou formas

⁸¹ *Gaudium et Spes*, nº 21.

⁸² Joseph Ratzinger, *Introdução ao Espírito da Liturgia*, (Lisboa: Paulus, 2001), 15.

espaciais alternativas: quadradas, assimétricas, semicirculares ou elípticas, foram objeto de experiência. Tal como a acústica, o ambiente térmico ou a luz, tudo em prol da melhoria e da aproximação dos leigos ao Altar, à liturgia celebrada.

Um documento conciliar, promulgado a 26 de setembro de 1964, pela Sagrada Congregação dos Ritos e pelo Concílio Vaticano II, evoca o seguinte: “Ao construir novas igrejas, ou ao restaurar as já existentes, procure-se diligentemente que fiquem próprias para a celebração das funções sagradas segundo a sua verdadeira natureza e para obter a participação activa dos fiéis”.⁸³

Essencialmente, esta mudança de mentalidade e de paradigma entre o magistério e o povo de Deus, de uma mentalidade de hierarquia e exercício puro de poder sobre este, para uma nova mentalidade de partilha e comunhão, acarretou uma profunda mudança litúrgica com influências diretas sobre o Altar.

Ao monismo celebrativo sucede o dialógico e, nesse sentido, a função do Altar vê-se alterada. Se o ato em si mesmo de celebrar sobre o Altar continua a manifestar o poder de Deus e a vontade de Cristo, o olhar humano sobre ele altera-se completamente.

Talvez não seja de todo errado afirmar que durante muitos séculos e, sobretudo, depois da rigidez litúrgica imposta por Trento para evitar mais cisões no seio da Igreja, a função do Altar tivesse sido a de estabelecer um diálogo direto com Deus, onde o sacerdote celebrava a memória do sacrifício de Jesus Cristo, como autoridade máxima da comunidade a que presidia. Neste sentido, a função de comunhão do Altar (entendido como mesa da partilha), teria uma função marcadamente secundária em relação à sacrificial e oblativa.

Então, as reformas do Concílio Vaticano II são resultado de uma alteração de visão e de forma de estabelecer as relações existentes até aí, entre os diversos intervenientes e um reaprender a referenciar as funções de cada um a partir da existência de uma relação e não por uma autorreferência normativa e autossuficiente.

Os números compreendidos entre o 292 e o 308 da Instrução Geral do Missal Romano, pareceram-nos ser os que melhor estavam relacionados com o tema do Altar. A Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium* é outro documento a ter em conta, tal como o Catecismo da Igreja Católica, o Código de Direito Canónico e, também, o Pontifical Romano da Dedicção da Igreja e do Altar.

⁸³ Instrução *Inter Oecumenici*, 90. Sobre este aspeto sugerimos a consulta de Maurizio Bergamo, *Spazi celebrativi, figurazione architettonica, simbolismo litúrgico: ricerca per una chiesa contemporanea dopo il Concilio Vaticano II*, (Veneza: Il Cardo, 1994), 57-142.

A Instrução Geral do Missal Romano veio valorizar também o aspeto convivial do Altar.⁸⁴ Evidencia-se desta forma o duplo significado funcional do Altar como ara do sacrifício e, ao mesmo tempo, mesa do convívio e da partilha.

A Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* procura valorizar, não só o reformismo litúrgico, mas a sua expressão externa. Procura harmonizar o conteúdo e a forma, com funcionalidade e significado em todo o edifício e no seu recheio incluído o Altar.⁸⁵ Deixa, ainda neste ponto, liberdade para que os bispos tomem decisões e reformem, segundo os costumes locais, sem perder de vista o espírito reformista.

A simplicidade que o Movimento Litúrgico procurou chamar a si, influenciou as reformas do Concílio Vaticano II e a construção de novas igrejas e Altares, a ornamentação e esquema interno das mesmas. Assim o confirma o número 292, 293 e 295 da Instrução Geral do Missal Romano, onde se exprime a primazia da simplicidade em oposição à ostentação. Estes pontos realçam, ainda, a importância do povo de Deus e da comodidade que deve existir, para que o exercício das funções de cada um possam traduzir “uma unidade íntima e orgânica que manifeste de modo mais claro a unidade de todo o povo santo. Por outro lado, a natureza e a beleza do lugar sagrado, bem como de todas as alfaias do culto, devem ser de tal modo que fomentem a piedade e expressem a santidade dos mistérios que se celebram.”⁸⁶

A corrente de abertura e diálogo com o povo de Deus a partir do Concílio Vaticano II é complementar com o idealismo, mais ou menos, do Movimento Litúrgico. Às reformas litúrgicas corresponde uma necessidade de reformas físicas, atualizadas e eficazes, nos espaços da celebração. Assim o confirma a Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* ao recomendar aos bispos: “Os ordinários, ao promover e favorecer uma arte verdadeiramente sacra, prefiram uma beleza nobre à mera sumptuosidade. (...) Na construção dos edifícios sagrados, procure-se diligentemente que sejam aptos para a realização das ações litúrgicas e para a participação animada dos fiéis.”⁸⁷

Quase num estilo pragmático, mas no que diz respeito ao religioso, a construção física e a manifestação dos elementos que compõem uma igreja devem, pois, ser sinais visíveis e convidativos à prática/compreensão dos mistérios da fé. De alguma forma subtil, o Altar e, mesmo outros elementos litúrgicos (como o ambão, a cadeira, entre outros), devem permitir ao crente aprofundar as raízes da sua fé e introduzi-lo no “ato de fazer memória” de Cristo, especialmente na Eucaristia.

⁸⁴ Cf. Instrução Geral do Missal Romano, n.º 296.

⁸⁵ *Sacrosanctum Concilium*, n.º 128.

⁸⁶ Instrução Geral do Missal Romano n.º 294.

⁸⁷ *Sacrosanctum Concilium*, n.º 124.

Todo o ambiente litúrgico, em redor do Altar, deve proporcionar ao povo de Deus, confiança, sintonia e comunhão. Se quisermos fé, esperança e caridade – três virtudes teológicas – na antecipação da comunhão celeste. Por esse motivo, o local onde se celebra a Eucaristia deve ser o centro do espaço celebrativo, princípio de unidade e ponto de referência primordial.⁸⁸

O Concílio Vaticano II esteve atento ao pensamento litúrgico da época e aos sinais que surgiam e, em resposta tomou iniciativas de remodelar a forma como se celebrava a Eucaristia, a partir do seu suporte físico e deslocou o Altar da parede, para o colocar no centro de tudo. Diz o número 299 da Instrução Geral do Missal Romano: “Onde for possível, o Altar deve ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a Missa de frente para o povo.”

Este afastamento é também subentendido numa nota pastoral da Conferência Episcopal Italiana, sobre a projeção de novas igrejas ao dizer do Altar o seguinte: “mesa do sacrifício e do banquete pascal que o Pai serve aos filhos na casa comum, fonte e sinal de unidade e caridade.”⁸⁹

O Altar, deslocado da parede e acompanhado de toda a reforma litúrgica, permitiu uma maior participação dos fiéis, para que pudessem compreender melhor o mistério celebrado. E, ao sacerdote a possibilidade de realizar os ritos litúrgicos com maior pompa e solenidade em volta do Altar, de modo a centrar a atenção dos fiéis que também representa a unidade. A percepção do mesmo como centro vital da fé, conduz à vida vivida diariamente nessa atitude de dom, em relação mais próxima com Deus e os demais.

A relação estabelecida com Deus faz-se pelo Altar, símbolo de Cristo. Por isso, contrariamente, às proteções de balaustrada, cortinas ou iconóstases (Oriente), o Altar pós Concílio Vaticano II, deve ser central e visível a todos.

A Instrução *Inter Oecumeneci* teve como objetivo interpretar e pôr em execução a reforma litúrgica. Para isso foi necessário este documento. Tanto para especificar de forma concreta o que se pretendia, como para ajudar a esclarecer assembleias e decisões dos bispos nas suas respetivas dioceses.

A Instrução *Inter Oecumeneci* encontra-se dividida em cinco capítulos:

⁸⁸ O Altar fica reservado exclusivamente à celebração eucarística. Quanto ao sacrário deve ser conservado num local próprio para o efeito – normalmente separado da nave central - se possível mais reservado para permitir o encontro e a oração a Deus, por Cristo ali presente. A este propósito escreveu a CEI (Conferência Episcopal Italiana) a Nota pastoral *A projeção de novas igrejas*, em 1993, onde diz na página 6 o seguinte: “apto à adoração e à oração sobretudo pessoal. Isto é motivado pela necessidade de não propor simultaneamente o sinal da presença sacramental e a presença eucarística”. Assim, há uma necessidade de separação de conceitos, se quisermos, para que, também nos espaços propostos liturgicamente para determinadas funções como por exemplo a celebração eucarística, não se interponha outro género de atividade ou conceito. Torna-se uma questão de funcionalidade orgânica da igreja e da própria comunidade.

⁸⁹ Comissão Episcopal Italiana, Nota pastoral *A projeção de novas igrejas*, (Roma: 1993), 4.

Normas gerais (formação dos fiéis/leigos, textos e questões de autoridade)

Mistério da Eucaristia

Outros sacramentos e sacramentais

Ofício Divino

Como construir Igrejas e Altares para obter a participação ativa dos fiéis.⁹⁰

Evidentemente é neste último que nos interessa falar um pouco.

Começa logo por evocar a participação dos fiéis como de vital importância. Pelo que as igrejas (para restauro ou novas) devem ter em grande atenção esse aspeto. Quanto ao Altar diz que deve estar colocado no centro de forma que a atenção dos fiéis recaia, naturalmente, sobre ele. Deve na sua construção seguir as regras do direito.

Os Altares menores devem ser no menor número possível e separados do espaço (nave) principal, de preferência em capelas e espaços próprias. Quanto ao tabernáculo diz que deve estar colocado no centro, de forma sólida e inviolável, próximo do Altar principal ou num Altar próprio, desde que digno e aprovado pelo bispo local.

Quanto à decoração do Altar deve ser o mais simples possível. Para as celebrações litúrgicas convém ter a cruz e os candelabros (velas) no Altar ou próximo dele.⁹¹

3. Documentos litúrgicos extraídos do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II reformou a questão do Altar, voltando a coloca-lo no centro da ação litúrgica, na mediação entre o divino e o humano.

Nas reformas efetuadas, após o Concílio Vaticano II, o cardeal Lercaro (presidente do “*Consilium*”) escreve duas cartas. A primeira foi escrita a 25 de Janeiro de 1966, direcionada aos bispos do Norte de África, onde comunicou as diretivas para a aplicação da reforma do Altar. Nesse documento sublinhou a importância da dignidade que o Altar deve possuir para facilitar a comunhão e a participação eucarística.⁹² Destacou a importância do Altar nos domingos e dias de festa, retirando valor à existência de outros Altares. Chamou, ainda, a atenção para a situação arquitetónica e artística de cada igreja que deve ser tida em conta, tal como às leis de cada país ou, eventualmente, outros fatores. Lercaro concedeu, ainda, a autoridade ao ordinário local (bispo), para analisar cada caso particular (“*in casibus*

⁹⁰ Concílio Vaticano II, *Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos para a Aplicação da Constituição Sobre a Sagrada Liturgia*, (Lisboa: União Gráfica, 1964).

⁹¹ Giacomo Lercaro, “Instruction pour l’exécution de la Constitution sur la liturgie”, in *La Documentation Catholique*, nº 1435, 1964, 1359.

⁹² Giacomo Lercaro, “Directives du «Consilium» aux évêques d’Afrique du Nord”, in *La Documentation Catholique*, nº 1470, 1966, 806.

peculiaribus”) o que seria mais oportuno fazer, tal como diz o número 95 da *Instruction Inter Oecumeneci*, a fim de que a dignidade do Altar esteja sempre salvaguardada (fixo de preferência, relevando para segundo plano Altares secundários).

Quanto a outras questões como o local para a reserva eucarística, apresentou como condição a existência de um local digno, segundo as normas do Concílio Vaticano II.

Termina esta carta, dizendo, relativamente às mulheres, que as possíveis funções a desempenhar por elas careciam, ainda, de estudo e que qualquer inovação arbitrária seria considerada infração grave à disciplina eclesiástica, sendo eliminada com firmeza.

A segunda missiva, escrita a 30 de Junho de 1965, dirigida aos bispos de Itália, compara a reforma litúrgica a “uma nova passagem do Espírito Santo pela Igreja” como tinham anunciado Pio XII, no I Congresso Internacional de Liturgia Pastoral de Assis.⁹³ Diz, ainda, que o Concílio Vaticano II ficará para a história caracterizado pela “renovação do esplendor e da eficácia dada à liturgia.”

No ponto 7 desta carta é referido o Altar como dependente de um “estudo atento para cada caso individual, tendo em conta a situação espiritual e material de cada ambiente.” Aos artistas cabe o dever de procurar a melhor solução e aos padres salvaguardar o respeito e a honra devidos à Eucaristia aí celebrada. O mesmo se diz da reserva eucarística, guardada num local nobre e visível, proeminente no ambiente da igreja e não num local pouco visível, abaixo da mesa que é o Altar ou num local de onde se faz chegar a reserva (de forma mecânica) no momento mais importante da celebração eucarística.

3.1. O Altar segundo o Pontifical Romano – Dedicção da Igreja e do Altar e a Instrução Geral do Missal Romano

Tendo em consideração o Ritual Romano, que vigorou até à reforma litúrgica ocorrida na segunda metade do século XX, verifica-se que ainda existe muito a ser ponderado. Um dos aspetos a considerar é que, decorridos nove séculos de história, esse ritual sofreu apenas pequenas alterações, que se deveram a influências de vária ordem, quer orientais quer ocidentais. Nesse domínio:

A dedicação de uma igreja, segundo o Pontifical Romano, constitui um verdadeiro jogo litúrgico, fruto da simbologia medieval e revelador de uma teologia do mistério da igreja, que jamais encontrou modo de se manifestar de maneira mais expressiva.

⁹³ Giacomo Lercaro, “Précisions sur l’application de la réforme liturgique”, in *La Documentation Catholique*, nº 1455, 1965, 1579.

(...) A dedicação constituía a celebração mais longa e sumptuosa da liturgia romana: não podia durar mais de cinco horas.⁹⁴

A sequência que engloba a transladação e deposição das relíquias, bem como a consagração do Altar e do templo funcionava como um momento denso e belo, entre as quais se destacavam as unções e incensações, com a quantidade de repetições que o ritual exigia. O momento destinado a esse ritual iniciava-se com a entrada das relíquias e a sua deposição no sepulcro.⁹⁵ A seguir, voltava-se a ungir e a incensar o Altar. Esse procedimento é-nos descrito nos seguintes moldes:

preparação no altar de pequeno sepulcro onde se colocariam as relíquias; unção do mesmo com o santo crisma; preparação do cimento com o resto da água gregoriana; introdução das relíquias do altar e tumulação do sepulcro com uma pedra – previamente ungida com o santo crisma – da mesma qualidade que o altar e cimento; nova unção da parte exterior do sepulcro; incensação do altar; dupla unção do altar com o óleo dos catecúmenos, no centro e nos quatro cantos.⁹⁶

Neste contexto, sublinha-se o lugar cimeiro adquirido pela sagração do Altar. Logo, reconhece-se que a sagração dos altares é um rito de elevado simbolismo, de um grande encanto sugestivo, de uma incomparável riqueza de fórmulas e de cerimonial.

Verificando-se a centralidade do Altar onde a Eucaristia é celebrada, o Concílio Vaticano II, num momento posterior, irá reportar-se a toda a liturgia, principalmente, à Eucaristia, afirmando que ela é considerada o “cume e fonte de vida da Igreja”⁹⁷ e que, conseqüentemente, a sua sagração é relevante quando a igreja está vocacionada para o culto cristão.

No que se refere aos ritos da unção, da incensação, do revestimento e da iluminação do Altar, observa-se que no documento “Dedicação da Igreja e do Altar – Pontifical Romano” é mencionado que: “Os ritos da unção, da incensação, do revestimento e da iluminação do altar exprimem, em sinais sensíveis, alguns aspetos daquela obra invisível que o Senhor realiza por meio da Igreja quando ela celebra os divinos mistérios, principalmente a Eucaristia.”⁹⁸ O mesmo documento refere, ainda, que a unção do Altar e das paredes da igreja se faz:

⁹⁴ Domenico Sartore, *Nuevo Dicionário de Liturgia*, (S. Paulo: Paulus, 1992), 290.

⁹⁵ Este sepulcro era uma pequena cavidade situada no centro do Altar, onde eram colocadas as relíquias

⁹⁶ José Antonio Abad e Manuel Garrido, *Iniciación a la Liturgia de la Iglesia*, (Madrid: Ed. Palavra, 2007), 649.

⁹⁷ *Sacrosanctum Concilium*, n.º 10.

⁹⁸ Dedicação da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 32.

- ✚ “Pela unção do crisma o altar torna-se o símbolo de Cristo, que é o ‘Ungido’ de preferência aos demais e assim é chamado; na verdade, o Pai O ungiu pelo Espírito Santo e O constituiu o Sumo-sacerdote (...);
- ✚ A unção da igreja significa que ela é dedicada totalmente e para sempre ao culto cristão (...);
- ✚ O incenso é queimado sobre o altar para significar que o sacrifício de Cristo, que aí se perpetua de maneira sacramental, sobe para Deus em odor de suavidade (...);
- ✚ O revestimento do altar indica que o altar cristão e a ara do Sacrifício Eucarístico e a mesa do Senhor, em volta da qual os sacerdotes e os fiéis, numa mesma e única acção, embora com função diversa, celebram o Memorial da morte e ressurreição de Cristo e comem a Ceia do Senhor.”⁹⁹

Quanto à unção do Altar e das paredes que compõem a Igreja, o “Pontifical Romano – Dedicção da Igreja e do Altar” descreve como deve ser esse procedimento: “Em seguida, o Bispo, depois de tirar a casula, se for necessário, e de tomar o gremial de linho, aproxima-se do altar com os diáconos e os outros ministros, um dos quais leva a âmbula com o crisma, e procede à unção do altar e das paredes da igreja” como descreve o n.º 64: “O Bispo, de pé diante do altar, diz em voz alta: Santifique o Senhor, com o seu poder, este altar e esta casa (...)” Em seguida “derrama o santo crisma no meio do altar e nos seus quatro ângulos, e é louvável que unja também com ele toda a mesa do altar.”¹⁰⁰

Relativamente à incensação do Altar:

Depois do rito da unção, coloca-se sobre o altar um braseiro pequeno para queimar o incenso ou outros aromas, ou caso prefira, pode fazer-se sobre o altar um pequeno amontoado de incenso misturado com pequenos pavios. O Bispo deita incenso no braseiro ou, com o pavio que o ministro lhe entrega, pega o fogo ao amontoado de incenso, dizendo: Suba até Vós, Senhor, a nossa oração como incenso na vossa presença; e, assim como esta casa se enche de suave perfume, assim a vossa Igreja exale o bom odor de Cristo.¹⁰¹

Ao referirmo-nos à iluminação do Altar e da Igreja, o Pontifical Romano determina que: “Terminada a incensação, alguns ministros limpam com panos a mesa do altar e, se for esse o caso, estendem a toalha impermeável; em seguida, cobrem o altar com uma toalha e, se parecer oportuno, adornam-no com flores; colocam, de forma conveniente, os castiçais com velas, requeridas para a celebração da Missa, e, se for esse o caso, a cruz.”¹⁰² O número 70 deste

⁹⁹ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 31.

¹⁰⁰ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 56.

¹⁰¹ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 58.

¹⁰² Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 59.

Pontifical Romano expressa a ideia de que Cristo é a luz do mundo: “Depois, o diácono aproxima-se do Bispo, que, de pé, lhe entrega uma pequena vela acesa, dizendo em voz alta: A luz de Cristo resplandeça na Igreja, para que todos os povos cheguem à plenitude da verdade.”¹⁰³ No número seguinte 71, dá-se início a uma iluminação festiva em sinal de júbilo:

Faz-se então uma iluminação festiva: acendem-se todos os cirios, as velas postas nos sítios onde foram feitas as unções e as restantes lâmpadas da igreja, em sinal de alegria ao mesmo tempo que se canta a antífona: A tua luz desponta, ó Jerusalém, e brilha sobre ti a glória do Senhor. Os povos caminharão à tua luz, aleluia.¹⁰⁴

No que respeita à natureza e dignidade do Altar, sublinha-se que os Padres ancestrais da Igreja, ao refletirem sobre a palavra de Deus, consideraram Cristo como a vítima, o sacerdote e o Altar do Seu próprio sacrifício. Na Epístola aos Hebreus, Cristo é-nos apresentado como o grande Pontífice e, ao mesmo tempo, como o Altar vivo do templo celeste.

O Altar é um sinal notório da presença de Cristo no interior da igreja e entre os fiéis que O seguem, porque o Altar cristão é, pela sua própria natureza, uma mesa especial do sacrifício e do banquete pascal. Por um lado ele é classificado como uma ara especial onde se perpetua sacramentalmente o sacrifício da cruz, até que Cristo venha e, por outro, como uma mesa em volta da qual se reúnem os filhos da Igreja, para darem graças a Deus e comungarem o Corpo e o Sangue de Cristo. Por esse motivo, o Altar nas igrejas deve ser o “centro da acção de graças, que se realiza totalmente na Eucaristia”¹⁰⁵ de onde emanam os restantes ritos da Igreja.

Perante a construção do Altar, este mesmo documento esclarece a utilização de um Altar inamovível em todas as igrejas, sendo que nos demais locais destinados às celebrações sagradas deve figurar um Altar fixo ou móvel. O Altar deverá ser erigido afastado das paredes, para que o sacerdote possa circular facilmente em torno dele e celebrar a Eucaristia de frente para o auditório. A sua localização deve ser o centro de convergência para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis. Salienta-se a necessidade de existir apenas um único Altar, visto que significa um só Cristo.

No entender tradicionalista da Igreja, a mesa do Altar fixo deverá ser de pedra natural, embora o documento citado refira que ele pode ser feito de outro material, de maneira a ficar “sólida e artisticamente trabalhada.”¹⁰⁶ No que diz respeito às relíquias dos mártires, estas não devem ser dispostas sobre a mesa do Altar quando forem veneradas pelos fiéis. Sempre que possível, é preferível manter-se a tradição preconizada pela liturgia romana, ou seja, tanto as

¹⁰³ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 60.

¹⁰⁴ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 60.

¹⁰⁵ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 259.

¹⁰⁶ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 301.

reliquias dos mártires como as de outros santos devem ser colocadas debaixo do Altar, tendo em atenção:

- a) “As relíquias que hão-de ser colocadas sejam suficientemente grandes para se poder verificar que elas são parte de corpos humanos. Por isso, deve evitar-se que sejam colocadas relíquias demasiado pequenas de um ou mais Santos;
- b) Verifique-se com toda a diligência se as relíquias que vão ser colocadas são autênticas;
- c) O cofre das relíquias não deve ser colocado nem em cima do altar nem dentro da mesa do altar, mas, tendo em conta a forma do mesmo, deve ser colocado debaixo do altar.”¹⁰⁷

Da estrutura do presbitério e da nave da igreja “O presbitério é o lugar onde sobressai o altar, onde se proclamava a palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os outros ministros exercem as suas funções. Deve distinguir-se oportunamente da nave da igreja, ou por uma certa elevação, ou pela sua estrutura e ornamento especial.”¹⁰⁸ Ele alerta também para que o Altar seja devidamente espaçoso para que toda a envolvência eucarística se processe com normalidade: “Deve ser suficientemente espaçoso para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista.”¹⁰⁹

Segundo este texto religioso, analogamente, o Altar está associado à mesa do Senhor e ao lugar sagrado de ação de graças na hora da celebração eucarística: “O altar, em que se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a Missa; o altar é também o centro da acção de graças celebrada na Eucaristia.”¹¹⁰

Hoje, o ministro da Igreja preside à celebração eucarística junto do Altar voltado para a assembleia dos fiéis. Porém, até à realização do Concílio Vaticano II, o sacerdote celebrava a Missa de costas voltadas para os fiéis. Foi, portanto, a partir deste Concílio que o hábito primitivo foi recuperado, como foi acentuado:

Onde for possível, o altar deve ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a Missa de frente para o povo. Pela sua localização, há-de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis. Normalmente deve ser fixo e dedicado.¹¹¹

¹⁰⁷ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 99.

¹⁰⁸ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 295.

¹⁰⁹ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 295.

¹¹⁰ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 296.

¹¹¹ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 299.

A inclusão das normas litúrgicas modernas revela que, em cada igreja, recentemente erigida, é preferível haver um único Altar: “Na construção de novas igrejas deve erigir-se um só altar, que significa na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Eucaristia da Igreja é só uma.”¹¹² O Altar pode ser de pedra, de madeira ou de qualquer outro material sólido, conforme refere o mesmo documento:

Segundo um costume e um simbolismo tradicional da Igreja, a mesa do altar fixo deve ser de pedra natural. Contudo, segundo o critério da Conferência Episcopal, é permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados. O suporte ou base em que assenta a mesa pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido.¹¹³

Em cima do Altar deve estar uma toalha de cor branca, pelo menos dois castiçais ou velas e sobre o Altar ou perto dele uma cruz de Cristo crucificado:

O altar deve ser coberto pelo menos com uma toalha de cor branca. Sobre o altar ou perto dele, dispõem-se, em qualquer celebração, pelo menos dois castiçais com velas acesas (...). Igualmente sobre o altar ou perto dele, haja uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado. (...) Também se pode colocar sobre o altar o Evangeliário, distinto do livro das outras leituras, a não ser que ele seja levado na procissão de entrada.¹¹⁴

Convém lembrar que as velas acesas funcionam como um ato de celebração e testemunham aos fiéis que Cristo é considerado a luz do mundo e sempre brilhará nas igrejas para iluminar toda a Humanidade.

No templo cristão, é obrigatório colocar uma cruz com a imagem de Jesus Cristo crucificado. Essa cruz deverá ser suficientemente proporcional à dimensão da igreja e visível aos olhos de toda a comunidade cristã: “Sobre o altar ou junto dele coloca-se também uma cruz, com a imagem de Cristo crucificado, que a assembleia possa ver bem. Convém que, mesmo fora das acções litúrgicas, permaneça junto do altar uma tal cruz, para recordar aos fiéis a paixão salvadora do Senhor.”¹¹⁵

Quanto à ornamentação do Altar, ela deve ser simplificada, com poucas flores para não impedir os fiéis de assistirem convenientemente às celebrações:

Haja moderação no altar. No tempo do Advento ornamente-se o altar com flores com a moderação que convém à índole deste tempo, de modo a não antecipar a plena alegria do Natal do Senhor. No tempo da Quaresma não é permitido adornar o altar com flores. Excetuam-se, porém, o domingo *Laetare*, as solenidades e as festas. A

¹¹² Instrução Geral do Missal Romano, n.º 303.

¹¹³ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 301.

¹¹⁴ Instrução Geral Missal Romano, nº 117.

¹¹⁵ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 308.

ornamentação com flores deve ser sempre sóbria e, em vez de as pôr sobre a mesa do altar, disponham-se junto dele.¹¹⁶

Ao abordar-se o tipo de toalha que deverá cobrir o Altar, refere a instrução a importância deste ato, apontando duas razões para que tal seja cumprido: veneração pelo memorial do Senhor e respeito pelo banquete eucarístico:

Pela reverência devida à celebração do memorial do Senhor e ao banquete em que é distribuído o Corpo e Sangue de Cristo, o altar sobre o qual se celebra deve ser coberto ao menos com uma toalha de cor branca, que, pela sua forma, tamanho e ornato, deve estar em harmonia com a estrutura do altar.¹¹⁷

O mesmo documento religioso não aborda especificamente qual deva ser o tecido usado na confecção da toalha, mas relativamente às vestes litúrgicas, ele menciona: “Na confecção das vestes sagradas, além dos materiais tradicionalmente usados, é permitido o uso de fibras naturais, bem como de fibras artificiais, desde que estejam em harmonia com a dignidade da acção sagrada e da pessoa.”¹¹⁸ Logo, é legítimo deduzirmos que a toalha que reveste o Altar poderá ser de linho branco ou cânhamo.

Na celebração da Eucaristia e Ação de Graças é necessário e imprescindível colocar outros objetos litúrgicos sobre o Altar. Ao iniciar-se a Missa, o leitor que traz o Evangeliário e coloca-o sobre o Altar até à proclamação do Evangelho, onde o sacerdote o transportará até ao ambão. No final da liturgia, assim que o sacerdote se dirige ao Altar, o acólito transporta o Missal e coloca-o em cima do Altar. Depois, deposita alguns objetos litúrgicos sobre o Altar: o corporal, a patena e a píxide com o pão, o cálice e o sanguinho¹¹⁹:

Sobre a mesa do altar, apenas se podem colocar as coisas necessárias para a celebração da Missa, ou seja, o Evangeliário desde o início da celebração até à proclamação do Evangelho, e desde a apresentação dos dons até à purificação dos vasos, o cálice com a patena, a píxide, se for precisa, e ainda o corporal, o sanguinho, a pala e o Missal.¹²⁰

¹¹⁶ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 305.

¹¹⁷ Instrução Geral Missal Romano, n.º 304.

¹¹⁸ Instrução Geral Missal Romano, n.º 343.

¹¹⁹ O sanguinho é considerado um pano branco, preferencialmente, de linho ou de cânhamo (mas hoje também de outras fibras), mais comprido que largo, dobrado em três, que serve para a purificação dos vasos sagrados depois de usados nas celebrações, e também para enxugar os lábios do celebrante, no caso de ser necessário. Em toda a Instrução Geral do Missal Romano, fala-se do sanguinho nas seguintes passagens, aqui dispostas segundo a ordem cronológica da celebração da eucaristia: 118, 306, 73, 139, 163, 286, 279.

¹²⁰ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 206.

Se houver necessidade de colocar microfone no Altar, este deve ser de pequenas dimensões: “Além disso, devem dispor-se discretamente os instrumentos porventura necessários para amplificar a voz do sacerdote.”¹²¹

3.2. *Sacrossanctum Concilium e Concílio Vaticano II*

É incontestável o contributo prestado pela Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* para o sucesso que se verificou com o Concílio Vaticano II. Assim, foi no dia 4 de dezembro de 1963 que esse documento acabou por contribuir no resgate de certos aspetos fundamentais da liturgia¹²² que se haviam perdido, entre os quais se salientam a centralidade do Mistério Pascal, a importância da participação da assembleia, a simplicidade da liturgia romana e sua consequente adaptação a todas as culturas.

Tendo em consideração que um dos princípios basilares do Movimento Litúrgico visava obter celebrações eucarísticas mais participativas, nas quais o povo participasse ativamente, a Constituição Apostólica *Sacrossanctum Concilium* manifesta de forma permanente essa ideia,¹²³ particularmente, o ponto 14, ao sublinhar a necessidade de os fiéis serem levados a participar plena e ativamente nas celebrações como sendo uma exigência da própria natureza da liturgia, considerada um direito e um dever dos fiéis.¹²⁴ Todavia, como é referido no próprio documento, os fiéis devem compreender com facilidade os sinais sacramentais¹²⁵ para que possam usufruir de uma participação plena e consciente da liturgia.

Portanto, é perceptível que a primeira preocupação deste documento era proporcionar aos fiéis uma participação ativa e consciente na liturgia, exercitando assim, o Sacerdócio Batismal¹²⁶ que faz deles “*uma raça escolhida, Sacerdócio Régio, Nação Santa, Povo adquirido em propriedade*” (1 Pe 2,9).

É no Mistério Pascal de Cristo, celebrado na liturgia que se dá a plena comunhão de Cristo com os seus fiéis, opinião partilhada por Mário Ferreira, quando revela que é através desse Mistério que:

¹²¹ Instrução Geral do Missal Romano, n.º 306.

¹²² Como descreve o autor Bernardino Costa em *As últimas três décadas da liturgia: releitura de alguns documentos do Magistério*, Revista Humanística e Teologia, n.º 31, 2010, 27-53: “(...) este documento não visava tratar de forma extensa o tema da liturgia, mas tinha como finalidade definir os princípios gerais de uma teologia litúrgica. Assim, tratar-se-ia de princípios gerais que permitam ao homem as bases de uma construção profunda da fé cristã, e isso só é possível se a vida litúrgica for realmente uma experiência vivida e não um ritual ou celebração à qual o povo assiste. Esta reflexão da liturgia como discurso teológico numa perspectiva pastoral, conseguida na redação final da Constituição sobre a Sagrada Liturgia foi possível.

¹²³ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 11-14, 19, 27, 30, 41, 50, 53, 55, 79, 113, 121, 124.

¹²⁴ Cf. Clemente Isnard, *A Constituição “De Sacra Liturgia”*, 866.

¹²⁵ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 59.

¹²⁶ Cf. Annibale Bugnini, *La Riforma Litúrgica* (1948-1975), 55.

[...] brota a vida da Igreja e de cada cristão [...] A Liturgia, particularmente a Eucaristia, contém todo o bem espiritual da Igreja, ou seja, o próprio Cristo, nossa Páscoa. Povo Santo, Assembleia do Senhor autor da Palavra, Povo sacerdotal chamado a oferecer o sacrifício de Cristo e a participar na refeição Pascal, os cristãos acolhem e celebram a presença real de Cristo.¹²⁷

Acerca do Mistério Pascal e da Eucaristia podemos referir que no Capítulo II da Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium* – O Sagrado Mistério da Eucaristia, n.º 47 ele passa a ser descrito:

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue, para perpetuar o Sacrifício da Cruz ao longo dos séculos até que Ele venha, e para confiar à Igreja, sua Esposa amada, o memorial da sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo.¹²⁸

Antes do Concílio Vaticano II, os Altares eram em grande número e espalhados por toda a igreja. O sacerdote celebrava a Missa em latim, o que deixou de acontecer após o Concílio Vaticano II, em que a celebração da Eucaristia passou a ser instituída num único Altar, localizado no centro da igreja, com o sacerdote virado de frente para o auditório. Nessa perspectiva, o Concílio Vaticano II acabou por resgatar, igualmente, o valor simbólico do Altar e o seu sentido original – como mesa.

No que respeita ao tabernáculo ele é retirado do Altar e é transferido para uma capela separada que poderá ser adorada de forma privada pelos fiéis.

Por seu turno, a língua utilizada nas recitações era o idioma de cada país.

As mudanças mais importantes que foram implementadas consistiam na substituição de uma liturgia de cariz estático, privado do clero com sua própria língua e tendo o povo como espectador, para uma liturgia compreendida pelos fiéis, ativa, participativa, com Cristo no centro. Como nos diz Joaquim de Carvalho “Foi só com o restabelecimento da categoria da história da salvação na área da ciência litúrgica, que as questões teológicas e pastorais que actualmente se colocam à Liturgia Romana foram iluminadas.”¹²⁹

Reconhece-se, portanto, que esta mutação sugerida pelo Concílio Vaticano II sobre a língua vernácula utilizada na liturgia é muito importante.

¹²⁷ Mário J. Ferreira, *A Reforma litúrgica do Vaticano II. A importância da música para a participação dos fiéis na liturgia*, dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2015, 29.

¹²⁸ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 47.

¹²⁹ Joaquim F. de Carvalho, *O Problema da Adaptação Litúrgica*, (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2000), 52.

3.3. O Ritual de 1977

O Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar adquiriu em si mesmo, desde os primórdios, que a Igreja é o “*Corpo de Cristo*”. Esta Igreja reunida em nome de Cristo tem um lugar físico e simbólico que deve expressar tanto quanto possível no visível e na funcionalidade o que descansa no invisível e que é liturgicamente celebrado como mistério de Cristo.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* diz que “O Espírito habita na Igreja e no coração dos fiéis, como num templo (1 Cor 3,16; 6,19); e dentro deles ora e dá testemunho da adopção de filhos (Gal 4,6; Rom 8,15,16,26). (...) Assim a Igreja toda aparece como ‘um povo reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo’” (*Lumen Gentium*, 4).

Na igreja (edifício físico) está reunida a Igreja espiritual, batizada e crente em Cristo e que celebra os seus mistérios (de Cristo), fazendo de cada encontro, um encontro com Deus. Proporcionada uma comunhão fraterna, logo se parte em missão para testemunhar a esperança no mundo e diz S. Paulo: “Tendo sido, pois, justificados pela fé, estamos em paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem tivemos acesso, pela fé, a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Rom 5,1,2). A fé e a graça invisíveis manifestam-se no mundo e de forma visível em expressões humanas e litúrgicas de modo que o Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar é importante.

A dedicação de uma igreja ou/e Altar, porventura, não será algo que conheçamos dos primeiros séculos da Igreja nascente. Desde a paz de Constantino, podemos afirmar que a construção de basílicas e igrejas foram motivos de festa, celebração e orgulho por parte dos crentes.¹³⁰

A celebração eucarística seria o momento marcante da inauguração de um novo templo, quando ainda não haveria um rito ou ritual de dedicação, no entanto, o Altar onde estavam colocadas as relíquias dos santos e mártires e todo o espaço eclesial “começa a ungir-se o altar com o óleo crismal e a aspergir-se com água alguns templos pagãos convertidos em igrejas, pensando-se que esta tradição tenha começado pela ligação própria dos sacramentos de iniciação cristã.”¹³¹

Dos ritos surgentes até ao século VIII e em linhas gerais, existiam 3: o romano, o bizantino e o franco, todas elas com aspersão de água e óleo santo sobre o Altar. Nos séculos

¹³⁰ Duarte Sousa, *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*, pro manuscrito (tese de mestrado em Teologia na Universidade Católica), (Lisboa, 2012), 8,9.

¹³¹ Stefano Marsili, *Dedicazione senza consacrazione*, in *Rivista Liturgica*, nº 4, (Ano 66), Elle di ci Editrice, Turim, 1979, 578-601. Citado por Duarte SOUSA, *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*, pro manuscrito (tese de mestrado em Teologia na Universidade Católica), Lisboa, 2012, 10.

VIII a X, dá-se uma mistura entre o ritual franco e o romano e surge no século X o Pontifical de Mogúncia ou Romano-Germânico.¹³²

Entre os séculos XI e XX vigorou a compilação feita por Clemente VIII (certamente feito do que seria a práxis anterior) até ao pontificado de João XXIII que, em 1961, aprovou a simplificação do Ritual de Clemente VIII, mas que tinha sido pedida por Pio XII.¹³³

Claro que o Altar tem particular importância, porque é o local onde se celebra a Eucaristia, centro da liturgia, “cume para o qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua energia”¹³⁴ e, por isso, a sua consagração é fundamental. O Altar simbolizava três vertentes distintas e complementares: cada fiel que se oferece por Cristo a Deus Pai; a Unidade de toda a Igreja Católica; o próprio Cristo.¹³⁵

Assim, o Ritual de Clemente VIII anotava estes 3 elementos que passavam como elementos importantes às redações seguintes.

Importa agora ver o Ritual de Dedicção da Igreja e do Altar de 29 de Maio de 1977 (absorve traços de pensamento do Concílio Vaticano II e da Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium*) e, mais um pouco do que diz relativamente ao Altar, pois que este não é o fim último mas sim “Pela celebração da Eucaristia é manifesta claramente, por meio de sinais, a finalidade principal da edificação da igreja e do altar.”¹³⁶

O Ritual de 1977 põe em relação todo o processo consagratório com a celebração eucarística como parte importante da cerimónia, da festa e aclara de forma simples um processo outrora complexo, em virtude de ser único e pouco frequente, além de demorado. Assim, se expressa de forma veemente a aproximação aos crentes para os tornar capazes de entender e agir dentro da liturgia celebrada, mesmo em dias de complexidade cerimonial como os da consagração de uma igreja e Altar. Este Ritual tem uma série de observações preliminares de tipo litúrgico-teológico, com indicações para a construção de Altares e a celebração de consagração, recordando sempre que o Altar é Cristo.¹³⁷

¹³² Duarte Sousa, *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*, pro manuscrito (tese de mestrado em Teologia na Universidade Católica), Lisboa, 2012, 10-12.

¹³³ Duarte Sousa, *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*, pro manuscrito (tese de mestrado em Teologia na Universidade Católica), Lisboa, 2012, 17. Inclusive o Ritual de 1961 vem fazer a diferenciação entre “Dedicção” e “Consagração”, tidas como semelhantes anteriormente. A primeira diz respeito a lustrações ou aspersões na entrada da igreja, enquanto as unções do Altar e igreja, como símbolos maiores, dizem respeito à segunda num sentido sacro-simbólico.

¹³⁴ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 10.

¹³⁵ Sagração dos Altares Portáteis segundo o Pontifical Romano, 3-4 in Duarte Sousa, *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*, pro manuscrito (tese de mestrado em Teologia na Universidade Católica), Lisboa, 2012, 15.

¹³⁶ José Esteves e José Cordeiro, *Liturgia da Igreja*, (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2008), 254.

¹³⁷ Paul De Clerck, “Il significato dell’Altare nei rituale della dedicazione”, in *L’Altare*, (Magnano: Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 2005), 42-46.

A divisão feita em quatro partes: Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Oração da Dedicção e Eucaristia, importa destacar a deposição das relíquias no Altar, seguindo-se “os ritos de unção, incensação, revestimento e iluminação do altar são sinais visíveis da acção invisível que Deus realiza por meio da Igreja quando esta celebra os sagrados mistérios, em especial a Eucaristia.”¹³⁸ Assim, o Altar torna-se símbolo do próprio Cristo e as três vertentes (cada um dos fiéis, Cristo e a unidade) ficam manifestas também na oração referida nos Preliminares: “Pela unção do Crisma o altar torna-se símbolo de Cristo, que é o ‘Ungido’ de preferência aos demais e assim é chamado; na verdade, o Pai O ungiu pelo Espírito Santo e O constituiu o Sumo Sacerdote, para que oferecesse no altar do seu Corpo o sacrifício da vida pela salvação de todos.”¹³⁹

Ainda duas questões que importa salientar e que são em primeiro lugar a personalização do Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar para evitar uma leitura meramente materialista, pois a Igreja é feita de pessoas e a atenção deve concentrar-se na celebração e nos ritos; e em segundo lugar a mesa/Altar como mesa de convívio e como pedra do sacrifício que se complementam.¹⁴⁰

Resumindo, de certa forma o Ritual de 1977 condensa e simplifica todo o processo de dedicação e consagração, tornando compreensível e preparando o Altar para a Eucaristia “adornada a mesa do banquete, convocados e reunidos os convidados.”¹⁴¹ A Eucaristia é o ponto alto e quando é celebrada, o Altar já passou de mera pedra a verdadeira ara e mesa, onde Cristo se oferece por todos e, por isso, uma igreja não se concebe sem o Altar para que a celebração aconteça.¹⁴²

3.4. Código de Direito Canónico e o Altar

À luz do Código de Direito Canónico, no Capítulo IV - Dos Altares, o cânone 1235, número 1 definem-se as diferenças entre o Altar fixo e o móvel: “O altar, ou mesa sobre a qual se celebra o sacrifício eucarístico, diz-se fixo, se for de tal forma construído que adira ao pavimento, e portanto não se possa remover; móvel se puder transferir-se.” No número 2 é sugerido que haja nas igrejas novas um Altar fixo, sendo que poderão existir outros Altares

¹³⁸ José Abad e Manuel Garrido, *Iniciación a la Liturgia de la Iglesia*, (Madrid: Ed. Palavra, 2007), 652.

¹³⁹ Pontifical Romano, *Dedicção da Igreja e do Altar*, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990), 101.

¹⁴⁰ Paul De Clerck, “Il significato dell’Altare nei rituale della dedicazione”, in *L’Altare*, 50-51.

¹⁴¹ José Ferreira, *A Dedicção da Igreja e Altar*, in *Boletim de Pastoral Litúrgica*, (Aveiro: Secretariado Nacional de Liturgia, 1990), nº 59, 74.

¹⁴² Pere Tena, “Comentario al ritual de Dedicación de iglesias”, in *Las iglesias e su dedicación*, (Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1990), 27-28.

fixos ou móveis em outros locais dentro da Igreja: “Convém que em todas as igrejas haja um altar fixo, nos demais lugares, destinados às celebrações sagradas, um altar fixo ou móvel.”

Este mesmo Código afirma que é necessário que a mesa do Altar fixo seja de pedra, primordialmente, de pedra natural: “Segundo o costume tradicional da Igreja, a mesa do altar fixo seja de pedra, e até de uma única pedra natural.” No seguimento desta ideia, é realçado que “O altar móvel pode ser construído de qualquer matéria sólida acomodada ao uso litúrgico.”

Ao abordar-se a dedicação dos Altares, o Código de Direito Canónico frisa que: “Os altares fixos devem ser dedicados, e os móveis dedicados ou benzidos, segundo os ritos prescritos nos livros litúrgicos.” Porém, no que respeita à manutenção das relíquias de mártires ou de outros santos, eles devem ser guardados sob o Altar fixo, seguindo os preceitos documentados nos livros litúrgicos.

Relativamente à possibilidade de o Altar vir a perder a sua bênção, o cânone 1238 mostra que isso não é possível, excetuando nos casos descritos no cânone 1212: “O altar perde a dedicação ou a bênção nos termos do cânone 1212. Com a redução da igreja ou outro lugar sagrado a usos profanos, os altares, quer fixos quer móveis, não perdem a dedicação ou a bênção.”

No cânone 1239 sublinha-se a obrigatoriedade de o Altar fixo ou móvel se destinar unicamente a devoções sagradas: “Tanto o altar fixo como o móvel devem reservar-se exclusivamente ao culto divino, com exclusão total de qualquer uso profano. Debaixo do altar não deve estar sepultado nenhum cadáver, de contrário, não é permitido sobre ele celebrar-se a Missa.”

3.5. Catecismo da Igreja Católica e o Altar

O Catecismo da Igreja Católica, promulgado por João Paulo II a 11 de Outubro de 1992, foi certamente um dos primordiais frutos do Concílio do Vaticano II (apesar dos vários anos passados). Na verdade, encontramos nele a doutrina católica desde os primórdios da Igreja. A doutrina sobre o Altar encontra-se presente na segunda seção intitulada “Os Sete Sacramentos da Igreja” pertencente à Segunda Parte denominada “A Celebração do Mistério Cristão”.

O Catecismo da Igreja Católica faz uma analogia frisando que o Altar é a Cruz onde Cristo foi sacrificado e imolado: “O altar da nova aliança é a cruz do Senhor, da qual brotam os sacramentos do mistério pascal. Sobre o altar, que é o centro da igreja, se faz presente o Sacrifício da cruz sob os sinais sacramentais. Ele é também a mesa do Senhor, para a qual o povo de Deus é convidado” (Catecismo da Igreja Católica, 1182).

Como constatámos, é no Altar que se perpetua o único e perfeito Sacrifício da Nova e Eterna Aliança em Cristo Jesus. Por esse motivo e dada a sua dignidade e importância, reverenciamos o Altar do Sacrifício, honrando Àquele que nele se entregou e continua a se entregar para a santificação e salvação da Humanidade. O sacerdote, ao iniciar as celebrações eucarísticas, o reverencia dando-lhe o ósculo (beijo), sagrando o local de onde emana o alimento espiritual de toda a Igreja. Cada um dos fiéis pode ter o mesmo procedimento, pois não se trata de uma mesa qualquer, mas da mesa do Senhor.

No Catecismo da Igreja Católica, o Altar está sempre associado à Cruz, ou pousada em cima dele ou colocada na sua lateral. Por essa razão, quando os fiéis passam diante do Altar e da cruz, fazem uma “vénia” (inclinação), reverenciando a entrega de Jesus no momento da paixão e morte na cruz e no sacrifício do Altar durante a Missa.

Nessa perspectiva, a doutrina acerca do sacramento da Eucaristia está bem patente no capítulo primeiro da segunda parte. No entanto, antes de nos focarmos nesse subcapítulo, é da maior utilidade recolher algumas afirmações relativamente à natureza sacrificial da Eucaristia, tendo por base outros números do mesmo catecismo. Logo, a nossa atenção dirige-se para o n.º 1330 que define a Eucaristia como o: “Memorial da paixão e ressurreição do Senhor. Santo Sacrifício, porque atualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja, ou ainda santo Sacrifício da Missa, Sacrifício espiritual, Sacrifício puro e santo, pois completa e ultrapassa todos os sacrifícios da Antiga Aliança.”¹⁴³

Relativamente ao banquete pascal, já mencionado noutra secção deste trabalho, verificamos que, de acordo com o Catecismo da Igreja Católica: “A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor. Mas a celebração do sacrifício eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo, que se ofereceu por nós.”¹⁴⁴

O mesmo documento destaca a importância do Altar, uma vez que ele simboliza duas vertentes associadas ao mesmo mistério:

O altar, à volta do qual a Igreja se reúne na celebração da Eucaristia, representa os dois aspetos dum mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto tanto mais que o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembleia dos seus fiéis, ao mesmo tempo, como vítima oferecida para a nossa reconciliação e como alimento celeste que se nos dá.¹⁴⁵

¹⁴³ Catecismo da Igreja Católica, (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000), n.º 1330.

¹⁴⁴ Catecismo da Igreja Católica, n.º 1382.

¹⁴⁵ Catecismo da Igreja Católica, n.º 1383.

Com efeito, o que é o Altar de Cristo senão a imagem do corpo de Cristo? O Altar representa Cristo, e sobre ele está o Seu corpo.

Em suma, quando agregados em torno do Altar - Mesa Sagrada - comungamos o Corpo e o Sangue de Cristo. Por isso:

É neste momento de íntima presença do Senhor na vida dos fiéis que a graça acontece em cada comungante. É necessário a abertura de coração, o esvaziamento de si para podermos ser preenchidos com a presença de Deus. No momento de comunhão, não precisamos ficar preocupados com o que falar, com o que rezar. A única preocupação é de se entregar e experimentar a riqueza e a grandeza do Senhor em nossa vida. Assim como acolhemos alguém em nossa casa, acolhamos o Cristo, Pão vivo descido do Céu, na casa de nosso coração. É no meu e é no seu coração que Ele quer morar, pois somente Ele é a razão de viver e a alegria verdadeira de nossa alma.¹⁴⁶

3.6. O “*motu proprio*” *Summorum Pontificum*

O Papa Bento XVI define neste “Motu Próprio” a possibilidade de se poder utilizar, sem necessitar de qualquer autorização, os livros litúrgicos anteriores à reforma prevista pelo Concílio Vaticano II. Logo, através dele foi restabelecido o Missal, o Ritual, o Breviário e a Confirmação.

Com a sua publicação, a liturgia romana anterior à reforma de 1970 foi alargada a toda a Igreja de cariz latino, possibilitando-se a celebração da Missa e dos sacramentos segundo as escrituras litúrgicas promulgadas antes do Concílio Vaticano II. Essa aprovação universal implica que a Missa no antigo rito tridentino poderá ser celebrada livremente em todo o mundo se os sacerdotes assim o entenderem. Assim, o Papa Bento XVI, ao permitir a forma ritual tridentina aproxima-se das vozes mais tradicionalistas da Igreja de forma inclusiva.

Na Igreja Latina, praticamente nos últimos dois milénios, a Eucaristia era celebrada com o sacerdote posicionado na direção do Oriente. Essa celebração era denominada *ad orientem*, dado que o Oriente era a direção onde se localizava Jerusalém, a cidade considerada modelo do paraíso. Contudo, as basílicas romanas eram voltadas para o Ocidente. Nelas, o sacerdote voltava-se para a congregação, a fim de iniciar a celebração. Logo, o Oriente passou a ser apenas o oriente litúrgico, geralmente, localizado no fundo dos presbitérios, onde o sacerdote voltado para ele celebrava a Missa. Contudo, na altura das admoções e na homília, o sacerdote voltava-se para a congregação. A partir dessa altura, grande parte das igrejas foi erigida,

¹⁴⁶ Cf. Formação Litúrgica – Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Campo Belo (Minas Gerais), acessido em 10 de julho de 2020, disponível online em: http://www.paroquianossasenhoadocarmo.com/jornal/201007formacao_liturgica.htm.

conservando o Altar fixo a um retábulo, ambos localizados no fundo da nave ou na parte final do presbitério.

Após o Concílio Vaticano II, os novos Altares passaram a localizar-se no centro do presbitério, em vez de serem fixos à parede.

No sentido de retomar o significado do oriente litúrgico, sem provocar grandes alterações, propôs uma forma nova de preparar o Altar, que recebeu a designação de “arranjo beneditino”, ou seja, sempre que se dava início à celebração *versus populum* eram colocados na frente do Altar seis candelabros com sete velas e uma cruz no centro, voltados para o celebrante.

O grande diferencial do Altar cristão reside na sua função anamnética. Assim, ele é “sagrado” graças à ação litúrgica.

4. O Altar e a assembleia

A interação entre Deus e a assembleia é diretamente mediada pelo Altar que é Cristo e realiza-se pelos sentidos humanos, pelo diálogo entre presidente e fiéis e define em larga medida a conceção do próprio espaço litúrgico.¹⁴⁷ Como sabemos o espaço litúrgico expressava até à reforma litúrgica do Concílio Vaticano II um sentido de unidade na forma e na construção da própria celebração litúrgica. Consistia num espaço onde o Altar principal se destacava com o tabernáculo (virado a Oriente) e depois os Altares secundários ou laterais. A divisão entre presbitério e assembleia era acentuada de forma clara para marcar a diferença entre magistério e fiéis leigos.

As reformas introduzidas pelo Concílio Vaticano II como a colocação do ambão, o local do batistério e da presidência vão influir, certamente, sobre o Altar e no modo como este se vai configurar, isto de modo externo. De modo interno, ou seja, a partir da liturgia e do modo como se expressa a assembleia “antes primário, compreender e explicar em geral o Altar, partindo do seu significado no meio da assembleia reunida para a liturgia, e conseqüentemente a configuração do espaço litúrgico.”¹⁴⁸ Ao longo da história, vimos como, inicialmente, o Altar foi a “mesa da Ceia do Senhor”, depois Altar sacrificial e lugar memorial dos mártires para chegar à veneração eucarística procedente de Trento (1545-1563).

¹⁴⁷ Klemens Richter, “Comunità, Spazio Liturgico e Altare”, in *L'Altare mistero di presenza, opera dell'arte*, 183.

¹⁴⁸ Klemens Richter, “Comunità, Spazio Liturgico e Altare”, in *L'Altare mistero di presenza, opera dell'arte*, 184. Este autor defende que não se pode falar do desenvolvimento e significado atual do Altar sem antes falar do anúncio da Palavra na liturgia e também de certa forma do batistério e da própria cátedra.

A nosso ver o Concílio Vaticano II traz luz sobre o Altar e uma nova ordem espiritual, recordando:

“Esta obra da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, às quais se referiam as maravilhas por Ele operadas em favor do povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição de entre os mortos e gloriosa Ascensão, mistério pelo qual «morrendo destruiu a nossa morte e ressuscitando restaurou a nossa vida» [Prefácio Pascal]. Com efeito, do lado de Cristo adormecido na cruz nasceu o sacramento admirável da Igreja inteira. [S. Agostinho, Enarr. In Ps. 138,2].”¹⁴⁹

Cristo é o único “*Sumo-sacerdote*” (Hb 8,1;9,11-15), agente verdadeiro da Salvação para os homens e do movimento de nos conduzir ao Pai, pelo mistério maior do cristianismo que foi a sua paixão, morte e ressurreição. Por isso, a Igreja inteira pelo sacramento do Batismo em Cristo, da Confirmação e da Eucaristia é chamada em cada um e em todos como “*corpo de Cristo*” a unir-se a este movimento de olhar para Deus (como Cristo fez o “*processit ad Patrem*”) e a deixar-se inundar pela graça do Espírito Santo, porque “vós sóis templos de Deus e que o Espírito Santo habita em vós? Santo é o templo de Deus que sóis vós” (1Cor 3,16-17) e “Porque vós sóis pedras vivas na construção de um edifício espiritual, um sacerdócio santo” (1Pe 2, 5).

Esta mudança proporcionada pelo desejo de participação ativa dos fiéis tem consequências, evidentes, no diálogo entre a assembleia e o presidente. Ou seja, na liturgia e, conseqüentemente, na definição do espaço e do Altar. A nosso ver as alterações efetuadas são um ponto de viragem deveras importantes e fundamentais.¹⁵⁰

De uma conceção estática e institucional da presença de Cristo na espécie eucarística, passamos a uma conceção também dinâmica da presença de Cristo no meio da assembleia, rompendo com conceções medievais.¹⁵¹ Por isso, a liturgia exalta também a assembleia de modo que as construções e espaços celebrativos ficam mais próximos dos fiéis.

¹⁴⁹ *Sacrosanctum Concilium* (SC), n° 5.

¹⁵⁰ Note-se o que diz o Ordenamento Geral do Missal Romano, promulgado a 20 de abril de 2000 e que diz no número 27 o seguinte: “Na missa a Ceia do Senhor (...) Cristo é realmente presente na assembleia dos fiéis reunida em Seu Nome, na pessoa do ministro, na Sua Palavra e no modo substancial e permanente sobre a espécie eucarística”.

¹⁵¹ Klemens Richter, “Comunità, Spazio Liturgico e Altare”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 185-186.

5. Espaço e funcionalidade do Altar

O espaço do Altar continua a ser fulcral e central. O formato longitudinal que as igrejas tiveram durante séculos, concederam ao Altar, um lugar elevado no presbitério. Nas atuais construções, o espaço reservado ao Altar, deve continuar a ser central e visível a todos, tendo em conta a forma e a funcionalidade do templo, de modo a que todos os batizados possam participar ativamente.

Sabemos bem que os sacerdotes, em função da sua ministerialidade, estão numa proximidade convivial em relação ao Altar que não está reservada a todos os cristãos.

Tal fato, acaba por ser imediatamente suprimido, porque no momento da comunhão, todos comungam plenamente do corpo e sangue de Cristo, tal como nos foi ordenado pelo próprio (Lc 22,19). A confirmar esta ideia, também, o Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar, onde diz que cada batizado, tornado filho de Deus pela graça divina (Cristo), se torna digno de “Em toda a parte, consoante as circunstâncias, os filhos da Igreja podem celebrar o memorial de Cristo e sentar-se à mesa do Senhor.”¹⁵²

Embora nem todos possam estar numa proximidade absoluta, em relação ao Altar, todos os batizados são convidados à festa e a participar da mesa que nos oferece Cristo como alimento espiritual.

O Altar faz da Igreja a antecipação do eterno. Coloca-nos em comunhão com o Pai, por Cristo (Jo 14, 9). Esta particularidade nasce do duplo aspeto para que o Altar nos remete. Por um lado é a ara do sacrifício, mas por outro a mesa da partilha e da comunhão. Assim declara o nº 16 do Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar, ainda que a propósito da colocação da toalha:

O revestimento do altar indica que o altar cristão e a ara do Sacrifício Eucarístico e a mesa do Senhor em volta da qual os sacerdotes e fiéis, numa mesma e única ação, embora com função diversa celebram o Memorial da Morte e Ressurreição de Cristo e comem da Ceia do Senhor. Por isso, o altar é preparado e festivamente ornado como a mesa do banquete sacrificial. Isto claramente significa que ele é a mesa do Senhor, da qual todos os fiéis se aproximam com alegria, para se alimentarem do alimento divino, o Corpo e o Sangue de Cristo imolado.¹⁵³

¹⁵² Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 96..

¹⁵³ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 101-102..

6. Altar: mesa/pedra do sacrifício

O Altar cristão é em si mesmo um lugar que traduz o mistério de Cristo no alto da cruz e na Última Ceia como uma dádiva total e incondicional à Humanidade. Ali Se faz presente o próprio Cristo como pão que Se entrega totalmente e como cordeiro pascal que amorosamente Se dá a todos. O memorial da Última Ceia da introduz a comunidade humana de crentes no Seu corpo de tal forma que possa ter acesso à salvação. Torna-se evidente a indissociabilidade entre Cristo e a Igreja como Seu corpo visível.

Também S. Paulo opta por uma lógica de expiação sacrificial (Gl 3,13; Hb 9,1-18).

Ao longo da história valorizou-se bastante uma concepção de Altar, baseada na paixão e no sacrifício de Cristo. Tanto que podemos delinear um tempo pré-pascal e um tempo pós-pascal. Nos primeiros séculos a forma privilegiada de Altar cristão, apesar do convívio e da partilha, era vista muito como ara do sacrifício. Mais tarde evidencia-se o aspeto martirológico e devotivo com as relíquias. Depois surge o retábulo que passa o Altar para elemento secundarizado, tal como o sacrário que evidenciava a presença real de Cristo, ou o Barroco que valorizava uma mesa comprida e a imensa decoração. Em tudo isto, vemos uma busca da melhor forma de celebrar os mistérios de Cristo. Mesmo por ocasião do Concílio de Trento houve a necessidade de afirmar o conceito de memorial em contraponto à lógica considerada fútil de reformadores protestantes.¹⁵⁴

Complementarmente, nos evangelhos sinóticos importa a celebração em volta da mesa e a prevalência da Ceia do Senhor como comunhão e memorial da entrega amorosa de Cristo e, por isso, não tanto expiatória/libatória.

O sentido dado pela experiência cristã não se relaciona tanto com a expiação, mas com o amor gratuito e incondicional de Deus que entrega o Seu Filho para que todos tenham prova da bondade infinita da Trindade. Por esta lógica, a vítima e o sacerdote são o mesmo e não diferentes e aí reside a novidade do Mistério Pascal (Hb 9,11-14).

Assim, entre comunhão e oferecimento de vítima não existe distinção ou contradição alguma, mas antes uma complementaridade plena de graça que serve a proximidade entre Deus e a Humanidade, porque onde estão reunidos os cristãos aí Deus Se faz presente.

A celebração eucarística realizada sobre o Altar é performativa e ao mesmo tempo mistério central de salvação. Pois todas as vezes que a celebramos “anunciamos a morte e ressurreição de Cristo até que Ele venha” (1 Cor 11,26). Por isso, recordamos em anamnese a

¹⁵⁴ Heinrich Denzinger, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, (S. Paulo: Paulinas, 2007), 1740.

vida de Cristo e ao mesmo tempo anunciamos de forma profética com esperança, fé e caridade a salvação futura, já com testemunho real de cada cristão batizado.

Estamos configurados com Cristo na morte e, também, com Ele ressuscitaremos para a vida sem fim (Rm 6,4). Somos um corpo de batizados em Cristo que celebra, recorda e projeta para o futuro, cuja ação de Cristo fica visível na atuação do Espírito Santo e nos sacramentos visíveis.¹⁵⁵

Concluimos que no Altar existe complementaridade e unidade e nunca exclusão, contradição ou algum modo de antítese, quando nele celebramos a ceia como celebração e anamnese de Cristo e, ao mesmo tempo, a paixão amorosa da entrega de Jesus por todos os crentes. Por um lado, a existência terrena de Cristo à qual nós nos devemos configurar e, por outro, o anúncio da salvação. Talvez seja esta uma mistagogia possível para o Altar.

O Altar é o lugar onde ceia, paixão e convívio fraternal estão presentes como ato fundacional da própria Igreja e daí a sua grande importância.¹⁵⁶

Voltando ao duplo aspeto do Altar, esclarece o Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar nos preliminares que “Os ritos da unção, da incensação, do revestimento e da iluminação do altar exprimem, em sinais sensíveis, alguns aspetos daquela obra invisível que o Senhor realiza por meio da Igreja quando ela celebra os divinos mistérios, principalmente a Eucaristia.”¹⁵⁷

À reunião para celebrar o mistério da Eucaristia como Cristo nos ordenou, corresponde a recordação do nosso batismo, porque por Cristo nos aproximamos do Pai celeste. A invisibilidade da graça do batismo está, particularmente, presente na celebração do memorial de Cristo.

Assim o confirma o Catecismo da Igreja Católica no nº 1182, quando diz: “O altar da Nova Aliança é a Cruz do Senhor, de onde dimanam os sacramentos do mistério pascal. Sobre o altar, que é o centro da igreja, o sacrifício da cruz é tornado presente sob os sinais sacramentais. Ele é também a mesa do Senhor, para a qual o povo de Deus é convidado. Em certas liturgias orientais, o altar é, ainda o símbolo do túmulo (Cristo morreu verdadeiramente e verdadeiramente ressuscitou).”

Somos constantemente lembrados, pelo batismo e pela celebração eucarística, a compreender os mistérios de Cristo e a ser d’Ele imitadores, verdadeiramente.

Relativamente, aos sinais sensíveis, presentes no Altar recordamos 4 pontos, ainda do Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar:

¹⁵⁵ Leão Magno, *De ascensione Domini*, 74, 2.

¹⁵⁶ Frédéric Debuyst, “L’Altare: opera d’arte o mistério di presenza”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 29.

¹⁵⁷ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 32.

- a) Unção do altar para se tornar, simbolicamente, o próprio Cristo (“Ungido”) e dom do Pai, pelo Espírito Santo, para realizar no Seu corpo, verdadeiro e eterno altar, a salvação de todos;
- b) O incenso que sobe para Deus como odor agradável, para que acolha as orações e preces e nos acolha a nós um dia como a Cristo;
- c) O revestimento do altar para significar a mesa do memorial de Cristo do qual todos se alimentam com alegria;
- d) A iluminação do altar e da própria igreja para nos recordar Cristo como a luz que nos ilumina.¹⁵⁸

Todos estes itens são sinais visíveis que pretendam conduzir-nos, pela palavra e pela fé, ao invisível. De uma ou outra forma, ao longo da história, existiram variações nesta procura de estabelecer ligação ou, se quisermos, analogia entre o humano e o divino.

Talvez o Altar de pedra e na forma de bloco, nos remeta melhor para as imagens proféticas do Antigo Testamento. A linguagem sacrificial é de certa forma recordada, logo nas palavras de Cristo, quando se oferece como vítima pascal. Por isto, a melhor forma de Altar talvez fosse a de um monobloco quadrado semelhante a uma ara sacrificial. Mas, por outro lado, atualmente, a linguagem da solidariedade, do amor e do convívio à mesa parecem ser igualmente importantes. As imagens que se possam transmitir parecem ser ambas importantes.

A noção de sacrifício e de “Altar de pedra e em forma de bloco remete melhor para as diversas imagens proféticas do Antigo Testamento, evocadas na oração da dedicação: ara do sacrifício, rocha aspergida com o sangue do cordeiro e pedra angular, fundamento da unidade da igreja.”¹⁵⁹

Na escolha da forma do Altar uma coisa é certa, independentemente de se aproximar mais ou menos do aspeto sacrificial de Cristo ou da mesa eucarística, parece-nos que não será um problema antagónico, porque na celebração litúrgica um remete sempre para o outro, como se os dois se complementassem.

7. Cristo o verdadeiro Altar, Sacerdote e Cordeiro

A tradição de dizer que o Altar é o próprio Cristo vem desde os primórdios do cristianismo. Já na Carta aos Hebreus se fala do termo Altar, em relação ao próprio Cristo e à paixão na cruz: “Temos um altar do qual não se podem alimentar os que servem à Tenda” (Hb

¹⁵⁸ Dedicação da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 32-33.

¹⁵⁹ Bernardino Costa, *Espaço celebrativo*, (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015), 34.

13,10). Por isso, Cristo representa uma Nova Aliança entre Deus e os homens. O novo cordeiro é o próprio Cristo que vem para se oferecer como vítima agradável a Deus. O corpo de Cristo surge como holocausto perfeito como nos sugere, novamente, a Carta aos Hebreus: “Tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não foram do teu agrado. Por isso eu digo: Eis-me aqui, - no rolo do livro está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer tua vontade” (Hb 10,5-7). Isto é confirmado no Livro dos Salmos (Sl 40,7), com a diferença de em vez de “formaste-me um corpo” é “abriste o meu ouvido”. Deus é irresistível, mas pressupõe a atitude de Cristo: “Pai! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). Ou seja, estar predisposto como Cristo a fazer a vontade do Pai. A falar e a ouvir – dialogando.

O Altar é o lugar por excelência para o nosso confronto e diálogo com Deus, através de Cristo e do Espírito. Já dizia S. Gregório Magno: “O que é o altar de Deus, senão o espírito dos que vivem com perfeição? (...) Com razão, pois, se chama altar de Deus ao coração dos justos”.¹⁶⁰ Assim Cristo é o próprio Altar que ouve e cumpre a palavra/vontade de Deus. Esta conversão deve ter um lugar constante por Cristo.

Ottato di Milevi escreveu contra os donatistas, entre o ano 364 e 367, com várias informações sobre a liturgia e o Altar¹⁶¹ e importa sublinhar o que ele diz sobre o último “Mas o que é de facto o altar, senão a sede do corpo e do sangue de Cristo?”¹⁶² Também aqui se desenha o simbolismo do Altar como o próprio Cristo.

A expressão “o altar é Cristo” está também presente no Rito da Dedicção da Igreja e do Altar¹⁶³, ao longo de todo o Pontifical são múltiplas as afirmações de Cristo como verdadeiro Altar. Por isso, logo no início da Eucaristia, o sacerdote beija o Altar porque ali está o símbolo mais próximo da real presença de Cristo na Igreja. Visto ser símbolo do próprio Cristo, deve ter uma atenção particular, uma vez que é o centro da Igreja “*Corpo de Cristo*”, onde se celebra a Eucaristia.¹⁶⁴

A primazia da vítima sobre o Altar é visível e essencial. Qual o sentido de um Altar sem vítima? Poderíamos questionar qual a função de um Altar sem a correspondente oblação. Outra questão seria se um Altar é Altar se não cumpre a função de oferecer uma vítima sobre ele? Com toda a certeza Cristo que se oferece como vítima ou, melhor, que é oferecido aos homens por Deus Pai que dá o Seu amado Filho para salvação de todos. Este “*comércio admirável*”, no

¹⁶⁰ Gregório Magno, *Homiliarum in Ezechielem II*, 10, 19.

¹⁶¹ Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L’Altare mistero di presenza, opera dell’arte*, 66.

¹⁶² Optat De Milève, *Traté contre les Donatistes*, 6, 1, in *Sources Chrétiennes*, (Paris: Les Éditions du cerf, 1996), Vol. 2, 56.

¹⁶³ Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 95.

¹⁶⁴ Paul De Clerck, “Il significato dell’Altare nei rituale della dedicazione”, in *L’Altare*, 49-50.

qual o Filho faz a vontade do Pai, demonstra a intrínseca relação entre paixão, Eucaristia, Altar e calvário, até à ressurreição.

Cristo é o sacerdote que (oferece) tem em si mesmo a função de estabelecer a comunicação entre os homens e Deus. “Diz-lhe Jesus: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces, Filipe? Quem me vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai!’?” (Jo 14,9).

O sacerdote é o intermediário entre Deus e os homens e vice-versa.

A primazia da vítima sobre o Altar não vai secundarizar o Altar. Antes o vai elevar à máxima dignidade possível, em função da vítima que sobre ele é oferecida. Logo, o Altar, devido à importância de Cristo, torna-se simbolicamente da máxima importância. Se a vítima não depende do Altar para afirmar a Sua divindade, o Altar escolhido como “hora” de manifestação da glória e poder divinos, torna-se sagrado pela vítima nele oferecido. A “hora” do calvário identifica-se com a “hora” da Eucaristia. Nessa hora, reconhecemos Cristo, tal como o centurião no Calvário ou os discípulos de Emaús.

8. Unção, incensação, revestimento e iluminação do Altar

A unção do Altar e das paredes da igreja, ou apenas do Altar, a incensação, o revestimento e a iluminação do Altar são sinais sensíveis e visíveis da obra invisível que Deus realiza na celebração dos divinos mistérios, especialmente na Eucaristia.

O bispo que consagra o Altar dirige-se à assembleia com a bela oração: “Santifique o Senhor, com o seu poder, este altar e esta casa, que nós, seus ministros, agora ungimos, para que exprima, por um sinal visível, o mistério de Cristo que a Si mesmo Se ofereceu ao Pai pela vida do mundo.”¹⁶⁵ O óleo do santo crisma é o óleo perfumado que deve evocar o “bom odor de Cristo” (2 Cor 2,15).

Depois da unção, queima-se o incenso e o bispo diz: “Suba até Vós, Senhor, a nossa oração como incenso na vossa presença; e, assim como esta casa se enche de suave perfume, assim a vossa Igreja exale o bom odor de Cristo.”¹⁶⁶ O incenso é queimado sobre o Altar para significar que o sacrifício de Cristo, memória perene e sacramental, sobe para Deus em odor suave, mas as orações dos fiéis sobem igualmente. A incensação da nave indica que a igreja, por meio da dedicação, se torna casa de oração, mas em primeiro lugar incensa-se o povo de Deus, templo vivo.

¹⁶⁵ Dedicação da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 120.

¹⁶⁶ Dedicação da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, 122.

A mesa de pedra, dedicada, ungida com o santo óleo e perfumada pelo incenso é a ara do sacrifício, mas também a “mesa do Senhor”. Nela todos celebramos o memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo e todos comemos do mesmo pão. Por ser o local de convívio e partilha é coberto com uma toalha, pode ser adornada com flores, as velas laterais e a cruz de Cristo. O Altar é depois iluminado pelas velas e luzes para recordar Cristo como luz verdadeira e o bispo beija o Altar. Atinge-se, claramente, o objetivo primordial para o qual se dedica uma igreja e se constrói e dedica um Altar que é celebrar a Eucaristia.

9. Teologia do Altar

O Altar, lugar que recorda a entrega de Cristo na cruz caracteriza-se por ser uma mesa com dupla simbologia: alimento espiritual e material. Como já foi mencionado anteriormente, o sacramento da Eucaristia revela-se em duas vertentes: a sacrificial e a de banquete. Segundo a perspectiva sacrificial é manifesta a oferta de Jesus em prol da Humanidade, sintetizada na Última Ceia.

No Cristianismo, o Altar assume uma dimensão especial e atual, dado que o verdadeiro e único Altar não é o físico e visível, mas o próprio Jesus Cristo, que é simultaneamente, o Altar, a vítima e o sacerdote do seu único sacrifício. Isto significa que, sendo Cristo a cabeça do seu corpo, que é a Igreja, os seus membros e discípulos podem ser considerados, igualmente, como outros Altares.

O Catecismo da Igreja Católica diz: “A Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis que, unidos aos seus pastores, recebem, também elas, no Novo Testamento, o nome de Igrejas (...) Nela, os fiéis são reunidos pela pregação do Evangelho de Cristo e é celebrado o mistério da Ceia do Senhor.”¹⁶⁷ O Altar é

- ✚ O verdadeiro lugar alto onde se oferece sacramentalmente o sacrifício de Cristo;
- ✚ A mesa do Senhor que congrega em Igreja os filhos e filhas de Deus;
- ✚ Cristo/Altar é visto como a fonte dos rios do Espírito onde vão beber os fiéis;
- ✚ Cristo também é a pedra espiritual que os torna (os fiéis) um Altar vivo.

Felix Arocena frisa que, ao falarmos em Altar cristão, estamos perante um mistério – uma fome e sede divinas:

Existe um mistério no altar cristão. Quando sob as pedras do poço de Jacob, Jesus diz aos discípulos ‘o meu alimento é fazer a vontade d’Aquele que me enviou’, refere-se

¹⁶⁷ Catecismo da Igreja Católica, n. 832.

a uma fome de índole misteriosa. Quando Cristo exclama na cruz 'tenho sede', expressa algo mais que o tormento corporal de um moribundo. São uma fome e uma sede divinas.¹⁶⁸

No Altar da abadia de Montserrat, em Espanha, é possível ver-se esta inscrição: “Ara sacrificii in templo Domini – Mensa Domini in templo Dei Sepulcrum Martyrum in ecclesia Sanctorum” (Ara do sacrifício no templo do Senhor – Mesa do Senhor na casa de Deus – Sepulcro dos Mártires no meio da assembleia dos santos). Nela, estão sintetizadas as funções principais de um Altar. Assim, a dignidade do mesmo advém do facto de ser o espaço onde Cristo é misticamente imolado, funcionando como a mesa do banquete pascal, à volta da qual toda a família de Deus se reúne.

Essa mesa santa que é o Altar constitui um dos elementos que melhor exemplifica a amplitude da relação “significante-significado” dentro do universo litúrgico.¹⁶⁹

O Altar enquanto elemento da Eucaristia não pode ser considerado uma mera alegoria, mas o resultado de uma realidade mais significativa – espaço de comunicação entre o que é terreno e o que é divino: “O altar é o limite da transcendência divina, plasmação do lugar onde se faz efetiva a vinda de Deus sobre nós e o nosso caminho para Ele.”¹⁷⁰

A ligação entre o Altar e o sacrifício é estabelecido por Cristo. Ao entregar a vida a Deus Pai no alto da cruz estabelece uma Nova Aliança. A perenidade da Aliança, feita de uma vez por todas, onde Cristo humilhado pelos homens é exaltado por Deus. Esta perspectiva expiatório-cristológica é ajudada pela queda do templo de Jerusalém, por volta do ano 70 e com ele o fim dos seus Altares. Esta ideia é apoiada pela Carta aos Hebreus, onde diz o seguinte: “Cristo, porém, veio como Sumo-sacerdote dos bens vindouros. Ele atravessou uma tenda maior e mais perfeita, que não é obra das mãos humanas, isto é, que não pertence a esta criação. Entrou uma vez por todas no Santuário, não com o sangue de bodes e de novilhos, mas com o próprio sangue, obtendo redenção eterna” (Hb 9,11-12).

Podemos considerar que é desnecessário um novo sacrifício. A esperança em Cristo reside no seguinte: “Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha” (1 Cor 11,26).

A significação do Altar cristão não é de todo absoluta e, tendo variações, torna-se um entrelaçado semântico que não permite uma redução a uma só dimensão.¹⁷¹

¹⁶⁸ Felix Arocena, *El Altar Cristiano*, (Barcelona, Centro de Pastoral Litúrgica, 2006), 15. Tradução própria.

¹⁶⁹ Romano Guardini, *La Messe*, (Paris, Cerf, 1957), 58.

¹⁷⁰ Romano Guardini, *La Messe*, Paris, Cerf, 1957), 63. Tradução própria.

¹⁷¹ Vejamos o que diz Mazza em muitos aspetos acerca do Altar, na sua análise histórica, pois, para este autor o Altar cristão é diferente do pagão, mas visto que há sacrifício é Altar. Complementarmente o Altar é tipologicamente a mesa do Cenáculo, até pela toalha estendida que lhe dá essa forma. Pela teologia o Altar é Altar,

As formas do Altar, a liturgia, as construções e a própria forma de pensar a teologia, influencia a significação que este tem em cada época. Aparentemente é possível distinguir 4 géneros de interpretações, acerca do Altar.

O primeiro género seria de estilo dogmático, ou seja, o Altar visto como o próprio Cristo que “essa rocha era Cristo” (1 Cor 10,4). A rocha onde Cristo redime toda a Humanidade e que nos remete para a dureza do sacrifício completado na cruz.

O segundo seria o estilo representativo, ou seja, o simbolismo está fortemente presente. Para S. Tomás de Aquino, a celebração do sacramento do Altar é representativa da paixão de Cristo. Esta representação é um evento pleno de realismo e da presença de Cristo.¹⁷²

O terceiro é de género moral. O Altar transforma-se no símbolo da fé e do coração. A palavra, a espiritualidade e a fé, diante do Altar que purifica o coração humano, porque a graça está presente.

Por último, mas não menos importante, a interpretação analógica que estabelece um paralelismo entre o Altar humano e o Altar celeste. Esta construção está bem patente no Livro do Apocalipse (Ap 8,3-5).

O que permanece visível é a grande tensão que tenta definir, simbolicamente, o Altar. Os materiais, as formas, as variações ao longo da história, entre mesa e ara sacrificial. Cabe à teologia, à estética e à arte responder às diferentes dimensões que o Altar exige ou pretende ser.

A compreensão da teologia do Altar exige ter em conta alguns pontos. Vamos seguir o pensamento de Albert Gerhards.¹⁷³ Devemos ter em conta alguns itens. A história religiosa evoca, constantemente, grandes autores cristãos. No que concerne ao Altar, este está sempre associado ao sacrifício da cruz. Um deles tem a ver com a páscoa hebraica, outro aspeto com a teologia paulina e ainda com Cristo que é apresentado como cordeiro pascal.

Uma teologia do Altar não pode ser feita apenas da análise de livros proféticos e neo-testamentários ou depender de uma teologia sistemática. Não deve depender apenas da ação litúrgica, embora necessária e importante, pois o Altar é “o símbolo espacial anamnético do diálogo divino-humano.”¹⁷⁴

O Altar exige que se tenha em conta a história e os seus dados e uma atenção especial ao contexto sociocultural que difere pelo mundo. Exige, ainda, uma estética e uma sensibilidade

mas na forma é mesa. Conclui que o Altar é sacro pela Eucaristia e não são os significados que qualificam o Altar, mas a sua função em ordem à primeira. Cf. Enrico Mazza, “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L'Altare mistero di presenza, opera dell'arte*, (Magnano: Edizioni Qiqajon, Cominità di Bose, 2005), 75.

¹⁷² Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, III, 83.

¹⁷³ Albert Gerhards, “Teologia do Altar”, in *L'Altare*, (Magnano: Edizioni Qiqajon, Cominità di Bose, 2005), 226-230.

¹⁷⁴ Albert Gerhards, “Teologia do Altar”, in *L'Altare*, 227.

concreta, tal como a análise dos escritos bíblicos e da liturgia. Aliás o oferecimento do corpo e do sangue de Cristo é a ação litúrgica que dá significado ao Altar. Desta forma a salvação torna-se universal e resultado da relação que Deus quer estabelecer com a Humanidade. A comunicação entre o divino e o humano acontece, antes de mais, no Mistério da Encarnação. Este Mistério permite o acontecimento da salvação e da paixão, morte e ressurreição, sem o qual seria vã a nossa fé (1 Cor 15,1-2). A encarnação permite ainda que aconteça a ação eucarística.

O Altar assume-se como um ponto espacial de referência na ação litúrgica e nas deslocações formais, durante a celebração eucarística, continua a ser o centro desde a preparação dos dons, à epiclese, ao ofertório ou à distribuição da comunhão. É o lugar da anamnese e do “*mysterium paschale*”.

CAPÍTULO III – REFERENCIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DA UNIDADE LETIVA 3 – 6º ANO - “A PARTILHA DO PÃO”, DO PROGRAMA DE EMRC

Neste terceiro capítulo pretende-se falar da perspetiva educacional e da importância da apreensão simbólica do Altar, por parte dos alunos. Trata-se, ainda, do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches, da turma e das aulas e uma pequena reflexão sobre a pandemia da Covid19, num ano, claramente, excepcional.

1. Finalidade da Educação

A educação é um processo dinâmico e como tal pressupõe que a construção de um currículo obedeça a uma metodologia, a critérios e finalidades. Por isso, a definição de um referencial ou matriz comum a todas as escolas nacionais foi regulada no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória responde a novos desafios atuais. O aumento exponencial de informação e de conhecimentos científicos e tecnológicos exige um “documento de referência para a organização de todo o sistema educativo, contribuindo para a convergência e a articulação das decisões inerentes às várias dimensões do desenvolvimento curricular. (...) A finalidade é a de contribuir para a organização e gestão curriculares e, ainda, para a definição de estratégias, metodologias e procedimentos pedagógico-didáticos a utilizar na prática letiva.”¹⁷⁵

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória assume, ainda, um caráter de larga abrangência e transversalidade que visa pautar o ensino em geral em quatro pilares essenciais: princípios e valores que desenvolvam os alunos, uma visão própria e áreas de competência.

Os Princípios presentes no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória são oito:

- a) Base humanista que valoriza a pessoa e a sua dignidade na construção de uma sociedade e mundo mais justo;
- b) Saber que pretende desenvolver uma cultura científica para atuar sobre as realidades naturais e sociais;

¹⁷⁵ Guilherme d’Oliveira Martins (coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Lisboa,: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017), 8.

- c) Aprendizagem que visa a capacidade de aprender e de o aluno se formar ao longo da vida;
- d) Inclusão é um tópico importante para a equidade social e sentido democrático. A construção de um princípio universal face à multiculturalidade atual, presente nas escolas;
- e) Coerência e flexibilidade são princípios que garantem uma verdadeira adaptação à realidade e ao que ela exige da escola;
- f) Adaptabilidade e ousadia garantem, também, adaptação a novos contextos e estruturas;
- g) Sustentabilidade para um desenvolvimento da consciência geral e individual, sobre questões relacionadas com a ecologia, ética, sistemas sociais e económicos, política e saber científico;
- h) Estabilidade que só pode ser garantida por um sistema educativo transversal e alargado que garanta facilmente a adaptação a novos contextos e exigências de um mundo globalizado.¹⁷⁶

A visão que o aluno deve ter à saída da escolaridade obrigatória tem em linha de conta o próprio aluno e a sua relação com o mundo. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória propõe uma cosmovisão específica, ligada ao conceito de cidadania. O aluno deve estar capaz de múltiplas literacias (também a religiosa e seus símbolos), para melhor compreender a realidade e, ao mesmo tempo, ser capaz de uma crítica fundamentada e madura dessa mesma realidade. Ser livre, autónomo, responsável e consciente de si próprio e do mundo ao redor de si. Um aluno apto a lidar com mudanças rápidas e profundas. Para isso, deve criar em si mesmo um espírito autodidata que o torne capaz de um desenvolvimento pessoal e social efetivo. Neste aspeto, deve rejeitar todas as formas de exclusão social e discriminação, valorizando o respeito pela dignidade humana, pelo valor da solidariedade, diversidade e que conheça e respeite os direitos, garantias e liberdades presentes na cidadania democrática. Um elemento/tópico muito atual e deveras importante é o reconhecimento da importância das artes, humanidades, ciência e tecnologia para a sustentabilidade, seja ambiental, económica, cultural e social.¹⁷⁷

O Perfil dos Alunos propõe como valores cinco elementos:

- 1) Responsabilidade e integridade que dignifica o respeito por si mesmo e pelos outros, sabendo agir com ética em ordem ao bem comum;

¹⁷⁶ Guilherme d'Oliveira Martins (coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 13-14.

¹⁷⁷ Guilherme d'Oliveira Martins (coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 15.

- 2) Excelência e exigência que se traduz na busca da superação para obter um trabalho bem feito, tendo consciência de si mesmo e dos outros;
- 3) Curiosidade, reflexão e inovação como elementos que conduzem ao saber e ao pensamento crítico, promovendo a procura de novas soluções, aplicações e saber;
- 4) Cidadania e participação que significam conhecer e respeitar as diferentes culturas humanas e a sua diversidade, tendo em conta os direitos humanos e, ainda, a capacidade de intervenção/empreendedorismo nos conflitos pela justiça social e ecológica;
- 5) Liberdade é um valor universal da aspiração humana que parte da autonomia pessoal a partir dos direitos humanos, da democracia, da cidadania, da dignidade, da equidade, do respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum.

Por último, no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória temos as áreas de competências que são dez. As competências são o aglomerado dos conhecimentos, das capacidades e atitudes dos alunos. Todas são complementares e fornecem múltiplas literacias e várias competências (teóricas e práticas) em cada unidade letiva.

Estão definidas dez áreas de competências:

- a) Linguagens e textos é uma área de competência fundamental, porque permite aos alunos apropriar-se de um conjunto de símbolos que são aplicados na construção de diferentes áreas e linguagens, representativos do real e imaginário, de conceitos, de opiniões, pensamentos e sentimentos, geradores de novos sentidos e novas mundividências;
- b) Informação e comunicação é uma área pertinente em tempos de *fake news*. Os alunos são convidados a utilizar diversos instrumentos de pesquisa de informação (físicos e digitais), mobilizando e percebendo até que ponto as fontes de informação são credíveis, de modo a transformar a informação em conhecimento de forma crítica e autónoma;
- c) Raciocínio e resolução de problemas, consiste na capacidade de uso da lógica, como aceder à informação, interpretar dados, experiências e produzir conhecimento;
- d) Pensamento crítico que envolve a observação, identificação, análise de informação e experiências que originam possíveis cenários ou algoritmos, tirando conclusões fundamentadas. O pensamento criativo gera e aplica novas ideias em contextos específicos com diferentes perspetivas, soluções alternativas e novos cenários. Os alunos devem pensar de modo abrangente e em profundidade criativa. Também, a utilização do conhecimento de matriz científica e humanista para prever e avaliar o

impacto das decisões no desenvolvimento de novas soluções e ideias em diferentes contextos e áreas de aprendizagem;

- e) Relacionamento interpessoal é a construção de relações sociais, baseado nas emoções e na oralidade. Os alunos devem desenvolver competências e comportamentos de cooperação, partilha, trabalho em equipa, empatia, responsabilidade, capacidade de negociação e de aceitar diferentes pontos de vista para participar ativamente na sociedade;
- f) Desenvolvimento pessoal e autonomia são dois processos, através dos quais os alunos devem desenvolver confiança em si próprios, a motivação, o espírito de iniciativa e tomada de decisões fundamentadas, integrando pensamento, emoção e uma autonomia crescente;
- g) Bem-estar, saúde e ambiente são conceitos muito atuais. Os alunos devem adotar atitudes e comportamentos que promovam a saúde, o bem-estar e a defesa do ambiente natural para alcançar um mundo sustentável. O desenvolvimento da consciência e da responsabilidade ecológica são a base de um futuro melhor, mais responsável e equilibrado;
- h) Sensibilidade estética e artística são duas formas de experimentação, interpretação e de fruição de diferentes realidades culturais que propiciam um desenvolvimento de expressividade pessoal e comunitária. O juízo crítico e o desenvolvimento de critérios estéticos são competências que se pretendem adquiridas pelos alunos;
- i) Saber científico, técnico e tecnológico é a mobilização de fenómenos científicos e técnicos para responder aos desejos e necessidades humanas, tendo consciência das consequências éticas, sociais, económicas e ecológicas.¹⁷⁸
- j) Consciência e domínio do corpo é a compreensão do corpo como um sistema integrado e de o utilizar de forma ajustada em diferentes contextos. A importância de atividades motoras para o domínio de si mesmo no espaço físico, psicossocial, estático e emocional.

O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória termina com as implicações práticas de adequar a ação educativa, a pedagogia e a didática à construção do currículo e do perfil dos alunos desejado à saída da escolaridade obrigatória. No conjunto são sete ações determinantes na prática docente que devem ser promovidas:

¹⁷⁸ Guilherme d'Oliveira Martins (coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*,

- 1) Relação entre os conteúdos e a realidade, onde o saber e os recursos utilizados devem permitir uma adequação ao meio envolvente (social, económico, geográfico, etc...);
- 2) Experiência e consciência crítica, através do uso de experimentação, de instrumentos e formas de trabalho ou observação que conduzem ao questionamento da realidade e à sua análise;
- 3) Consciência coletiva e multiculturalidade pretendem ser o resultado de atividades cooperativas, integradas e de troca de saberes entre alunos e diferentes realidades intra ou extraescolares;
- 4) Crítica capaz de selecionar a verdadeira informação e comunicação útil;
- 5) Autonomia, liberdade e valores são três pontos para que os alunos façam as suas escolhas, baseados em valores e os possam confrontar com outros pontos de vista, argumentando as razões das suas opiniões e escolhas;
- 6) Responsabilidade e liberdade são dois tópicos para o desenvolvimento consciente de si próprios na relação com os outros e o mundo envolvente;
- 7) Valorizar a intervenção positiva e a livre iniciativa para atuar no meio escolar e na comunidade.¹⁷⁹

Também, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI nos convida a compreender o mundo e a alteridade. O caminho da compreensão é a senda que deve guiar a educação. A identidade individual e coletiva (cultural de um povo), num mundo globalizado e complexificado é marcada pela diferença, mas também pela possibilidade de diálogo e encontro. Cada um é singular e único, mas ao mesmo tempo, faz parte de um todo chamado de Humanidade. Diz-nos o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: “A compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto de laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo às ciências da natureza e às ciências sociais.”¹⁸⁰

A interdependência e a globalização, tal como o mundo da informação e das novas tecnologias vieram alterar radicalmente o mundo em que vivemos para nos aproximar uns dos outros, no sentido da responsabilidade mútua, solidária, fraternal e comunitária. No entanto, a recriação pela educação de um planeta mais fraterno, mais justo e responsável só acontecerá

¹⁷⁹ Guilherme d’Oliveira Martins (coordenador), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, 30 s.

¹⁸⁰ Jacques Delors, *Educação um Tesouro a Descobrir*, (S. Paulo: Cortez Editora, 1998), 47.

pelo bom uso dos meios ao dispor da Humanidade – daí a extrema importância das organizações internacionais – dotada de uma visão justa e harmoniosa do conjunto das nações, do meio ambiente e do que devem ser as relações diplomáticas entre todos os países, baseadas em valores universais que só se constroem com base na identidade e culturas próprias. A educação é o caminho fundamental para essa construção de uma visão cosmológica e antropológica equilibrada, onde também as religiões, a espiritualidade e a política têm um papel fundamental. Em forma de aviso “É preciso ter a coragem de pensar em escala planetária, de romper com os modelos tradicionais e mergulhar, decididamente, no desconhecido. Devem mobilizar-se todos os recursos internos e externos para construir um mundo novo baseado na solidariedade e não na destruição mútua.”¹⁸¹

Cada pessoa é responsável pela mudança de atitudes e comportamentos, mas muito mais se exige aos agentes económicos e políticos mundiais. O clima de competitividade desenfreado, num capitalismo selvagem e concorrencial como aquele em que vivemos atualmente, torna muito difícil delinear valores e objetivos comuns. O que piora quando vemos movimentos e partidos populistas que se recusam a dialogar e a traçar objetivos comuns. Acresce, ainda, um ateísmo materialista, meramente científico, desprovido de espiritualidade e do valor que devia ser dado ao contributo das religiões na busca de clareza de ideias. Aliás, propõe o fim das religiões e dos seus valores, sem nada propor em concreto como solução para uma Humanidade pacífica e dialogante. Diz Karen Singh que “As grandes religiões do mundo na luta pela supremacia devem parar de se combater, e cooperar para o bem da humanidade, a fim de reforçar, graças a um diálogo permanente e criativo entre as diferentes confissões, o filão de ouro que são as suas aspirações espirituais comuns, renunciando aos dogmas e anátemas que as dividem.”¹⁸²

Nesse sentido, incansável é o trabalho do Papa Francisco que assinou em fevereiro de 2019, nos Emirados Árabes Unidos, com o Grão Imame de Al-Azhar, um “Documento Sobre A Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial E Da Convivência Comum”, onde se lê no prefácio: “A fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar. Da fé em Deus, que criou o universo, as criaturas e todos os seres humanos – iguais pela Sua Misericórdia –, o crente é chamado a expressar esta fraternidade humana, salvaguardando a criação e todo o universo e apoiando todas as pessoas, especialmente as mais necessitadas e pobres”.¹⁸³

¹⁸¹ Karen Singh, *Educar para a Sociedade Mundial*, in Educação um Tesouro a Descobrir, (S. Paulo: Cortez Editora, 1998), 244.

¹⁸² Karen Singh, *Educar para a Sociedade Mundial*, in Educação um Tesouro a Descobrir, 245.

¹⁸³ Papa Francisco, *Documento Sobre A Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial E Da Convivência Comum*, Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019, acedido em 5 de julho de 2020, Site: vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.

Karen Singh fala ainda de uma ecologia do planeta que deve ser preservada, tal como “o amor e a compaixão, a preocupação pelo outro e a caridade, a amizade e a cooperação.”¹⁸⁴ A questão coloca-se: será que depois de anos passados, estaremos a caminhar e a educar o suficiente para uma Humanidade e um mundo mais harmonioso?

Diz-nos Michael Manley:

A escola tem de semear desde já a boa semente da preocupação pelo outro para evitar que as classes desfavorecidas sejam vítimas de uma ideologia de exclusão. Tem também de cultivar a ideia de uma humanidade que ultrapasse as categorias sociais, onde todos ocupem posições iguais no processo de integração permanente, sejam pessoas ilustres ou vulgares, ou até diminuídos física ou psiquicamente, sejam muçulmanos ou cristãos, haussás ou ibos, irlandeses católicos ou protestantes. Neste sentido é preciso que a escola, que deve ser guardiã de certas normas, sirva de catalisador de valores humanos tão universais como as verdades científicas que devem ser absolutamente protegidos.¹⁸⁵

Os quatro pilares da “Educação Um Tesouro A Descobrir” são aprender a conhecer (adquirir instrumentos de compreensão), aprender a fazer (agir sobre o mundo), aprender a viver juntos (saber estar com os outros em comunidade) e aprender a ser (o que engloba as três anteriores).¹⁸⁶

Os professores devem ser os melhores, a formação inicial destes deve ser estreita e contínua, pedagogicamente renovada. Seria desejável um controle e gestão da lecionação, a participação de agentes exteriores à escola, condições de trabalho e meios condignos. Explicitamente, fica dito que a figura do professor “Para ser eficaz terá de recorrer a competências pedagógicas muito diversas e a qualidades humanas como a autoridade, empatia, paciência e humildade. Se o primeiro professor que a criança ou o adulto encontra na vida tiver uma formação deficiente ou se revelar pouco motivado, são as próprias fundações sobre as quais se irão construir as futuras aprendizagens que ficarão pouco sólidas.”¹⁸⁷

2. A Dimensão artística e cultural do Altar – educar para o património

A arte, a estética, a beleza, a poesia e a cultura são referências importantes para a abertura de novos horizontes, capazes de gerar deslumbre e atração na sociedade em geral. Caso contrário como entenderíamos a nossa própria identidade pessoal ou coletiva? Como seriam as

¹⁸⁴ Karen Singh, *Educar para a Sociedade Mundial*, in *Educação um Tesouro a Descobrir*, 245.

¹⁸⁵ Michael Manley, *Educação, Autonomização e Reconciliação Social*, in *Educação um Tesouro a Descobrir*, (S. Paulo, Cortez Editora, 1998), 241.

¹⁸⁶ Jacques Delors, *Educação um Tesouro a Descobrir*, 90 s.

¹⁸⁷ Jacques Delors, *Educação um Tesouro a Descobrir*, 159 s.

relações interpessoais sem uma compreensão inequívoca e comum do contexto cultural de um povo?

Embora, não se vá desenvolver aqui um estudo artístico acerca do Altar ou da arte, especificamente da arte cristã, importa compreender que o Altar é um lugar central dentro de uma igreja ou monumento cristão. Por isso, não pode nem deve ser descurado no seu aspeto formal e na função que lhe está destinada.

O Papa Paulo VI escreveu na sua Homilia da Ascensão de Nosso Senhor, em 7 de maio de 1964, aos artistas, dizendo que nos devemos deixar levar pelos sentidos e “participar de um diálogo espiritual”, exaltando as tarefas dos artistas e a sua sensibilidade para trazer até nós o “mundo invisível.” Propõe um caminho de amizade entre a Igreja e os artistas, dizendo “Temos que nos tornar aliados novamente. Devemos pedir-lhe todas as possibilidades que o Senhor lhe concedeu no campo da funcionalidade e de propósito e, portanto, que unem a arte com a adoração a Deus. Devemos deixar suas vozes cantar livre e poderosamente, como eles são capazes.”¹⁸⁸ E qual melhor local para unir, sublimemente, arte e adoração a Deus do que uma igreja ou o próprio Altar?

Também o Papa João Paulo II escreve uma carta aos artistas em 1999, fazendo a distinção entre *criador* e *artífice*, porque “quem cria dá o próprio ser, tira algo do nada (...) enquanto o artífice, ao contrário, utiliza algo já existente, a que dá forma e significado.”¹⁸⁹ Assim, é necessário compreender o Deus vivo, verdadeiro, bom e belo, presente diante de nós e para nós. Mas, para que os alunos entendam o Altar e o seu significado é preciso que compreendam a cultura cristã. Por exemplo, sem conhecer o Mistério da Encarnação é impossível falar da dádiva total de Cristo na mesa do Altar, como pão e vinho ou do mistério da paixão, morte e ressurreição. Para conhecer a centralidade do Altar e o seu significado, ao longo de séculos, é necessário dar a conhecer a cultura do cristianismo ao aluno, porque só “assim, o ‘belo’ se conjugava com o ‘verdadeiro’, para que, também através dos caminhos da arte, os ânimos fossem arrebatados do sensível ao eterno.”¹⁹⁰

O Papa Bento XVI encontrou-se com alguns artistas na Capela Sistina, em 2009, exaltando a arte e os artistas, dizendo que “de facto, uma função essencial da verdadeira beleza, já evidenciada por Platão, consiste em comunicar ao homem um ‘sobressalto’ saudável, que o faz sair de si mesmo, o arranca à resignação ao confrontar-se com o quotidiano, fá-lo também

¹⁸⁸ Paulo VI, *Homilia da missa aos artistas*, (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1964).

¹⁸⁹ João Paulo II, *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*, (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999), ponto 1.

¹⁹⁰ João Paulo II, *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*, ponto 1.

sofrer, como uma seta que o fere, mas precisamente desta forma o 'desperta' abrindo-lhe de novo os olhos do coração e da mente, pondo-lhe asas, elevando-o.”¹⁹¹

Sem descurar pinturas, esculturas ou imagens, a pia do batismo, o ambão ou a cátedra, o que seria de uma igreja sem o Altar? O Altar afirma-se como o lugar teológico, onde se propicia o encontro entre o divino e o humano. É lá (à mesa) que os discípulos de Emaús descobrem Jesus Cristo. Porque como diz Emmanuel Levinas:

A verdade procura-se no outro, mas através daquele que não tem falta de nada. A distância é intransponível e, ao mesmo tempo, transposta. O ser separado está satisfeito, é autónomo e, no entanto, procura o outro numa procura que não é espicaçada pela necessidade, nem pela recordação de um bem perdido; uma tal situação é linguagem. A verdade surge justamente onde um ser separado do outro não se afunda nele, mas lhe fala. A linguagem que não toca o outro, ainda que tangencialmente, atinge o outro interpelando-o, ou dando-lhe ordens, ou obedecendo-lhe com toda a rectidão dessas relações. Separação e interioridade, verdade e linguagem – constituem as categorias da ideia do infinito ou da metafísica.¹⁹²

As igrejas e os símbolos nelas presentes são património da cultura de um povo, de um determinado país, de uma determinada comunidade (União Europeia) ou da Humanidade. Por isso, seria um equívoco grave que o “Referencial da Dimensão Europeia da Educação para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário” se preocupasse, apenas, com uma visão mercantilista na formação de quadros para responder à economia, sem se preocupar com a cultura e identidade europeia que floresceu em torno de valores humanistas e cristãos, ao longo de séculos. Aliás, não será pretensioso dizer que “A Dimensão Europeia da Educação possibilita às crianças e aos jovens não só a aprendizagem de um conjunto de conteúdos associados às temáticas da construção e da identidade europeia, no contexto de uma formação para a cidadania global, como o desenvolvimento de atitudes e valores que levarão à tomada de consciência da riqueza e da diversidade cultural da Europa.”¹⁹³ Este deve começar pela cultura própria de cada país, dos seus usos e costumes, da sua história e dos seus símbolos. Abdicar do contexto real, histórico, religioso e simbólico é erradicar a identidade de um povo. Sem um entendimento ou compreensão cultural básica apropriada pelo aluno, este jamais entenderá o que uma obra de arte ou um simples Altar representa na linguagem artística e religiosa, porque não se apropriou desse universo singular. Então, “Identificar as raízes e heranças da cultura e identidade europeias”, “Reconhecer a diversidade linguística e cultural da Europa como um património a preservar”, “Conhecer os valores fundamentais europeus”, “Reconhecer a

¹⁹¹ Bento XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro com os artistas na Capela Sistina*, (Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009).

¹⁹² Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, (Lisboa: Edições 70, 1980), 49-50.

¹⁹³ José Santos e José Pedroso (coord.), *Referencial Dimensão Europeia da Educação*, (Lisboa: Direção Geral da Educação, 2016), 5.

importância da solidariedade na construção de uma Europa mais coesa”, “Reforçar a memória histórica através do conhecimento e da evocação de marcos históricos relevantes”, “Conhecer vestígios arqueológicos de civilizações antigas” e “Identificar os contributos do judaísmo e do cristianismo na cultura europeia”¹⁹⁴ significa “mergulhar” na história religiosa, mais especificamente da religião cristã que marca toda a cultura europeia, inequivocamente, ao longo de séculos e com uma importância estrutural para a identidade europeia atual. Ora, as igrejas e o património dentro delas são de vital importância para conhecer essa identidade. Importa, pois, dizer que todo o património material e imaterial só será, devidamente, compreendido pelos alunos se estes estudarem a religião cristã na Europa, o seu valor ético, humanista e antropológico para melhor se identificarem. O conhecimento singular deste assunto fica justificado e é deveras enriquecedor para os alunos.

3. O Altar no ensino escolar da religião

O ensino escolar da religião pressupõe uma linguagem própria, onde existe um conjunto de recursos estilísticos, entre os quais a linguagem simbólica.

A cultura e, particularmente, a cultura religiosa de um país não se compreende sem os símbolos. Imagine-se um país sem hino, sem bandeira nacional, ou sem linguagem alfabética, seria algo sem uma identidade própria e muito difuso na sua coesão. A perda do universo simbólico ao nível religioso por parte dos alunos e da sociedade em geral é resultado da pouca importância dada ao aprofundamento destes temas na escola. Se para compreender uma pintura, uma escultura, um fresco ou para ler um texto é necessário um universo simbólico e contextual, não é menos verdade que para entender a cultura europeia a religião cristã deve ser, estar conhecida e apropriada pelos alunos. Tal como na arte é necessário conhecer o contexto em que o artista faz a obra, porque não é, simplesmente, uma questão de cor e forma, mas de sentido. Ora, se não se enxerga o sentido sem o contexto, poder-se-á abdicar do papel histórico e da riqueza da religião cristã que tanto influenciou a Europa? Não. Ignorar este facto é privar os alunos do crescimento e de conhecer a linguagem que deu origem a tantas e tão belas obras de arte, dos seus símbolos e narrações que tantos artistas inspiraram. Então, a leitura e compreensão por parte dos alunos, a partir do universo religioso cristão, abre horizontes à inteligência, à sensibilidade, à estética, à emoção e perspicácia racional. Diz-nos Isabelle Saint-Martin que “A abordagem dos assuntos religiosos pelas artes não supõe simplificar uma mensagem, mas convidar à descoberta de uma economia particular de recurso à imagem, aos

¹⁹⁴ José Santos e José Pedroso (coord.), *Referencial Dimensão Europeia da Educação*, 11-15.

seus usos, à sua materialidade e aos seus diferentes suportes, com uma inserção específica dentro de um regime simbólico que varia dependendo dos contextos e modos de relação com o divino.”¹⁹⁵ Por outras palavras, abre os horizontes da inteligibilidade à estética e à sensibilidade artística, a partir do conhecimento contextual, histórico e cultural próprio. Aliás, a arte é fruto desse mesmo contexto que é também do artista que a concebe com a sua visão própria.

Por isso, faz pleno sentido falar do Altar como símbolo religioso cristão no contexto de aula de Educação Moral e Religiosa Católica, porque é “um convite aos alunos a descobrir e apreciar a diversidade dos domínios artísticos, das culturas, das civilizações e das religiões, para constatar a pluralidade dos gostos e das estéticas e à abertura à alteridade e à tolerância.”¹⁹⁶

A perceção dos símbolos e da arte religiosa desenvolve uma consciência ampla nos alunos, para além de uma espiritualidade ou abertura ao sensível, porque confrontados com os símbolos e a obra artística adquirem novas perspetivas e formas de ver. Um Altar no centro de uma igreja pode ser identificado como uma obra de arte, porque é fruto da sensibilidade de um artista, o que traduz como significante e ao mesmo tempo como significado de alguém ou de alguma coisa.¹⁹⁷

É urgente combater o analfabetismo e a iliteracia cultural e religiosa, sob pena de perdermos a nossa identidade coletiva. Por isso, compreender o Altar significa “entrar dentro da compreensão de um culto que existe hoje. Falta abordar não somente a significação simbólica das formas, mas o seu papel litúrgico e ritual, é falar do religioso quando se fala de arte e o inverso, falar de arte, abordando os assuntos religiosos e não reduzir a abordagem da história das artes ao património antigo.”¹⁹⁸ Do mesmo modo, quando um grupo de alunos visita um palácio real ou um castelo antigo e se explica a história nele inscrita, também ao entrar num templo se pretende compreender toda a simbólica, mas para isso acontecer é necessário ter o conhecimento de todo o contexto linguístico e histórico que lhe dá origem. Caso contrário, ocorre um vazio cultural, mesmo que a arte esteja no local que lhe deu origem e não num museu, porque se desconhece o fundo original da sua narrativa. Por exemplo, uma tela do batismo de Cristo não será compreendida se não se conhece a história que lhe dá origem. Evitar esse vazio cultural significa conhecer a origem, a cultura anterior e a função para melhor se identificar pessoal e coletivamente, enquanto pessoa e enquanto povo.

¹⁹⁵ Isabelle Saint-Martin, *Peut-on parler des religions à l'école?*, (Paris: Éditions Albin Michel, 2019), 112.

¹⁹⁶ Isabelle Saint-Martin, *Organisation de l'enseignement de l'histoire des arts*, (Paris: Bulletin officiel, n°32, 2008), 1-2.

¹⁹⁷ Cf. Isabelle Saint-Martin, *Peut-on parler des religions à l'école?*, 120.

¹⁹⁸ Isabelle Saint-Martin, *Peut-on parler des religions à l'école?*, 125.

Assim, o Altar tem uma função simbólica que só será compreendida com o devido conhecimento dos textos religiosos que lhe pretendem dar significado.

4. “A Partilha do Pão” – Uma proposta de currículo adaptado

O “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” e as “Aprendizagens Essenciais” pretendem contribuir para a aquisição de competências gerais por parte dos alunos. São competências que demonstram o conhecimento e domínio do saber adquirido, apropriação de atitudes, de uma visão sã da realidade e do exercício da cidadania, baseado em valores.

A unidade letiva três do sexto ano “A Partilha do Pão” tem como objetivo aumentar os conhecimentos dos alunos acerca dos alimentos, da sua história, da sua origem e composição, contribuindo para a aquisição e apropriação de saber de forma criativa e multidisciplinar. Para além da história, também a arte retrata a mesa como lugar de partilha, promovendo uma cultura de valores e atitudes importantes na formação do carácter e da personalidade dos alunos que estes devem reconhecer. Mas para se dar esse reconhecimento têm de conhecer o contexto que lhe dá origem. Pretende-se dar esse saber, de modo a desenvolver a capacidade de interpretação, mas também, a capacidade de olhar, questionar e sintetizar a realidade observada. O desenvolvimento de valores como a partilha, a fraternidade, a solidariedade e o ato de agradecer pelos dons recebidos e pela vida como dádiva divina e fraternal.

A mesa da cantina na escola é o lugar onde se partilha, não só alimentos, mas as vivências do dia-a-dia e se estabelece uma relação de reciprocidade entre todos. Analogicamente, o Altar surge como um lugar onde a própria vida está em relação com o divino, com o outro e como um símbolo máximo da partilha de si mesmo. A importância da percepção do Altar como lugar central de uma igreja deve ultrapassar a mesa da cantina, para se afirmar como um lugar com significado histórico, cultural e religioso cristão, com muitos séculos de existência. Seria inconcebível que, entrando numa igreja, os alunos fossem incapazes de compreender a origem e existência do Altar, o seu significado e função.

No Altar, o pão assume um papel vital em quase todas as culturas como símbolo de alimento e de vida. Algumas passagens que evocam o pão na bíblia são: no Antigo Testamento o pão evoca o alimento humano (Pr 30,8), “o pão dos indigentes é a vida dos pobres; aquele que lho tira é homicida” (Sir 34,21), “comer o pão das lágrimas” é viver uma experiência dolorosa (Sl 42,4; 102,10), dar pão ao hóspede é uma das leis da hospitalidade (Gn 18,5-6; 9, 3; Rs 17,11), fortalece Elias a prosseguir o seu caminho (1Rs 17,2-6; 8,16; 19,5-8). Na Babilónia, Isaías convida o povo a alimentar-se gratuitamente do pão, do vinho e do leite de Deus (Is 55,1), deixando de lado os ídolos da Babilónia. Repartir o pão com os esfomeados (Is

58,7). A força simbólica do pão no deserto e o maná (Ex 16,13-15), “pão do céu” (Sl 78,24-25; 105,40) é sinal da providência divina para o bem do povo. Já na terra prometida, o povo é convidado a observar “a festa dos pães sem fermento” (Ex 23,15) e a colocar sobre o Altar dos pães da oferta/preposição (Ex 25,30; Lv 24,5-9; Nm 4,7) chama-lhe “o pão da oblação perpétua” que só os sacerdotes podiam comer (Lv 22,10-16; Mt 12,1-4). São sinais da gratidão e reconhecimento pela libertação do Egito e pelo dom da terra. Assim, se lembra o povo que “nem só de pão vive o homem; de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá” (Dt 8,3; Mt 4,4). E outras fomes que não só a de pão “Eis que vêm dias (...) em que lançarei fome sobre o país. Não será fome de pão, nem de água, mas de ouvir as palavras do Senhor” (Am 8,11).

No Novo Testamento, Belém que significa em hebraico “a casa do pão” (Mt 2,1; Lc 2,4), e de onde Jesus Cristo, ali nascido, se oferece como “pão vivo descido do céu”, sobre a mesa/Altar. Também, a primeira tentação tem a ver com o pão (Mt 4,3-4; Lc 4,3-4) pedido a Deus e não ao tentador. E Cristo que diz “nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; Lc 4,4).

A multiplicação dos pães e dos peixes (Mt 14,13-21; 15,32-39; Mc 6,34-44; 8,1-10) são textos que direcionam para a Eucaristia como sugerem as palavras: “tomou os pães, pronunciou a bênção, partiu-os e deu-os.” É, sobretudo, no relato da Eucaristia (“Partir do pão”) que o pão ganha uma força simbólica: “Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu aos seus discípulos, dizendo: ‘Tomai e comei: isto é o meu corpo’” (Mt 26,26; Mc 14,22; Lc 22,19; 1 Cor 11,23-24). Ainda, no discurso do pão da vida (Jo 6,22-71), o pão é tomado como sinal de comunhão, amizade e intimidade (“cum+panem”) que remetem para o pão e o vinho como corpo e sangue de Cristo, com pleno sentido. Se comer e beber sobre a mesa comum significa o sustento biológico ou numa mesa de negociações significa a diplomacia das palavras a negociar a paz, no Altar significa o dom total de Si mesmo como “pão vivo descido do céu” (Jo 6,51-54), para dar vida e comunhão entre homens e mulheres. Também, os discípulos de Emaús (Lc 24, 30-35) despertam para a Eucaristia e sobre a mesa/Altar eles abrem os olhos para reconhecer o ressuscitado.¹⁹⁹

A partir da Última Ceia em torno da mesa/Altar percebe-se a unidade da Igreja como corpo de Cristo. Para conhecer a força, a simbologia, a história e a cultura ocidental é necessário perceber a raiz e o contexto que as originaram. Assim, para reconhecer o Altar como um lugar sagrado é imprescindível conhecer a história que lhe deu origem e a ligação ao divino. Só a

¹⁹⁹ Cf. João A. Correia, Para uma simbólica do pão (I, II), in Diário do Minho, Braga, 3 e 10 de agosto de 2020, 2, 3.

partir deste pressuposto poderemos estar na vida como à mesa: num ato de fraternidade, liberdade e partilha.

Mais do que uma partilha de bens, importa partilhar-se a si mesmo com os outros, despertando nos alunos um sentido de autenticidade, responsabilidade e valores, despertando ações de voluntariado, identificando situações de carência e vulnerabilidade na comunidade humana, às quais não se deve ficar indiferente.

Ao mesmo tempo que se olha para a comunidade humana, também se vê a necessidade de uma ecologia sustentável na relação entre produção e consumo, porque num mundo globalizado o desperdício deve ser minimizado.

Organizações como a FAO (Organização para a Alimentação e a Agricultura) que visam a promoção do desenvolvimento rural e produtivo dos povos devem ser apoiadas. O Banco Alimentar Contra a Fome que tem como objetivo uma justa distribuição da produção alimentar, entre outras instituições e ONG's (Organizações Não Governamentais) que despertam nos alunos a consciência da necessidade de uma partilha fraterna e onde poderão um dia ter um papel ativo.

5. Da vertente teórica à prática

A partir deste momento falaremos do estágio propriamente dito. O Agrupamento da Escola Francisco Sanches serão caracterizados, tal como a turma.

5.1 Caracterização do Agrupamento e da Escola Dr. Francisco Sanches

O Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches é uma unidade organizacional educativa, com órgãos próprios de gestão e administração, situada no distrito e cidade de Braga, mais propriamente nas freguesias de S. Victor e S. Vicente. Os estabelecimentos de ensino deste Agrupamento são sete, entre os quais a Escola Dr. Francisco Sanches, onde se realizou a frequência de estágio e conta com cerca de mil e setecentos alunos, cento e setenta e cinco docentes, cinco técnicas especializadas, sendo duas psicólogas, duas técnicas de Serviço Social e uma técnica de intervenção local e cinquenta e cinco assistentes técnicos e operacionais.

Em 2009, a comunidade escolar do Agrupamento Dr. Francisco Sanches foi definida como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP), o que significa uma resposta efetiva e estratégica de intervenção educativa, social e económica, face à vulnerabilidade dos estudantes e de suas famílias. O projeto educativo assenta em três pilares que são: ser um Território Educativo de Intervenção Prioritária, ter um Contrato de Autonomia (assinado com o Ministério da Educação em 2012) e ser uma Escola da Rede de Educação Intercultural. Este

último item representa a pertença a um conjunto de escolas que fazem parte de um conjunto de Escolas-piloto no Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, promovendo a concretização de estratégias educativas centradas nos alunos, promovendo o seu sucesso educativo e, dessa forma, a igualdade de oportunidades para todos.

De salientar o contexto económico e social, caracterizado pela grande densidade populacional, onde existem bairros sociais e onde mais de metade dos alunos beneficiam de apoio da Ação Social Escolar (ASE) e dos escalões A e B. Daí a inserção em Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP).

A característica principal é a multiculturalidade com cerca de catorze por cento dos alunos não nacionais e os restantes nacionais (dados de setembro de 2018). As diferenças existem, por ser uma zona de grande centralidade na cidade de Braga, com uma oferta urbanística diversa e crescente. Por isso, os estatutos dos alunos são diversos ao nível económico, cultural e social. Os principais alunos estrangeiros da Escola Dr. Francisco Sanches são de origem brasileira e, por isso, a língua não constituiu um problema.

Também, ao nível das intervenções nas infraestruturas, a Escola Dr. Francisco Sanches foi alvo de uma profunda renovação, terminada em 2015, possuindo atualmente instalações de grande qualidade. Da requalificação efetuada nasceu um novo edifício escolar que está apetrechado com dois pavilhões gimnodesportivos, um estúdio de gravação de rádio, duas salas insonorizadas para a educação musical, três laboratórios de Ciências Naturais, um laboratório de Física, um laboratório de Química, um laboratório de Matemática, uma sala de Grupos e quatro salas para o ensino das Artes. Mais recentemente, como resultado da participação do Agrupamento no Orçamento Participativo Escolar do Município de Braga, constituiu-se uma Sala Multifunções – equipamento destinado à plena inclusão de todos os alunos, permitindo o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem num ambiente multifuncional e de competências relacionadas com a vida diária. Outra mais valia decorrente desta participação no Orçamento Participativo Escolar do Município de Braga foi a constituição de um Estúdio de Aprendizagem com um equipamento propiciador de ambientes de aprendizagem inovadores, novas estratégias de ensino e de aprendizagem, tendo em vista a promoção de competências tecnológicas fundamentais para o século XXI. Ainda, de ressaltar a Biblioteca Escolar que possui todas as condições exigidas a um centro de estudos e pesquisa modernos. O Auditório Escolar, com capacidade para 126 lugares sentados, um espaço para palestras, conferências e outras atividades promovidas por docentes e/ou alunos direcionadas a toda a comunidade educativa. Por fim, mas igualmente relevante, o Estúdio de Gravação que realiza uma emissão semanal de rádio, denominada “Rádio Francisco Sanches”, com a duração de cerca de uma

hora, onde participam docentes e alunos. Este programa iniciou-se nos anos oitenta do século XX.

6.1 Caracterização da Turma do 6º segundo de escolaridade da Prática de Ensino Supervisionada

A turma do 6º segundo é constituída por vinte elementos. Destes, onze são do sexo feminino, constituindo a maioria e os restantes nove do sexo masculino. Uma das alunas não frequenta a aula de Educação Moral e Religiosa Católica e um aluno frequenta a aula de Educação Moral e Religiosa Evangélica. Ainda, de salientar o fato de seis destes elementos serem provenientes do Brasil, enriquecendo um pouco as relações interpessoais e culturais entre os alunos e alunas da turma. Também, outras turmas têm esta particularidade, fazendo desta escola um pólo multicultural na cidade de Braga. Quase todos eles gostam da sua própria turma, da escola e da cidade.

São alunos e alunas com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos de idade, vivendo os dramas e as alegrias próprias de um período de pré-adolescência.

Em geral, a turma é bastante homogênea em termos de participação e realização de tarefas. A maior parte deles demonstra curiosidade pelos assuntos dados em aula. A solidariedade e a sociabilidade (manifesta na amizade e na relação interpessoal dentro da turma), são características muito fortes, tal como o sentido de auto-estima e espontaneidade. As disciplinas preferidas são História e Geografia de Portugal, Ciência e Matemática. A leitura, a escrita e o desporto fazem parte dos seus gostos (tal como a dança e a música) e, sobretudo, apreciam a natureza e as atividades ao ar livre.

Também é verdade que são faladores e que, em determinadas situações, revelam falta de organização a participar nos assuntos da aula. Nem sempre respeitam os colegas que estão a participar. Na maioria, os alunos e alunas desta turma são expressivos, bastante sonhadores e cheios de expectativa, relativamente ao que lhes reserva o futuro. Uns querem ser jogadores de futebol, outros médicos e médicas, outros, ainda, veterinários, biólogos ou professores.

Da aula de Educação Moral e Religiosa Católica, esperamos um contributo capaz de os ajudar a serem futuros homens e mulheres de caráter, valores e afirmação ética. Acima de tudo que possam realizar-se.

6. Em tempos de pandemia

Apesar de a história do mundo ter conhecido numerosas pandemias e pestes, nenhuma delas teve o impacto que a Covid19 teve na sociedade atual. O medo geral provocado pelos

meios de comunicação e de informação, pela reação de confinamento decretada pelos governos de cada país e pela assunção das autoridades de saúde como suprassumos do conhecimento foi algo nunca visto.

Os princípios e valores universais prezados pela sociedade Ocidental e pelas suas democracias foram postos em causa. A liberdade foi substituída pelo medo e pelo pânico ignóbil, o poder executivo quase se rendeu às autoridades de saúde num gesto poucas vezes visto e todos nós receamos o que seria a maldita doença e as consequências imediatas e a longo prazo. Mesmo a ciência revelou quase um total desconhecimento dos sintomas e do comportamento do vírus.

Mas nem tudo foi negativo. De facto, o planeta respirou. Por breves dias, os golfinhos surgiram em canais de água limpa em Veneza ou se quisermos pelo estuário do Sado, em Setúbal. Os veados surgiram nas cidades desertas dos países nórdicos. De uma forma geral os animais terrestres, os pássaros e os aquáticos puderam ver a paz natural nos locais onde, geralmente, o ruído e a presença humana explora e fervilha. E, ainda, que muitos queiram ver nesta pandemia um castigo ou aviso divino, a verdade é que este vírus deve ser contextualizado na história como todos os outros. A natureza é espontânea. No entanto, a leitura que deve ser dada não será, obviamente, a de que está tudo bem. Bem pelo contrário, os desafios são tremendos para reparar o mundo natural, político, económico, social e religioso. A ganância, a desunião, as ideias populistas, o egoísmo selvagem do “salve-se quem puder” e a relativização deste acontecimento ou, ao contrário, a extrapolação, ao ponto de só se falar da Covid19, esquecendo os problemas da fome, da guerra, da amazónia, dos refugiados, do aquecimento global, da Síria ou do Iémen, do aproveitamento da Rússia ou da China em assediar os direitos humanos e, ao mesmo tempo, os países vizinhos, tudo isto demonstra falta de princípios e valores comuns, capazes de unir. Não só a União Europeia teve dificuldades em reagir, em delinear estratégias, mas todo o mundo, quase em geral, se viu com dificuldades. As quais só vieram demonstrar a necessidade de uma Organização das Nações Unidas forte, reformada e unida para que seja capaz de responder, com os seus organismos próprios, de forma eficaz, coerente e assertiva. Sem percebermos que “estamos todos no mesmo barco”, como nos diz o Papa Francisco, a desorientação pode dar origem a fechamentos ou acusações populistas e ignóbeis que só poderiam piorar as relações entre países.

Citando Bernard-Henry Lévi que fala das ideias de Levinas:

E não falo de Emmanuel Levinas, que estava convicto de que a afirmação do eu, longe de ser um empíreo da sabedoria, é, para todo o sujeito, a própria forma do seu veneno e de que a humanidade começa com a injunção rigorosamente oposta: primeiro o outro; o eu, de acordo, mas na condição de que se dirija imediatamente ao outro, o

encontro, o deixar-se levar, o extravasar, o exceder-se através da alteridade; o ele próprio, sim, se o desejarmos, mas partindo do princípio que é capaz de “*outrar-se*”, de se expatriar, de exceder os seus limites e de se fazer o anfitrião, o refém, o possessor do próximo; uma ética, diz ainda Levinas, não da interioridade, mas do rosto, ou seja, da responsabilidade e do infinito sem máscara; tudo o resto, dizia o autor de *Difficile Liberté*, é mentira, injustiça e violência exercida contra o sentido.²⁰⁰

Nesse sentido, alguns dos profissionais de saúde foram autênticos combatentes, ao abdicarem de estar com as suas próprias famílias, de descansarem convenientemente, de pensarem em si mesmos primeiro, mas pelo contrário capazes de irem para a frente da guerra, lutando pelo outro, de modo heroico.

O vírus do pânico, da ideologia, da monitorização tecnológica foram constantes ou variáveis que surgiram e mostraram um pouco do mundo que poderemos ter, caso as nossas escolhas sejam as menos racionais, do pior que o ser humano pode vir a fazer. Aliás, com a tecnologia atual espera-se que haja sempre no mundo líderes capazes de ver a realidade como ela merece ser vista, com responsabilidade mútua. Os agentes políticos serão sempre resultado de uma maioria. Resta saber se esta maioria tem um pensamento e uma ideologia realista, coerente e consciente.

Concluindo, no mundo próximo não se pretende tecnologia populista e controladora, desligada do sentido real da vida, nem um comunismo barato que não promova a dignidade da vida humana, muito menos um capitalismo selvagem que explora o planeta, que cria *offshores* para ricos, desligando-se totalmente do outro e da responsabilidade social. A aceitação de valores e princípios comuns, o bom senso de maiorias e líderes audazes e responsáveis é um caminho de procura por parte de quem perdeu um tesouro. A Maria Madalena disse Cristo que não O tocasse mas fosse dizer a seus irmãos que havia ressuscitado (Jo 20,17).

A Covid19 surgida no final do ano de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, afetou de um modo radical os nossos comportamentos e todas as nossas vidas. Assim, também escolas e faculdades tiveram de encontrar alternativas de ensino à distância. Alterou-se o percurso académico e da construção curricular de modo muito acentuado.

O sexto dois (6º-2) viu as suas aulas alteradas para as sextas-feiras, pelas 9h00. São aulas de trinta (30) minutos, assíncronas, onde os alunos não são obrigados a marcar presença a essa hora. Há um grupo de cerca de 12 alunos que fazem questão de estar presentes e realizam as tarefas propostas com empenho.

No entanto, a participação de alguns alunos tem sido fraca, devido à incapacidade de meios, nomeadamente no diz respeito o acesso à internet. Verificam-se situações de encarregados de educação que têm dificuldades de ordem económica e de utilização de meios

²⁰⁰ Bernard-Henri Lévy, *Este vírus que nos enlouquece*, (Lisboa: Guerra e Paz, 2020), 58-59.

digitais, tais como computadores pessoais. Inclusive, quatro alunos da turma estão a receber os documentos e tarefas em suporte de papel. Vários alunos estão a ir buscar à escola as refeições (escalão A). Outros estão a receber cabazes de alimentos da Cáritas, junta de freguesia e da escola, através do GAAF (Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família). Isto, porque a Professora Maria José e a Diretora de Turma têm sido atentas a todas estas situações.

Na turma há famílias com problemas de relacionamento pessoal e de alguma violência doméstica, uma vez que estão juntos longos períodos, devido ao confinamento que foi outrora exigido.

A diretora de turma tem estado muito atenta à situação e em constante contacto com os colegas, conselho de turma e psicólogos, no sentido de minorar a gravidade da situação.

A articulação necessária entre os docentes e alunos teve de ter em conta as condições de exequibilidade de cada aluno nas tarefas que são pedidas, semanalmente.

Privilegiou-se os formatos visuais na sua forma digital, através de filmes, jogos e powerpoints.

A Covid19 fechou-nos em casa, esvaziando ruas e praças de cidades de uma forma inédita. Trouxe medo, pobreza e desigualdades, mas a esperança permanece firme. O trabalho em comunidade tornou-se vital. Um perfeito exemplo são os “cabazes da Sanches” que trouxeram um pouco de alento e sentido de dignidade para algumas pessoas. Bem-haja a comunidade educativa por esta iniciativa.

Estamos juntos! Semeando anticorpos de esperança.



Alguns elementos do GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

7. Aulas planificadas e lecionadas

Neste ponto introduzimos as aulas e o modo como foram elaboradas para os alunos.

7.1 Aula 1 – Introdução à unidade letiva “A Partilha do Pão”

Descrição da aula 1

O professor acolhe e saúda os alunos e alunos da turma, apresentando a Professora Doutora Isabel Varanda e os restantes colegas. Seguidamente, pede aos alunos/as para registarem a lição e o respetivo sumário no caderno de registo diário. Depois do registo do sumário o professor apresenta o tema “A Partilha do Pão”, falando genericamente sobre a alimentação humana, tendo um diálogo vertical com os alunos/as e escrevendo no quadro as palavras do “brainstorming” que lhes sugere o tema da aula. O diálogo decorre acerca da importância e das razões da alimentação humana. Sobre como é vital repor energias, crescer e conviver à mesa. Sobre o património histórico e cultural de cada região do globo e de cada povo e de como é possível ao viajar descobrir tantos sabores, produtos e comidas tão diferentes entre elas no gosto e na confeção. Ainda uma ressalva, sobre como Portugal foi um país capaz de trazer tantos produtos do globo, para que hoje a gastronomia portuguesa seja uma das mais ricas, diversificadas e elogiadas do mundo. Neste diálogo, procurou-se a interdisciplinaridade, descrevendo um pouco a história da alimentação, falando da importância da sedentarização, das primeiras civilizações à volta da Mesopotâmia, do mundo greco-romano e da cultura mediterrânica.

Decorrido o diálogo, apresentou-se um powerpoint sobre a comida tradicional de cada país, enriquecendo e pondo à prova a cultura geral gastronómica dos alunos/as, permitindo que cada um pudesse falar da sua experiência, uma vez que alguns alunos são originários do Brasil. Distribuiu-se, ainda, uma folha A4 com um exercício, onde os alunos/as teriam de fazer corresponder o produto à respetiva região, sendo depois corrigido.

Por fim, foi perguntado aos alunos/as se algum deles/as seria alérgico a especiarias. Visto que todos se manifestaram negativamente à questão, foram distribuídas pequenas sacas com especiarias, onde os alunos/as podiam ver os produtos e ler em pequenos textos um pouco da história, da origem, da botânica e dos benefícios salutareos de cada produto. Procurou-se, novamente, a interdisciplinaridade. Tendo passado o tempo regulamentar, deu-se por concluída a aula e a despedida dos alunos/as.





Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 1/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 2/3/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none">AcolhimentoRegisto do sumário, no quadro, pelo professor		Quadro / Caneta	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
<ul style="list-style-type: none">Cultura cristã e visão cristã da vida	<ul style="list-style-type: none">Compreender a dimensão simbólica da refeição	<ul style="list-style-type: none">A alimentação:<ul style="list-style-type: none">- a refeição;- a refeição como festa e experiência de encontro;- o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.	<ul style="list-style-type: none">Apresentação geral sobre o tema da alimentaçãoBrainstorming / Diálogo vertical com os alunos sobre a alimentação humanaApresentação da alimentação em diferentes culturasExperiência com especiarias e pequeno exercício	<ul style="list-style-type: none">Conhecedor / Culto / Informado BCrítico / Analítico C, DConhecedor / Culto / Informado BConhecedor / Culto / Informado B	<ul style="list-style-type: none">Texto sobre a alimentação humanaQuadro / CanetaPowerpoint sobre a comida tradicional de diferentes paísesPequenas sacas com especiarias e exercício em folha de papel A4	<ul style="list-style-type: none">10'10'10'15'	<ul style="list-style-type: none">Grelha de observação direta da Atenção e EmpenhoParticipação organizadaGrelha de observação direta daAtenção e Empenho

7.1 Aula 2 – A dimensão simbólica da refeição

Descrição da aula 2

A partir deste momento as aulas tornaram-se assíncronas, devido à pandemia da Covid19, já não se fala de descrição das aulas, mas de planeamento e de hipótese. Os trabalhos e atividades a fazer passaram a ser colocados na sala de aula virtual, onde os alunos/as podiam aceder e concretizar a sua aprendizagem.

Iniciamos a aula número dois sobre “A Partilha do Pão”, acolhendo os alunos/as e registando o sumário no caderno diário. Depois, iniciar-se-ia um diálogo com os alunos/as acerca da aula anterior, recordando o que tinha sido falada nessa mesma aula. Após esse diálogo, veriam um PowerPoint sobre os símbolos judaicos da refeição: água, pão, vinho, azeite e o cordeiro. Seria aprofundada de forma contundente essa simbologia e o seu significado cultural e religioso, até aos dias atuais, entregando um texto em folha de papel A4 que seria lido e refletido, em diálogo, com os alunos/as. Finalmente, a despedida.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 2/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 9/3/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none">AcolhimentoRegisto do sumário, no quadro, pelo professor		Quadro / Caneta	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
			<ul style="list-style-type: none">Diálogo sobre o tema da alimentação humana, recordando os conteúdos abordados na aula anteriorLeitura e interpretação de símbolos presentes na refeição, nomeadamente na Tradição Judaico/cristãElementos simbólicos da refeição	<p>Conhecedor / Culto / Informado B</p> <p>Crítico / Analítico C, D</p> <p>Conhecedor / Culto / Informado B</p>	<p>Quadro / Caneta</p> <p>PowerPoint sobre a simbologia de alguns alimentos</p> <p>Questionário individual</p>	<p>10'</p> <p>20'</p> <p>15'</p>	<p>Grelha de observação direta da Atenção e Empenho</p> <p>Participação organizada</p> <p>Avaliação das respostas</p>

7.3 Aula 3 – Produção, comércio e distribuição injusta dos alimentos

Descrição da aula 3

Iniciar-se-ia a aula com o acolhimento, o sumário e recordar-se-ia o que foi dado na aula anterior. Seguir-se-ia um diálogo vertical com os alunos/as sobre os bens que se produzem e a sua injusta distribuição global. Abordar-se-ia depois, num PowerPoint, a questão da fome e da pobreza. Proceder-se-ia depois à visualização de um documentário sobre a fome no Brasil. No final, comentar-se-ia o documentário e retirar-se-ia conclusões e aprendizagens, com base na realidade humana. Finalmente, a despedida dos alunos/as.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 3/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 16/3/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
		SUMÁRIO: PRODUÇÃO, COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO INJUSTA DOS ALIMENTOS	<ul style="list-style-type: none">• Acolhimento• Registo do sumário		Caneta Quadro Caderno do aluno	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
• Cultura cristã e visão cristã da vida	• Identificar situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição dos bens	• A produção e o comércio dos alimentos • A fome e a subnutrição • A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade	• Diálogo com os alunos sobre a produção e distribuição injusta de bens • A fome e a pobreza • Apresentação das razões da má distribuição de bens, da fome, pobreza em diálogo com os alunos/as	Conhecedor / Culto / Informado B	Oralmente	5'	Grelha de observação direta da Atenção e Empenho
				Crítico / Analítico C, D Conhecedor / Culto / Informado B	Oralmente PowerPoint sobre a fome e pobreza		

			<ul style="list-style-type: none">• Visualização de um vídeo sobre a problemática da fome no mundo• Conclusão da aula e despedida		https://www.youtube.com/watch?v=M60Rqo1gkQs	30´	Atenção e empenho / Participação organizada
--	--	--	--	--	---	-----	---

7.4 Aula 4 – Instituições que lutam contra a fome

Descrição da aula 4

Acolhidos os alunos/as, proceder-se-ia ao registo do sumário no caderno diário e recordar-se-ia a aula anterior. Depois disto, seguir-se-ia três pequenos vídeos sobre a FAO e um outro sobre o Banco Alimentar Contra a Fome, seguido de diálogo com os alunos/as. Seriam, ainda, apresentados dois PowerPoints sobre as instituições nacionais e internacionais que lutam contra a fome, a pobreza e a exclusão social no mundo. Depois disto, a despedida.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 4/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 23/3/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário 		Caneta, Quadro Caderno do aluno	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
<ul style="list-style-type: none"> • Cultura cristã e visão cristã da vida 	<ul style="list-style-type: none"> • Caraterizar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome 	<ul style="list-style-type: none"> • Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) e Bancos Alimentares Contra a Fome 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo revisionista e diagnóstico com os alunos • Vídeos sobre a FAO e o Banco Alimentar Contra a Fome 	Conhecedor / Culto / Informado B Crítico / Analítico C, D	<ul style="list-style-type: none"> https://www.youtube.com/watch?v=SdZX3vfutXI https://www.youtube.com/watch?v=OGFaTo2qUCY https://www.youtube.com/watch?v=RSvDrMje7Ps&t=34s https://www.youtube.com/watch?v=Vd3H4q_D6XA Apresentação de dois PowerPoints	5' 5' 5' 10' 15'	Grelha de observação direta da Atenção e Empenho Atenção aos vídeos Participação organizada

			• Percepção geral da luta contra a fome	Conhecedor / Culto / Informado B			
--	--	--	---	----------------------------------	--	--	--

7.5 Aula 5 – Visualização de um filme sobre a Última Ceia

Descrição da aula 5

Acolhidos os alunos/as e feito o registo do sumário no caderno diário, seguir-se-ia a visualização de um filme sobre a Última Ceia. No final, um diálogo vertical com os alunos/as acerca do que visualizaram e da sua importância. Finalmente, a despedida.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 5/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 30/3/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário							
SUMÁRIO: VISUALIZAÇÃO DE UM FILME SOBRE A ÚLTIMA CEIA			<ul style="list-style-type: none">• Acolhimento• Registo do sumário, no quadro, pelo professor		Quadro Caneta Caderno do aluno/a	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
<ul style="list-style-type: none">• Cultura cristã e visão cristã da vida	<ul style="list-style-type: none">• Explicar o significado dos relatos da Última Ceia	<ul style="list-style-type: none">• A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor• O Lava-pés, sinal de serviço de Jesus por amor aos outros.	<ul style="list-style-type: none">• Visualização de filme sobre a Última Ceia• Diálogo com os alunos sobre a mensagem do filme <p>Conclusão da aula e despedida</p>	Conhecedor / Culto / Informado B Crítico / Analítico C, D	https://www.youtube.com/watch?v=F-Bgo8cSL7A Oralmente	30' 15'	Grelha de observação direta da Atenção e Empenho Participação organizada

7.6 Aula 6 – Ser para os outros como doação de si mesmo

Descrição da aula 6

Receção e acolhimento dos alunos/as, seria feito o registo do sumário no caderno diário. Depois, seriam introduzidos num pequeno jogo de questões e corrigidas as mesmas. Seguir-se-ia a visualização de três pequenos filmes sobre o voluntariado e a solidariedade. Um quarto filme sobre os Bombeiros do distrito de Braga. No final um diálogo vertical sobre o que foi visto e com o testemunho pessoal do professor acerca do que é ser voluntário. Terminaria com a despedida de todos.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A PARTILHA DO PÃO

Aula n.º 6/6

Ano: 6º Turma: 2

Data: 6/4/2020

Tempo previsto: 50'

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário SUMÁRIO: SER PARA OS OUTROS COMO DOAÇÃO DE SI MESMO			<ul style="list-style-type: none">• Acolhimento• Registo do sumário, no quadro, pelo professor		<ul style="list-style-type: none">QuadroCanetaCaderno do aluno/a	5'	Grelha de observação direta da Assiduidade Pontualidade Atenção
• Cultura cristã e visão cristã da vida	• Descobrir que a partilha dos bens supõe a partilha de si • Assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade	• Ser pão para os outros: doação de si mesmo, o amor partilhado com os mais necessitados	• Jogo e correção oral	Conhecedor / Culto / Informado B Crítico / Analítico C, D	https://learningapps.org/view11646630	10'	Grelha de observação direta da Atenção e Empenho Participação organizada
			• Vídeo e diálogo		https://www.youtube.com/watch?v=uuVyJInktjg	10'	
			• Vídeo e diálogo		https://www.youtube.com/watch?v=lt15LxsdK-A	10'	
			• Vídeo e diálogo		https://www.youtube.com/watch?v=0siLfsfXyBo	10'	

			• Vídeo (bombeiros do distrito de Braga) e diálogo	Conhecedor / Culto / Informado B	https://www.youtube.com/watch?v=pmjDFpx1n7M	5'	
--	--	--	--	--	---	----	--

CONCLUSÃO

O Altar figura como o centro do espaço celebrativo cristão, o seu princípio de unidade e ponto de referência mais imediato.

A partir do século IV, o Altar eucarístico foi relacionado com o sepulcro dos mártires - as suas relíquias. Nos dias de hoje, essas relíquias, não sendo obrigatórias, devem ser depositadas sob o Altar e não sobre ele ou dentro dele.²⁰¹

Nos primeiros séculos da era cristã, o Altar era um elemento independente. Durante a Idade Média, ele estava disposto junto à parede ou abside do fundo. Atualmente, ele deve ficar afastado da parede, para permitir que o ministro de Deus celebre a Eucaristia de frente para a comunidade cristã.²⁰²

Corroboramos da opinião de Maria Isabel Roque quando afirma que o “Altar é um ponto de ligação entre o humano e o divino, pelo que, o lugar que ocupa no templo se situa, concreta e simbolicamente, no ‘sancta sanctorum’, o Santo dos santos.”²⁰³ Inquestionavelmente, o Altar é considerado o elemento litúrgico mais relevante dos templos cristãos. É sobre ele que se concretiza o sacramento da Eucaristia (ação de graças), onde o pão e o vinho se transformam na carne e no sangue de Cristo, acabando por ser renovado em cada cerimónia o Seu sacrifício como promessa de redenção de toda a humanidade:

Indubitavelmente, o altar é o elemento litúrgico mais importante dos templos cristãos. Sobre ele se encena o sacramento da Eucaristia (ação de graças) no pão e no vinho transubstanciados em corpo e sangue de Cristo de forma atualizada, assim, em cada cerimónia, o seu sacrifício surge como promessa de salvação da humanidade.²⁰⁴

Após o Concílio Vaticano II, a orientação utilizada na celebração “*versus populum*” surge, nos dias de hoje, como o verdadeiro fruto da inovação litúrgica. Na verdade, ela é a consequência mais notória da reestruturação, que não só implica o ordenamento exterior dos lugares litúrgicos, mas também uma nova compreensão da natureza da liturgia enquanto ceia.

²⁰¹ Cerimonial dos Bispos, 866c, acedido em 6 de outubro de 2020, disponível online em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/download.php?arquivo=uploads/cerimonial-dos-bispos-0492521.pdf&nome=cerimonial-dos-bispos-0492521.pdf>.

²⁰² Instrução Geral do Missal Romano, n.º 299.

²⁰³ Maria Isabel Roque, *Altar Cristão – Evolução até à Reforma Católica*, (Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2004), 11.

²⁰⁴ Fernando Arce Sainz, *Creencias, símbolos y ritos religiosos – El Altar Cristiano Altomedieval*, (Salamanca: Universidade de Salamanca, 2000), 82.

Nessa perspetiva, o dualismo mesa/Altar permanece vivo e essa ambivalência é perceptível quando se usam os termos Altar e mesa, considerados muitas vezes como antitéticos. Porém, é possível observar que esse elemento ocupa o seu lugar no tempo e que o uso do mesmo apresenta um valor rememorativo (símbolo sacramental) representativo do sacrifício de Jesus e, ao mesmo tempo, centralizador.

Em qualquer investigação, pode existir sempre carência de perspetivas, até porque nenhum trabalho pode ser considerado como fechado. A temática do Altar remete os alunos (as) para a aquisição e compreensão da linguagem simbólico-religiosa cristã. Nesse sentido, torna-se fundamental que a visão dos alunos (as) seja capaz de identificar o Altar como símbolo do próprio Cristo. A pedagogia usada na unidade letiva “A Partilha do Pão” e nas aulas de estágio teve como objetivo colocar no centro o Altar como um local de partilha e de dádiva total de si mesmo aos outros. Este objetivo parece-nos que pode ser atingido, na medida em que se pode perceber o género de relação que se deve estabelecer com o divino, com o outro e com o mundo. Porém, este método pedagógico e tema podem e devem ser mais aprofundados, tal como um estudo do Altar numa vertente mais técnica e menos litúrgica, com outras perspetivas, igualmente interessantes. Mas, sem dúvida que a pandemia foi uma das maiores dificuldades nos tempos de investigação e lecionação, porque impediu uma relação e um encontro direto com as ideias e o pensamento dos alunos/as.

Cada objeto é, como refere Maria Roque: “um universo único e específico e cada ponto de vista, cada ângulo de observação, é parcial e redutor.”²⁰⁵ Logo, sempre que for necessário projetar novas investigações sobre esta temática, é indiscutivelmente possível usando, para o efeito, novas perspetivas e outra literatura de índole religiosa que podem servir de base para outros estudos relacionados com o Altar.

²⁰⁵ Maria Isabel Roque, *Altar Cristão – Evolução até à Reforma Católica*, (Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2004), 15.

BIBLIOGRAFIA

Magistério da Igreja

Concílio Vaticano II. «Constituição Conciliar *Sacrossactum Concilium*». Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

Concílio Vaticano II. «Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*». Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

Concílio Vaticano II. «*Instrução da Sagrada Congregação dos Ritos para a Aplicação da Constituição Sobre a Sagrada Liturgia*». Lisboa: União Gráfica, 1964.

Concílio Vaticano II. «Constituição Dogmática *Lumen Gentium*». Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1998.

Papa Bento XVI. *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro com os artistas na Capela Sistina*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009.

Papa João Paulo II, *Carta do Papa João Paulo II aos artistas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

Papa Paulo VI, *Homilia da missa aos artistas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1964.

Bibliografia geral

Abad, José Antonio e Garrido, Manuel. *Iniciación a la Liturgia de la Iglesia*. Madrid: Ed. Palavra, 2007.

AGOSTINHO, *Tratado contra Fausto*.

Arocena, Felix. *El altar Cristiano*. Barcelona: Centro de Pastoral Litúrgica, 2006.

Atti di Tommaso 49, in A. Hanggi, I. Pahl, *Prex eucharistica. Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti*. Friburgo: Éditions universitaires, 1968.

Bright, John. *História de Israel*. S. Paulo: Edições Paulinas, 1985.

Bugnini, Annibale. *La Riforma Litúrgica*.

Carvalho, Joaquim F. *O Problema da Adaptação Litúrgica*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2000.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

Clerck, Paul De. “Il significato dell’altare nei rituale della dedicação”, in *L’altare*. Magnano: Edizioni Qiqajon, Cominità di Bose, 2005.

Código de Direito Canónico. Braga: Edições Theologica, 1997.

Comissão Episcopal Italiana, Nota pastoral *A projeção de novas igrejas*, Roma: 1993, 4.

Costa, Bernardino, *Espaço celebrativo*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015.

Debuyst, Frédéric. “L’altare: opera d’arte o mistero di presenza?”, in *L’altare mistero di presenza, opera dell’arte*. Magnane: Edizioni Qiqajon, 2005.

Delors, Jacques, In’ Am Al-Mufti, Isao Amagi, Roberto Carneiro, Fay Chung, Bronislaw Geremek, William Gorham, Aleksandra Kornhauser, Michael Manley, e Marisela Padrón Quero. *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Traduzido por José Carlos Eufrazio. S. Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 1998.

Denziger, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. S. Paulo: Paulinas, 2007.

Durando, Guilherme. *Rationale divinatorum officiorum*.

Esteves, José e Cordeiro, José. *Liturgia da Igreja*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2008.

Frade, Gabriel. *A Influência do Movimento Litúrgico na Arquitetura das Igrejas Paulistanas da Época Pré-Vaticano II: Igreja N. Sra. Da Paz, Capela do Cristo Operário e Igreja de S. Domingos*. São Paulo: 2005.

Ferreira, José. *A Celebração Eucarística como Lugar Privilegiado da Comunicação de Deus*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015.

Ferreira, José. *A Dedicção da Igreja e Altar*, in Boletim de Pastoral Litúrgica. Aveiro: Secretariado Nacional de Liturgia, 1990.

Ferreira, José Da Costa. “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1963.

Ferreira, Mário Jorge. *A Reforma litúrgica do Vaticano II. A importância da música para a participação dos fiéis na liturgia*. Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2015.

Gelin, Albert. “O altar no Antigo Testamento”, in *La Maison-Dieu* 29, 1952.

Gerhards, Albert. “Teologia do Altar”, in *L’altare*. Magnano: Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 2005.

Gregório Magno, *Homília para o dia das luzes, no qual foi batizado nosso Senhor Jesus Cristo*.

Guardini, Romano. *La Messe*. Paris : Cerf, 1957.

INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Carta aos fiéis de Trale*, in *As cartas*, Jerónimo Contini (tradução), Coleção “Patrística”, (Lisboa: Edições Paulistas, 1960), Vol. 4.

Iniguez, Juan Antonio. *El altar cristiano*. Vol. I. Navarra: Ed. Universidade de Navarra, 1978.

Iniguez, Juan Antonio. *El altar cristiano*. Vol. 2. Navarra: Ed. Universidade de Navarra, 1978.

IRENEU DE LEÃO, *Adversus Haeresis*, in *Patrística*, (S. Paulo: Paulus, 1995).

Isnard, Clemente. *A Constituição De Sacra Liturgia*.

JERÓNIMO, *Tratado contra Vigilância*, 23, 346, in *Tratados Apologéticos*, (Manuel Casquero e Mónica Celestino tradução), (Madrid: BAC, 2009), Vol. 8.

João A. Correira, Para uma simbólica do pão (I, II), in *Diário do Minho*, Braga, 3 e 10 de agosto de 2020, 2, 3.

JUSTINO, *I Apologia*, *Atti di Tommaso* 49, in A. Hanggi, I. Pahl, *Prex eucharistica. Textus e variis liturgiis antiquioribus selecti*, (Friburgo: Éditions universitaires, 1968).

Konings, Johan. *Evangelho segundo João amor e fidelidade*. S. Paulo: Loyola, 2005.

Leão Magno, *De ascensione Domini*.

Leclercq, Henri. “Autel”, in *Dictionnaire d’Archéologie Chrétienne et de Liturgie*. Vol. I. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1907.

Lercaro, Giacomo. “Directives du «Consilium» aux évêques d’Afrique du Nord”, in *La Documentation Catholique*, n° 1470, 1966, 806.

Lercaro, Giacomo. “Instruction pour l’exécution de la Constitution sur la liturgie”, in *La Documentation Catholique*, n° 1435, 1964, 1359.

Lercaro, Giacomo. “Précisions sur l’application de la réforme liturgique”, in *La Documentation Catholique*, n° 1455, 1965, 1579.

Lévy, Bernard-Henri. *Este vírus que nos enlouquece*. Lisboa: Guerra e Paz, 2020.

Levinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.

Manley, Michael. *Educação, Autonomização e Reconciliação Social*, in *Educação um Tesouro a Descobrir*. S. Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 1998.

Martins, Guilherme d'Oliveira. *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2017.

Mazza, Enrico. “Tavola e Altare: Due Modi non Alternativi Per-Designare un Oggetto Liturgico”, in *L'altare mistero di presenza, opera dell'arte*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2005.

MIGNE. Paris: Excudebat Sirou, 1884.

Milani, Eliva. *Arquitetura, Luz e Liturgia: Um Estudo da Iluminação nas Igrejas Católicas*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

Oliveira, Manuel A. “Ara”, in *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*. Vol. II. Lisboa: Verbo, 1964.

Oliveira, Raimundo Duarte De. “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1963.

Optat De Milève, *Traté contre les Donatistes*, in *Sources Chrétiennes*, Paris: Les Éditions du cerf, 1996, Vol. 2.

Pires, Paulo. *Dimensão Sacrificial da Eucaristia: Do Concílio de Trento ao Magistério contemporâneo*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2013.

Pontifical Romano, *Dedicação da Igreja e do Altar*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1990.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Espírito da Liturgia*. Lisboa: Paulus, 2001.

Richter, Klemens. “Comunità, Spazio Liturgico e Altare”, in *L'altare mistero di presenza, opera dell'arte*. Magnane: Edizioni Qiqajon, 2005.

Richter, Klemens. *Spazio Sacro e Immagini di Chiesa*. Bologna: EDB, 2002.

Righetti, Mario. *Historia de la liturgia*. Madrid: BAC, 2013.

Rocha, Pedro. “Altar”, in *Enciclopédia Verbo*. Vol. I. Lisboa: Verbo, 1963.

Roque, Maria Isabel. *Altar Cristão – Evolução até à Reforma Católica*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2004.

Saint-Martin, Isabelle. *Organisation de l'enseignement de l'histoire des arts*. Paris: Bulletin officiel, nº32, 2008.

Saint-Martin, Isabelle. *Peut-on parler des religions à l'école?*. Paris: Éditions Albin Michel, 2019.

Sainz, Fernando Arce. *Creencias, símbolos y ritos religiosos – El Altar Cristiano Altomedieval*. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2000.

Santos, José e Pedroso, José. *Referencial Dimensão Europeia da Educação*. Lisboa: Direção Geral da Educação, 2016.

Sartore, Domenico e Triacca, Achille. *Nuevo Dicionário de Liturgia*. S. Paulo: Paulus, 1992.

Singh, Karen Singh. *Educar para a Sociedade Mundial*, in *Educação um Tesouro a Descobrir*. S. Paulo: UNESCO/Cortez Editora, 1998.

Sousa, Duarte. *A Oração da Dedicção no Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar: leitura bíblico-teológica*. Dissertação de Mestrado em Teologia apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2012.

Tena, Pere. *Comentario al ritual de Dedicación de iglesias*, in *Las iglesias e su dedicación*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1990.

TERTULIANO, *Adversus Marcionem*, in *Sources Chrétiennes*, René Braun (tradução). Paris: Les Éditions du cerf, 2001, Vol. 4.

TERTULIANO, *De oratione*, in *Fuentes Patristicas*, Juan Calvo (director da coleção). Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 2006.

Tomás de Aquino, *Suma Teológica*. S. Paulo: Edições Loyola, 2006.

Sitiografia

Cerimonial dos Bispos, acessido em 6 de outubro de 2020, <https://www.arquidiocesedeGOiania.org.br/download.php?arquivo=uploads/cerimonial-dos-bispos-0492521.pdf&nome=cerimonial-dos-bispos-0492521.pdf>.

Dedicção da Igreja e do Altar – Pontifical Romano, acessido em 8 de julho de 2020, disponível online em: < http://www.liturgia.pt/pontificais/Dedicacao_Igreja_Altar.pdf>.

Formação Litúrgica – Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Campo Belo (Minas Gerais), acessido em 10 de julho de 2020, http://www.paroquianossasenhoadocarmo.com/jornal/201007formacao_liturgica.htm.

Instrução Geral do Missal Romano, acessido em 6 de junho de 2020, <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/01MISSALROMANO.html>.

Papa Francisco, *Documento Sobre A Fraternidade Humana Em Prol Da Paz Mundial E Da Convivência Comum*, Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019, acessado em 5 de julho de 2020, vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.

Reginaldo Marcolino, *O Concílio Vaticano II e a Redescoberta da Participação Ativa dos Fiéis na Liturgia*, 2015, acessado em 8 de junho 2020, <http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/73>.

“Sentido Teológico-Litúrgico do Altar Cristão”, acessado em 11 de janeiro de 2020, <https://afeexplicitada.wordpress.com/2015/04/30/sentido-teologico-liturgico-do-altar-cristao>.